



1290003243

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



ALEXANDRE ANTONIO FÉLIX

MU/DANÇA:
a percepção da dança na vida de
dançarinos com e sem deficiência física.

Campinas
2006

ALEXANDRE ANTONIO FÉLIX

MU/DANÇA:

**a percepção da dança na vida de
dançarinos com e sem deficiência física.**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para conclusão do
Curso de Especialização em Atividade
Motora Adaptada.

Orientador: Edison Duarte

Campinas
2006

UNIDADE	FEF/1207
N.º CHAMADA:	
	TCL/UNICAMP
	F335m
V.	Ex.
TOMBO BC/	3243
PROC	
C	☐
D	☒
PRECO	R4
DATA	17/05/2004
N.º CPD	852953

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

F335m Felix, Alexandre Antonio.
Mu/dança: a percepção da dança na vida de dançarinos com e sem deficiência física / Alexandre Antonio Felix. - Campinas, SP: [s.n], 2006.

Orientador: Edison Duarte.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Percepção social. 2. Interação social. 3. Integração social. 4. Dança - Percepção. 5. Deficientes físicos. I. Duarte, Edison. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

ALEXANDRE ANTONIO FÉLIX

MU/DANÇA:

**a percepção da dança na vida de
dançarinos com e sem deficiência física.**

Este exemplar corresponde à redação final da Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para conclusão do Curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada defendida por Alexandre Antonio Félix e aprovada pela comissão julgadora em: 30/03/06.

Edison Duarte
Orientador

Jose Luis Rodrigues
Componente da banca

Merlyn Göese Schveitzer
Componente da banca

Campinas
2006

Dedicatória

Dedico este trabalho, em especial, a todos os componentes do Grupo RodaPés, que me proporcionaram uma grande experiência de vida: a de dançar/viver momentos tão intensos, especiais e transformadores. Vocês realmente são muito diferentes das pessoas “normais”.

Agradecimentos

Pode até parecer uma certa incoerência, mas este documento se “restringe” a uma nova etapa concluída por mim. Sei da sua importância e que pode auxiliar na construção da ciência e da vida. Pode ainda, vir a legitimar um trabalho real, que acontece com muita luta e que busca combater o preconceito e a discriminação ao mesmo tempo em que contempla a diversidade da vida, o que é a identidade do Projeto RodaPés. No entanto sei também, que o alcance social deste estudo é limitado e que estes escritos ficarão à disposição de poucas pessoas, numa ilógica entretanto cômoda situação e poucos perderão seu precioso tempo em pensar nisso. Certamente, muitos caminhos diferentes deste que foi seguido, serão apontados por críticos ávidos em identificar os erros metodológicos, científicos, os quais não terão a chance de vislumbrar a beleza do inexplicável, do que não se pode cientificar. Mas é justamente isso que me faz acreditar e realizar este estudo, já que decidi edificar e viver a vida de forma honesta, tão contrária a impunidade vigente. Resolvi construir, junto com outras pessoas, o considerado impossível, frente às problemáticas sociais, acreditar nos desacreditados, mesmo sabendo que o mais fácil e cômodo é dizer, “isso é assim mesmo”, “não tem jeito”, “é o sistema”, “desde antes isso já era assim”.

Acredito que com tal posicionamento, nos tornarmos livres e éticos, sei que alguns poderão dizer: “é pura ideologia”, “é inútil”, todavia parafraseando com a poetisa Ana Carolina, a esperança é imortal, e sabemos que não dá mais para mudar o começo, mas com certeza podemos mudar o final.

Nesta oportunidade agradeço a Deus em primeiro lugar, pelas oportunidades que tive na vida de rever tantos erros e apesar de continuar errando em algumas coisas, saber que sem Ele é impossível tentar prosseguir.

Especialmente a minha mãe Milcira de Lima Félix, que certamente é a razão de qualquer coisa que eu chegue a realizar em minha vida.

A minha amada Gisele Cola, no momento em que as palavras se tornam mínimas para expressar tudo o que desejo a quem é a minha vida.

Também à minha irmã Amanda Félix, pelos momentos, que a cada dia são os melhores em nossa existência.

A Vó Zeca, Tia Dala e ao Tio Chico, que são exemplos de sabedoria, perseverança e humildade.

A todos os meus familiares e amigos que estão sempre presentes enriquecendo o meu dia-a-dia.

Ao professor e orientador Edison Duarte, que a cada encontro não se limitou ao trabalho de orientação, mas trocou conosco: sonhos, ideais, realizações, possibilidades, experiências e danças.

Aos professores do curso de especialização: professora Consolação, que além de um direcionamento científico, nos orientou nos caminhos da vida; ao professor Paulinho, por compartilhar os mesmos espaços conosco e dessa forma estreitar os laços entre o aluno e o professor; ao professor Gavião, que trouxe mais visão aquilo que pouco enxergávamos; e ao professor Zé Luis, que por valorizar a essência da vida em suas aulas, foi muito, mas muito significativo em minha trajetória.

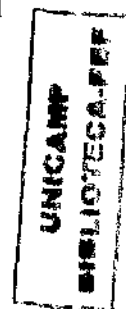
FÉLIX, Alexandre A. **MU/DANÇA: a percepção da dança na vida de dançarinos com e sem deficiência física**. 2006. 162f. Monografia do Curso de Especialização Atividade Motora Adaptada-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

Historicamente, é possível observar que a dança esteve presente na vida do homem, desde os tempos mais remotos da civilização. Ao longo do tempo, os seres humanos vêm empregando significados próprios a este tipo de arte e desta maneira surgem novos estilos e formas. Nesse presente contemporâneo, a dança é possível de ser realizada por pessoas com deficiência física, devendo ser encarada como uma manifestação expressiva da totalidade do ser que a pratica. Diante dos fatos apresentados, este trabalho teve como objetivo constatar a percepção de dançarinos com e sem deficiência física frente às possíveis modificações nas atitudes de suas vidas, após iniciarem o trabalho de dança. Para isso, optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa, na qual utilizamos a entrevista semi-estruturada para realização da coleta das informações; e o método de análise do conteúdo para tratamento dos dados. Dessa forma, foi possível constatar as mudanças ocorridas nas atitudes da vida de dançarinos com e sem deficiência física, a partir de suas experiências junto ao Grupo artístico RodaPés. No decorrer da pesquisa, a temática foi desenvolvida através do seguinte eixo: a construção do referencial teórico, no qual trouxemos as considerações históricas em torno da dança, da dança em cadeira de rodas e da dança e a vida; a descrição metodológica do estudo, apresentando os critérios utilizados, bem como a proposta da análise de conteúdo; a discussão dos resultados em cinco categorias: dança, corpo, cadeira de rodas, interação social e diversidade. Tecemos considerações que nos permitem afirmar, que para esse grupo pesquisado, a dança é um meio de revalorização e resignificação social. Como meio de expressão de sentimentos, ela possibilitou estabelecer um diálogo com o espectador/sociedade, em que observamos direcionados novos olhares, novos valores e entendimentos em relação às pessoas com deficiência física que dançam.

Palavras-Chaves: percepção social; interação social; integração social; dança – percepção; deficientes físicos.

FÉLIX, Alexandre A. **CHANGE: the perception of dance in the lives of dancers with and without disabilities**. 2006. 162f. Specialization Course in Adapted Motor Skills Monograph. Physical Education Course. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.



ABSTRACT

Historically, it is possible to observe dance in the life of man since the beginning of civilization. Over the ages, human beings have given different meanings to this art and therefore, new styles and forms arise. Nowadays, dancing can be performed by people with disabilities which should be faced as a total expressive manifestation of the person who practices it. In face of these facts, this work has as its aim to observe perception of dancers with and without disability and the possible behavior modifications in their lives after taking up dancing. We have opted, therefore, for a qualitative research in which we used a semi-structured interview for data collection. And also the content analyses method for data handling. It was possible to notice changes in the behavior of dancers with and without disability in the experiences with the artistic group RodaPés. All along the research, the theme was developed through the following axis: the theoretical referential construction, in which we brought the historical considerations around dancing, dancing on wheelchairs and dancing and life; the methodological description of the study, presenting the criteria as well as the content analyses proposal, results discussion in five categories: dancing, body, wheelchair, social interaction, and diversity. We have reached conclusions which allow us to state that, for the group studied, dancing is a way to a social reevaluation and resignification. As a means to express feelings, it allowed a dialogue with the audience/society, in which we observed a different way to look at it, new values and understading in relation to people with disability who dance.

Key-Words: social perception; social interaction; dancing - perception; people with disabilities.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1	DVD: Mudança.....	129
Apêndice 2	Indicadores dos Discursos.....	130
Apêndice 3	Roteiro das Entrevistas.....	136
Apêndice 4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	137
Apêndice 5	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores.....	138
Apêndice 6	Transcrição das Entrevistas.....	139

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1 Considerações sobre a História da Dança	14
2.1.1 Os Primeiros Atos	15
2.1.2 A Antiguidade Clássica	17
2.1.3 A Idade Média	19
2.1.4 A Idade Moderna	21
2.1.5 A Idade Contemporânea	24
2.1.6 Considerações sobre a História da Dança no Brasil	32
2.2 Considerações sobre a História da Dança em Cadeira de Rodas	34
2.2.1 Considerações sobre a História da Dança em Cadeiras de Rodas no Brasil	38
2.3 A Dança e a Vida	42
3 METODOLOGIA	51
3.1 Natureza da Pesquisa	52
3.2 Critérios para a Escolha do Grupo Artístico Participante	53
3.3 Os Sujeitos da Pesquisa	55
3.4 Instrumentação	56
3.5 Tratamento dos Dados	59
3.6 Inferência e Análise Categorical	60
4 DISCUSSÃO	65
4.1 Percebendo a Dança na Vida	65
4.2 Percebendo o Corpo que Dança	82
4.3 Percebendo a Cadeira de Rodas na Dança e na Vida	89
4.4 Percebendo a Dança e a Interação em Sociedade	95
4.5 A Diversidade de Corpos entre o que é Considerado Normal e a Normalidade	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
APÊNDICES	129

1 INTRODUÇÃO

Logo após a primeira experiência que tivemos com pessoas com deficiência no campo da reabilitação, percebemos o quanto era necessária, ao mesmo tempo que por outro lado limitada, a ação do profissional fisioterapeuta sobre muitos casos que se faziam presentes em nosso dia-a-dia profissional.

Trabalhamos apenas um ano especificamente no campo da reabilitação com pessoas que apresentavam deficiência, até que nos veio a oportunidade de realizarmos um projeto, que tinha como objetivo, oferecer atividades de reabilitação junto ao desenvolvimento de atividades artísticas, e nesse caso em específico, o trabalho de dança envolvendo pessoas com deficiência e pessoas que não apresentavam a mesma. No início, foi nosso o desafio, pois nunca havíamos dançado e desde a sua concepção, o projeto já direcionava suas ações, objetivando a participação plena de todas as pessoas que estavam envolvidas integrando-as.

Logo estávamos no palco realizando os primeiros movimentos. Percebemos num primeiro momento, que aquelas experiências voltadas para o trabalho artístico da dança, nos remetiam à sensações e nos levavam à transformações de valores, o que anteriormente não fazia parte de nossas vidas. Após isso, fomos notando nos outros integrantes, (pessoas com deficiência física ou não), que faziam parte de nosso projeto, mudanças na maneira de agir consigo e com o outro; e aos poucos percebemos que estas transformações estavam sendo construtivas para o processo das relações humanas de cada um. Dessa forma, surgiu a necessidade e a oportunidade de realizarmos uma sistematização teórica em torno da temática da dança na vida dos dançarinos do Grupo RodaPés, para que pudéssemos trazê-las à tona.

A dança deve ser compreendida como possível a todos, pois ela é por nós desenvolvida, junto à pessoas que apresentam deficiência física. Em nosso entendimento, deve ser abordada como parte da vida das pessoas, na qual cada movimento/sentimento, realizado e percebido no palco, se faz e refaz no palco da vida; de acordo com Bernabé (2001), executar um gesto no palco pode vir a significar atitudes na vida; o movimento é a expressão ativa da dança e que se estrutura na dança/vida no corpo de cada pessoa que se apresenta em nosso estudo, como um corpo sensível, que capta e transmite emoções; este é percebido como o local de significação da pessoa.

Notamos que a estruturação da dança está diretamente ligada ao corpo que vive em uma dada sociedade, que é por onde os significados se tornam presentes e valores e normas se estruturam. No caso da pessoa com deficiência, o corpo ganha novos sentidos, justamente por se apresentar marcado por uma deformidade, e se mostra diferente do “figurado” como “normal”. Nesse caminho ainda encontramos a cadeira de rodas, que vem sendo ao longo do tempo, “empurrada”, por valores pejorativos, que caracterizam quem a utiliza como “incapaz”.

Porém, é justamente no trabalho realizado no campo das artes e em específico nesse caso da dança, que sentimos um campo fértil para que novos olhares, valores e significados surjam para as pessoas que a praticam. Ao mesmo tempo acreditamos que a sociedade, que vai se deparando com o trabalho realizado, passe a repensar e rever os velhos paradigmas impostos às diversas situações da vida, e em especial, às questões que envolvem as pessoas com deficiência.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo central, constatar a percepção dos dançarinos, com e sem deficiência física, que fazem parte do Grupo RodaPés, frente às possíveis modificações nas atitudes de suas vidas após iniciarem o trabalho de dança neste Grupo. Para tal, optamos pela pesquisa qualitativa, entrevistando um grupo destes dançarinos, de ambos os sexos, (identificados pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J).

Também é necessário dizer porque realizamos uma sessão à parte denominada “de revisão da literatura, capítulo 1”, pois sendo uma pesquisa qualitativa, poderíamos levar a cabo de nossas discussões, todo o conteúdo que tratamos de forma específica.

Para Triviños (1987), a estrutura dos estudos de natureza qualitativa adotam outra formatação em relação aos estudos de natureza quantitativa oriundos das teorias positivistas. Segundo o próprio autor, nas pesquisas qualitativas não deve existir visão isolada das partes do estudo, a fundamentação teórica não deve ser empregada em capítulo separado. Nesse caso, todo conteúdo teórico sustenta as informações que vão aparecendo durante o desenrolar da pesquisa.

Por outro lado, segundo o próprio Triviños (1987), o pesquisador que se direciona pelo enfoque qualitativo tem ampla liberdade teórico-metodológica para desenvolver seu trabalho. Os limites de sua pesquisa são estabelecidos a partir das regras metodológicas que compõem todos os trabalhos científicos.

Dessa maneira, sentimos a necessidade de, num primeiro momento, tecer considerações sobre a história da dança, sobre a história da dança em cadeira de rodas e

construirmos uma sistematização em torno da dança e a vida. Pois ao iniciarmos nossa busca sobre o objeto de estudo, verificamos que não existe uma uniformidade em relação ao que considerar, e de que forma considerar.

A dificuldade encontrada está centrada na consideração em torno das pessoas que praticam dança (em grupos ou de maneira individual) e utilizam cadeira de rodas para isto. Neste caso, deveríamos especificar que estas pessoas praticam dança ou dança em cadeira de rodas?

Tivemos a oportunidade de vivenciarmos no IV Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas realizado em Juiz de Fora (Minas Gerais), em Novembro de 2005, o encontro com pessoas e grupos que praticavam o que é chamado de “dança em cadeira de rodas”. Também realizamos vários encontros com pessoas e grupos que, praticam dança, e nos dois casos não tivemos clareza em relação ao que é a manifestação da dança na vida de pessoas com deficiência física.

De acordo com Ramos (2005), “a dança em cadeira de rodas” vive um momento de busca, que objetiva estruturar um conjunto de conhecimentos técnicos e categorias de base, que dêem fundamento a esta modalidade, o que parece a própria autora ser a principal característica que indefine este tipo de atividade.

No caso específico do Grupo artístico RodaPés, as considerações tanto das pessoas com deficiência física, quanto dos integrantes que não apresentam deficiência, se direcionam no sentido do entendimento para o trabalho da dança, ou seja, eles trabalham com dança. Quando questionados em relação à dança em cadeira de rodas, as respostas eram simples e se direcionavam para o entendimento de que, primeiro devemos considerar o ser humano que dança antes da cadeira, pois mais uma classificação, principalmente em relação à pessoa com deficiência, mostra como a sociedade necessita de novos paradigmas que rompam com os modelos históricos e segregadores, que consideramos delimitadores sociais. Outra questão bastante importante também surgiu nesse contexto, no qual as pessoas sem deficiência física colocaram ser um equívoco, afirmar que o trabalho deve ser considerado de “dança em cadeira de rodas”, pois na grande parte das coreografias e das atividades, elas não utilizavam a cadeira de rodas e simplesmente não são pessoas com deficiência física; e o mais importante, acreditam que a dança realizada neste Grupo, é possível a qualquer um.

Devemos entender que o movimento considerado de “dança em cadeira de rodas” existe e por isso abordamos esta temática, e que o mesmo, tem contribuído para geração de novos paradigmas em relação às pessoas com deficiência, que passam a ser vistas por suas potencialidades. Percebemos ainda, que dentro deste movimento, o que predomina como enfoque central e recebe lugar de destaque é justamente a sua vertente competitiva, o que para nós é incoerente no campo das artes. Além disso, devemos levar em consideração que a dança neste presente contemporâneo, nos permite sermos artistas (com deficiência ou não) em cima do palco, e essa mesma dança, afirma que é justamente considerando o ser que dança como tal, que é assumido o papel transformador deste tipo de arte. De acordo com Soares e Madureira (2005, p.75): “a arte é um aglomerado de ciência, magia e técnica, uma janela para o conhecimento sensível do mundo. Em sua polissemia ela revela a diversidade de corpos, suas singularidades, sendo avessa a resultados orientados pela medida e pela utilidade”.

Ninguém considera a arte do genial Ludwig Beethoven como composições musicais de surdo. Ou escultura em cadeira de rodas, as obras do consagrado escultor e arquiteto brasileiro, Antonio Francisco Lisboa, (o Aleijadinho). Pois então, consideraremos dança como dança, sendo ela realizada por pessoas com deficiência física ou não.

Nossa intenção neste estudo não é nos preocuparmos com nenhum estilo pré-determinado de dança, mas sim com a vivência e o olhar do sujeito para a sua vida em relação a sua experiência na dança.

Trazemos em nossa metodologia capítulo 2, além da opção pela pesquisa qualitativa, a proposta de Bardin (c1977) referente à “análise de conteúdo”, como método de tratamento dos dados. A entrevista semi-estruturada individual, compreendendo perguntas abertas, foi o instrumento utilizado para a coleta de dados (a transcrição das entrevistas na íntegra está situada no apêndice 6).

Da mesma forma, elucidamos os critérios para a seleção do Grupo artístico participante: serem dançarinos do Grupo RodaPés (ambos os sexos) pessoas com e sem deficiência física; usuários de cadeira de rodas ou não; terem entre 14 a 45 anos; deveriam fazer parte das atividades do Grupo RodaPés desde o seu início, sendo compreendido para isto os meses de janeiro a junho de 2004. Assim, buscou-se configurar um grupo de participantes que possivelmente apresente uma vivência maior frente ao trabalho desenvolvido junto ao Grupo.

Para finalizar o capítulo, discutimos o processo de inferência realizado, através dos indicadores (apêndice 2), que permitiu a elaboração da análise categorial neste trabalho.

No capítulo 3, trazemos a discussão dos resultados, em que tivemos como linha mestra os cinco grupos temáticos categoriais da pesquisa: dança, corpo, cadeira de rodas, interação social, diversidade humana. Nesse momento, tornou-se possível realizar o processo de interação da fala de nossos participantes com o pesquisador e o referencial teórico. As discussões desenvolvidas nesse capítulo, permitiram-nos realizar alguns aprofundamentos em relação à percepção de nossos participantes frente a sua experiência de dança e às possíveis modificações em suas vidas, após esta vivência, bem como trazer à tona às várias possibilidades de significação que este tipo de arte possibilita. A busca pela revalorização, em especial de pessoas com deficiência física, certamente fornece indicadores interessantes para realizarmos uma interpretação crítica destes temas.

Do mesmo modo que lutamos por defender os espaços públicos para a integração, ou seja, o convívio de todos, independente das suas condições: físicas, emocionais, psíquicas, cognitivas; defendemos o espaço do palco para as pessoas, pois pensamos coerentemente numa sociedade que apresenta uma grande diversidade de corpos/pessoas, os quais devem ser respeitadas, e quando necessário, repensadas, resignificadas, revalorizadas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Considerações sobre a História da Dança

Atualmente a dança é abordada, estudada e analisada sob várias óticas, na qual podemos observar seus aspectos artísticos, terapêuticos, estéticos, lúdicos, esportivos, entre outros. Esses temas são analisados por vários profissionais, de diferentes áreas de atuação tais como; dança, educação física, fisioterapia, psicologia, filosofia, antropologia, entre outros. Como foi colocada, a dança apresenta-se através de várias possibilidades, enquanto perspectiva científica. Nesta sessão, nosso enfoque seguirá seu processo através de um estudo bibliográfico de fatos históricos, importando os aspectos que envolvem a dança, relacionando-os ao ser humano enquanto parte de sua vida.

Vimos a necessidade de relatar qual foi e qual é, a relação da dança no contexto histórico do cotidiano humano. Encontramos várias linhas de estudos para descrever este processo, como por exemplo: a dança, segundo uma ordem cronológica de tempo; a dança, segundo regiões de origem; a dança, segundo estilos próprios, segundo os movimentos que a originaram, entre outros. Para Caminada (1999), a dança pode ser interpretada e estudada sob vários ângulos das mais diferentes maneiras. Aquela que iremos relatar segue junto ao homem, sendo influenciada e o influenciando em sua época, com objetivos e características próprias que cada sociedade persegue a seu tempo.

Para compreendermos o significado da dança, é necessário entendermos seu processo histórico que está contextualizado no homem e em sua vida social. Isto nos leva a não perder de vista o predomínio da cultura de cada época. (FERREIRA, E., 2002b). Realizaremos recortes e a classificaremos a partir disto segundo épocas:

- Os Primeiros Atos.
- A Antiguidade Clássica.

- A Idade Média.
- A Idade Moderna.
- A Idade Contemporânea.

A temática dança é muito vasta para ser tratada em todos os seus aspectos, sendo inevitável alguns recortes relevantes. (FERREIRA, E., 2002b).

Existem inúmeras publicações que relatam os fatos e processos históricos da dança de modo esmiuçado, sendo o nosso objetivo nesta sessão, apenas levar informações históricas a respeito da dança bem como do homem, ligando um ao outro de tal forma, para que possamos compreender que ambos caminham juntos neste mundo, desde os primórdios da civilização até os tempos atuais. Por mais diversos que sejam os enfoques sobre o tema dança, todos se fundem no homem e na vida, em cujo o meio ela se processa.

2.1.1 Os Primeiros Atos

Antes de subir ao palco para realização da dança como arte, o movimento primeiramente apresenta-se como transbordamento de emoções, manifestação dos medos, afetos, raivas, entre outros. Com rapidez e sucessivamente, a dança passa a ser considerada um conjuro mágico, ritual, cerimonial, celebração de um povo; e finalizando, simplesmente divertimento. (OSSONA, 1988).

Antes de polir a pedra, construir abrigo, desenvolver materiais, utensílios e armas, o homem já se manifestava através da batida dos pés e mãos de forma rítmica, para se aquecer e comunicar. Dessa maneira, da época das cavernas a era do computador, a dança se faz História. (PORTINARI, 1989). O primeiro instrumento de percussão a ser utilizado pelo homem foi a terra, na qual ele compassava sua dança, e o primeiro instrumento de sopro, a voz que acompanhava seus passos. (OSSONA, 1988).

Em relação ao processo histórico e o seu significado enquanto arte, a dança é a única que não necessita de materiais e ferramentas, mas depende apenas do próprio corpo. Por isso é considerada a mais antiga das artes, sendo carregada pelo homem dentro de si, por tempos imemoriais. (PORTINARI, 1989).

Para Ellmerich (1964), não é exagero relatar que a dança existe desde o início da humanidade: manifestações rítmicas, foram motivadas por intenções religiosas, eróticas, bélicas, fúnebres, entre outros.

Segundo Portinari (1989), a imagem mais antiga que a representa, data do Mesolítico por volta de 8300 a.C. Encontrada numa caverna de Cogul, na província de Lérida na Espanha, apresenta nove mulheres em volta de um homem nu, no que seria um ritual de fertilidade. Para Mendes (1987), um dos primeiros registros de dança referem-se ao Paleolítico Superior, num momento em que os homens viviam em pequenos grupos isolados, cultuando um arcaico individualismo, preocupados apenas em coletar alimentos. Quando eram dominados por um pensamento mágico, eles dançavam, acreditando ser possível alcançar determinados objetivos, como por exemplo, abater um animal. (PORTINARI, 1989).

Já no período Neolítico, os rituais e cultos substituíram a magia e a feitiçaria. Neste período, o ser humano adorava a espíritos, realizando cultos e enterros, e nas cerimônias, a dança exercia papel importante, esta era realizada apenas por homens, sendo que os principais praticantes eram magos e sacerdotes. Portinari (1989) relata que, neste período por volta de 6500 a.C, os rituais representando a simbolização seriam comuns. Nesta época, além de passar a produzir objetos de pedra polida, o homem também trocou o nomadismo pela agricultura e começou a domesticar animais.

Apesar de relatarmos atividades ou atitudes que fazem parte de um tempo muito distante, segundo Portinari (1989), essas tais atividades permanecem até hoje em nosso cotidiano. Nos antigos rituais de fertilidade, já citados, surgiu um tipo de dança que persiste em nosso contexto atual, a dança do ventre.

Conforme Portinari (1989), uma interpretação mais segura dos desenhos pré-históricos relacionados à dança, pode ser realizada através da observação, de culturas presentes, que se identificam com os períodos antigos, como o da Idade da Pedra. Os Bushmen (da África do Sul) e os Kurnai (da Austrália Meridional), que tem como atividade de sobrevivência a caça, precedem-na por um tipo de dança ritualística.

A dança, portanto, está presente desde os primórdios da humanidade, na qual ambos evoluíram, tanto conceitualmente, quanto nas próprias ações de mover-se. Desta maneira, revela-se através da História, a transformação da sociedade e da cultura, na qual, o homem se localiza como membro de sua comunidade que o transcende. (GARAUDY, 1980; OSSONA, 1988).

A partir deste momento, iremos descrever a dança de forma linear, desde a Antiguidade a Idade Contemporânea, relacionando fatos, que se interagem ao próprio homem, a vida e também ao nosso objeto de estudo: a dança.

2.1.2 A Antiguidade Clássica

Passaremos agora a sintetizar alguns dados importantes relacionados ao período da antiguidade.

Segundo Mendes (1987), neste período, a dança continua tendo dois aspectos, sagrada ou hierática, fazendo parte das cerimônias religiosas e também dos rituais. Ela continha traços de natureza erótica; dançava-se para a fertilidade, caça, guerra, para a natureza e para o homem, e esta também se ligava ao divertimento. No Egito e em outras civilizações, apresentava uma característica sagrada, dançava-se ritos de fertilidade por volta de 5000 a.C., precedendo o Egito Faraônico, dançava-se e cantava-se para cultuar Osíris, antes da época da cheia do rio Nilo. Embora, inicialmente esta arte esteja ligada ao culto, ela também serviu para divertimento da aristocracia. (PORTINARI, 1989).

Desde os tempos mais remotos da Antiguidade Clássica, encontram-se outras referências: danças circulares, coro cíclico, que eram apresentadas em torno do altar sobre a vítima que seria levada ao sacrifício. Entre os gregos, por exemplo, a dança fazia parte dos rituais religiosos, onde em inúmeras ocasiões manifestava-se em honra dos deuses; homenageava-se Apolo, Afrodite, Atena e outros. Mas foi a celebração ao deus Dionísio, deus da fertilidade, da embriaguez, do êxtase, que se fez presente às características da dança grega da época. (MENDES, 1987; PORTINARI, 1989). O culto de Dionísio passou por duas fases. A primeira nos séculos VII e VI a.C, a dança tinha o propósito de que seus praticantes atingissem um estado

de êxtase e transe. As pessoas dançavam a fim de se identificar com o próprio deus, inicialmente, somente as mulheres chamadas de mênades ou possessas, participavam do ritual. (FERREIRA, E., 2002b).

Na segunda fase, a dança deixou de cultuar um deus e passou a dramatizar temas, como possíveis episódios da vida deste, e os homens a realizar o culto. Dessa forma, ela teve um caráter teatral, se tornando um espetáculo. Neste momento, começou a ser desenvolvida por um autor, que direcionava movimentos a ser previamente realizados. (FERREIRA, E., 2002b). Segundo Portinari (1989), do culto Dionisiaco surgiu o teatro, a tragédia foi apresentada para honra de deuses e heróis, através de rituais mágicos, onde o caráter religioso e profano esteve presente. Segundo Ellmerich (1964), os mesmos rituais apresentavam excessos étlicos e sexuais, no qual pouco foram adaptados pelos nobres feudais, sendo que suas práticas foram realizadas em locais fechados onde os padrões eram sofisticados.

A dança e a civilização evoluem no teatro grego, da representação trágica inicial, surgiu a comédia, a sátira. A mulher, mesmo banida do teatro, continuou dançando em festas religiosas e da comunidade. O ritual Dionisiaco perdurou e foi passado aos romanos, que admiravam muito este tipo de arte. (PORTINARI, 1989).

Vale ressaltar que na antiga Grécia existia um ideal dicotômico de perfeição, baseado na harmonia entre corpo e espírito. O corpo belo e torneado representava a própria beleza para o povo grego, e ainda era utilizado como fonte inspiradora para artistas. Neste pensamento, a dança foi utilizada como forma de trabalhar o corpo, para adquirir resistência e agilidade presentes na vida militar. (PORTINARI, 1989).

Os filósofos da época, Sócrates 469-399 a.C, Platão 428-347 a.C e Aristóteles 348-322 a.C, consideravam importante as pessoas dançarem, destacando serem melhores cidadãos, os que dançavam, tanto do ponto de vista militar, quanto educacional. Apenas Aristóteles considerava que os adultos não deveriam dançar, pois como atitude profissional, a música e a dança pareciam-lhe indignas, apesar de considerar que servia de preparo físico e intelectual e proporcionava alta gratificação estética. (MENDES, 1987; PORTINARI, 1989).

A dança considerada pelos filósofos como educativa ou para formação do homem era aquela que mantinha a disciplina e a harmonia das formas, sendo banida e desconsiderada a Dionisiaca, que seria indesejável ao cidadão. (PORTINARI, 1989). Em relação a Roma, onde ela se fez presente nesta época, segundo Mendes (1987), a reputação declinou ao

seu mais baixo nível. Os dançarinos da Grécia levaram a Roma vários tipos, principalmente as teatrais, que foram um grande sucesso. Porém Roma a prestigiou sob o olhar apenas do espetáculo, admirando um estilo da época, que se denomina de “pantomina”. (MENDES, 1987).

Portinari (1989) relata, que a essência da pantomina, estava no uso da mímica associada à expressão corporal, o espetáculo era associado à música desde o seu início, em que o pantomimo comandava o ritmo, através de uma placa metálica, que era utilizada nas solas dos pés.

Porém a preferência do povo romano pelos espetáculos realizados nas arenas, levou e relegou a pantomina às barracas das feiras e este tipo de dança logo se desgastou. (MENDES, 1987). Outro fato importante que a levou ao declínio foi a perseguição que o Cristianismo exerceu sobre este estilo, o que se firmou com a oficial publicação da religião no ano 312 d.C e a conversão do imperador Constantino. Os padres consideravam indecente o espetáculo e a pantomina, levando a decadência deste gênero, embora nunca tenha desaparecido por completo, ainda deixou traços marcantes no teatro e na dança. (PORTINARI, 1989).

Percebemos que a dança, muitas vezes utilizada de maneira expressiva, para comunicação com o homem ou mesmo com o sobrenatural, passou a ser considerada arte, atingiu e possivelmente originou o teatro. A partir de agora descreveremos o período da Idade Média, no qual o Cristianismo foi um marco fundamental.

2.1.3 A Idade Média

Segundo Portinari (1989), o período chamado de Idade Média compreende de 476 d.C., (a deposição de Rômulo Augusto em Roma) até 1453 d.C., (a invasão de Constantinopla pelo povo turco). A guerra e as invasões sucumbiram a paz romana, as cidades ficaram desertas, o medo e a ignorância se fizeram presentes, o histórico cultural greco-romano se fez privilégio de poucos sábios, que o interpretavam segundo os ensinamentos cristãos. Neste clima de insegurança, a autoridade civil foi ultrapassada pela eclesiástica, e todos os setores da vida do homem daquela época sofreram interferência do Cristianismo dominante. Com este predomínio religioso no século IV, a dança foi excluída e o corpo foi observado de forma

desprezível, o que se repetiu por muitos séculos, a origem de todo o mal e do pecado estava na carne, para a remissão dos pecados, o corpo deveria ser punido, ignorado, pois a alma sim, justificava a existência do ser humano. (CLARKE, 1981, apud FERREIRA, E., 2002b).

Os teatros romanos da Antiguidade foram fechados e utilizados esporadicamente, apenas para reuniões religiosas. Os pantominos tornaram-se artistas ambulantes e somente apresentavam em suas peças, os temas que lhes eram permitidos. Em relação a todas as manifestações de dança, a igreja tomou duas atitudes. Por um lado condenou e perseguiu, porém houve a tentativa de canalizá-la para o culto, colocando uma fantasia mística sobre o seu conteúdo erótico. (PORTINARI, 1989). Diante de nova proibição da dança, ela perdeu o seu caráter religioso e sobreviveu através das festas camponesas. Nestas ocasiões, dançavam-se nas comemorações à sementeira, à colheita, o que era uma atividade lúdica. (FERREIRA, E., 2002b).

Um fato importante relacionado a este tema, que proporcionou o desenvolvimento bem como a propagação da dança, ocorreu entre os séculos XI e XII, período que marcou a origem do fenômeno da “Dançomania”, que persistiu até o Renascimento. Na Dançomania, as pessoas utilizavam movimentos frenéticos para expressar o pavor à morte, devido a dores físicas e epidemias como a peste negra, que assolou este período. O movimento da Dançomania foi registrado em quase toda a Europa. Na Itália, por exemplo, chamou-se “Tarantismo”, nome originado da picada da aranha tarântula, que infestava o campo e as cidades. Os italianos acreditavam que a dança vigorosa eliminaria o veneno do corpo. Outro exemplo importante foi na Alemanha, país em que se registrou a dança de “São Vito”, concomitante às epidemias de tifo e peste. (PORTINARI, 1989).

Segundo Mendes (1987), as danças de origem medievais e renascentistas evoluíram para a corte. Portinari (1989) complementa, que a partir do século XII se iniciaram nos castelos a dança aos pares, em contraste com as danças dos camponeses.

De acordo com Ferreira, E., (2002b), na segunda metade da Idade Média, junto ao surgimento das cidades, a sociedade foi transformando-se, modificando assim a forma que a dança era praticada. Ellmerich (1964) relata, que nesta época, surge à figura do “mestre de dança”, o qual acompanha os nobres e passa a ser o professor de boas maneiras, agora ela faz parte da educação de boas maneiras.

A dança inicialmente fez parte da vida do homem como atributo próprio do ser humano e de reverência a seu Deus. A igreja tentou impedi-la, assim como a manifestação do

homem da época. As grandes pestes assolaram a Europa, e com elas a dança se fez presente, passou também a ser reconsiderada e a fazer parte da nobreza, tanto que a sugeriram até como parte da educação. Entraremos, a seguir, no período do Renascimento, o qual foi marcado pela alteração dos valores na sociedade. Nesta época, a importância do corpo, que havia sucumbido no início da Idade Média, volta a ser ressaltado.

2.1.4 A Idade Moderna

O culto aos valores da Antigüidade e as idéias dos humanistas passam a demonstrar um novo conceito de beleza, no qual corpo e espírito se interagem de forma harmoniosa. (PORTINARI, 1989).

A partir do Renascimento, a arte em geral assim como o homem, passam a ganhar uma nova concepção. O desenvolvimento da economia das cidades italianas leva a corte a usufruir de uma vida luxuosa. A dança passa a ter grande relevância entre os povos e observa-se que ela objetiva a diversão aristocrata durante os cerimoniais das cortes, sofrendo pouca interferência religiosa. (FERREIRA, E., 2002b).

Mendes (1987, p. 21) relata que essa nova sociedade modificaria, além disto, as formas de trabalho e produção, na qual a responsabilidade pela produção foi atribuída apenas a um indivíduo. “Ao sapateiro, por exemplo, só competiria fazer o sapato, isto é, completar o processo de fabricação de um produto começado com a matança do animal, a curtição de seu couro, o recorte do molde, etc [...], que constituíam outras tantas atividades específicas”.

Para Portinari (1989), a consciência adquirida pelo homem de tornar-se o senhor de suas atitudes e do mundo, mortificou os padrões da era medieval. A filosofia, literatura, ciência e arte ressurgiram com grandeza, tornando-se um patrimônio que levou a uma revolução do pensamento e da estética na época. Em face ao crescimento econômico e à mudança do pensamento do homem frente ao mundo, as cortes passaram a oferecer uma imagem considerada à altura pela aristocracia. Festas e construções eram símbolos de riquezas.

Devido, não só à grande quantidade de festas, mas também de uma revalorização do ser humano, da arte e com isso da dança, viu-se a necessidade da presença nas

cortes, da figura do “mestre de dança”. Era de sua competência, além de ensinar passos, realizar a marcação coreográfica do tema escolhido pelo senhor. (PORTINARI, 1989).

Neste momento, passa-se a criar um repertório para a dança, estabelece-se a divisa entre a considerada popular e aristocrata. Sendo que a aristocrata, seria constituída por variáveis em torno de um tema central, fábula ou enredo, denominada de “balletto”, que era composto de música, canto, mímica e dança, com aspecto de espetáculo para o divertimento da corte. (FERREIRA, E., 2002b).

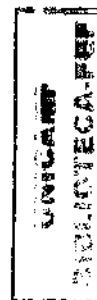
Um acontecimento marcante, foi a publicação do tratado intitulado: “A arte de dançar”, escrito em 1455 pelo dançarino Antonio Cornanzo. O tratado nos remete a primeira classificação elaborada de forma sistemática, destes movimentos do corpo. (FERREIRA, E., 2002b; MENDES, 1987; PORTINARI, 1989).

Segundo Ferreira, E., (2002b), os séculos XV e XVI marcaram a passagem da dança considerada espontânea e de caráter popular, para uma dança com atitudes planejadas e gestos codificados, é o primórdio do que veio a ser considerado balé clássico.

Considerado mestre da dança, Cesari Negrini publica o manual: “Novas Invenções do Balé”, onde se encontram códigos e regras para a técnica da mesma. Posteriormente, este manual foi publicado em francês com o nome de: “Tratado Elementar da Dança”, colocando como objetivos: alcançar a perfeição técnica e o equilíbrio. O manual foi essencial para o conhecimento desta arte na Europa no século XVI. (FERREIRA, E., 2002b). A expansão por vários países foi possível, devido aos muitos nobres que se interessaram por esta atividade. O espetáculo, considerado bailado, foi levado à corte francesa em 1581, através da rainha Catarina de Médice, foram transmitidos os costumes italianos a Paris, dando início a diversas festas com a presença de espetáculos de balés, unindo a dança à atividade artística. (FERREIRA, E., 2002b).

Na França sob reinado de Luís XIII, o balé assume o melodrama. Os atores interpretavam mascarados e as mulheres foram retiradas do balé-espetáculo, em nome do decoro, pela ausência delas, os homens realizavam os papéis femininos. (FERREIRA, E., 2002b; PORTINARI, 1989).

Mas foi no reinado de Luís XIV, o Rei-sol, que a arte repercutiu de forma grandiosa e com ela o balé. Segundo Ferreira, E., (2002b), Luís XIV teria sido um apaixonado pela dança e teria participado de 27 balés. Portinari (1989) descreve, que numa dessas



apresentações Luís XIV interpretara o Rei-Sol que derrota as trevas, e com isso recebe este codinome. Os autores relatam que durante seu reinado, por volta de 1669, criou na França a Academia Real de Música e Dança, que seria a semente da futura Ópera de Paris. Segundo Mendes (1987), esta iniciativa seria para a restauração desta arte. A partir disto, surgiram novas formas de balé: balé-pantomina, balé-mascarada, comédia-balé, tragédia-balé, entre outros. (MENDES, 1987).

Protegida, admirada e amada por Luís XIV, a dança impera na sua forma mais refinada e codificada. Na corte do Rei-Sol, os movimentos desta faziam parte do dia-a-dia, as atividades da corte eram regidas por um intrincado cerimonial, desde a manhã até o anoitecer. (PORTINARI, 1989).

Com a criação da Academia de Dança, os balés deixaram o ambiente das cortes e iniciaram as apresentações em teatros. (FERREIRA, E., 2002b). Portinari (1989) complementa, que foi no início do século XVIII, que Luís XIV abriu ao público o espetáculo em teatros.

Diante disso, levantamos que a técnica do balé clássico foi elaborada através dos princípios cartesianos, que nos remetem ao dualismo corpo/mente o qual divide o corpo em partes, tendendo à valorização do enfoque técnico. De caráter elitista, os temas abordados representavam sonhos e objetivos de uma sociedade privilegiada. (FERREIRA, E., 2002b).

Já no reinado de Luís XVI, entre 1774 e 1789, o balé continua em processo de desenvolvimento. Nesta época a rainha Maria Antonieta, uma apreciadora das grandes apresentações, nomeou Jean Georges Noverre, 1727-1810, “maitre de ballet” da academia Real. Noverre deu origem a um estilo próprio denominado de “ballet d’action”, isto significa, bailado com espetáculo independente, contendo enredo. A interpretação era regida pelo movimento e ação integrada, que se coincidiam completamente. Alguns preceitos eram de que a interpretação e o movimento deveriam ser cheios de emoção e comunicação com o sensível, ao mesmo tempo representando e sendo expresso ao espectador, pois só assim o resultado seria verdadeiro. (ELLMERICH, 1964). Em 1760, Noverre publica as “Cartas Sobre a Dança”. (MENDES, 1987). Esta obra seria um autêntico manifesto sobre a arte de dançar, e os seus conceitos seriam válidos até os tempos atuais. Com isto, ele começou a mudar o perfil dos bailados. Deixou-nos também o “Dictionaire de La Dance”.

Adiante na história essas tais mudanças foram reincorporadas por Diaghley, Martha Graham, entre outros. (FERREIRA, E., 2002b).

A Idade Moderna tem como referente data o ano de 1453 quando inicia-se a Revolução Francesa, marco da evolução da dança aristocrática para a concepção teatral. Em relação ao balé de corte de Luís XIV, ele se multiplica e diferencia sendo regido por normas. Os mestres ensinam dança à nobreza e ao povo comum, no qual a exigência técnica é a principal característica, formando um pensamento profissional sobre a dança. (PORTINARI, 1989).

Neste período percebemos uma mudança na concepção do homem no mundo, alteram-se vários conceitos relacionados ao modo de trabalhar, viver, levando a uma resignificação de valores, onde a arte e, conseqüentemente a dança, ganharam novos sentidos. Ela acompanha o novo paradigma, a separação entre aquela considerada da corte e a popular. Surgem os primeiros manuais técnicos de dança, com o propósito de qualificar e teorizá-la.

O homem muda concepções através dos tempos e com ele a dança também muda, surgem valores, idéias e ideais, iremos analisar agora como se deram tais processos num período compreendido de Idade Contemporânea.

2.1.5 A Idade Contemporânea

No início do século XIX, a Revolução Francesa causa uma grande transformação na vida dos europeus, levando ao surgimento de várias formas e concepções de arte. (PORTINARI, 1989). Para Mendes (1987, p. 38), “o conceito que a arte reflete ou expressa à sociedade em que se insere, poderia ser utilizado para analisar a gênese e a evolução do Romantismo”, que segundo a própria autora, é um movimento que durou pouco, porém exerceu grande influência sobre todos os segmentos da vida humana.

Influenciados pelos novos tempos, os autores dos teatros direcionavam seus trabalhos para o melodrama, retirando unidades que eram características da tragédia clássica. Aparecem em cena, heróis e heroínas que representam a morte pelo amor. O sentimento e a emoção tornam-se o foco principal. Diversos progressos de ordem técnica podem ser vistos, como a iluminação a gás. Desta forma ampliam-se os recursos artísticos. (PORTINARI, 1989).

Segundo Ferreira E., (2002b), é neste período que surge o balé romântico. Realizando uma metáfora: como se buscassem um sonho, as bailarinas passam a utilizar as sapatilhas de ponta para saírem do chão.

Marie Taglione é considerada a princesa do Romantismo, filha do mestre de balé Filippo Taglioni, aos 13 anos de idade, estreou os palcos, sendo a primeira bailarina a utilizar sapatilhas de ponta, desenvolvidas pelo seu pai. (ELLMERICH, 1964; FERREIRA, E., 2002b). Para Mendes (1987), Marie foi a primeira bailarina a expressar, de forma total, a concepção do que seria posteriormente conhecida como “dança clássica”. Porém sua importância vai além, ela foi a responsável pela renovação no vestuário das dançarinas. Popularizou o tutu, o corpete rígido e a malha, utilizados até hoje nos balés chamados brancos.

Portinari (1989) aponta que um fato negativo do período romântico, foi ter colocado o bailarino como figura secundária no balé. O homem apenas recuperaria seu lugar na dança posteriormente, com o apogeu da escola russa.

Para Ferreira E., (2002b) o berço do balé clássico foi a França e a Itália, adiante ele propagou-se por toda a Europa. Porém, foi na Rússia que o balé foi levado ao apogeu pelo bailarino Marius Petipa (1900), que direcionava sua dança respeitando as concepções de Noverre. Já na França, direcionava-se para a beleza dos movimentos, enquanto a escola russa focalizava a autonomia aliada à técnica e estilo próprios, realizando movimentos com maior rapidez e eficácia. Petipa criou repertórios que foram a consagração do balé russo no século XIX. “É também de máxima importância tendo sido contemporâneo de Tchaikovsky e associando seu nome a três grandes balés, ainda hoje venerados: “A Bela Adormecida”, “O Lago dos Cisnes” e “Quebra-Nozes” ”. (PORTINARI, 1989). A Rússia, em 1909, transformou-se num enorme centro das danças clássicas. Observando-se os parâmetros estabelecidos para os dançarinos, nota-se uma disposição e dedicação total a técnica e noção de conjunto. (FERREIRA, E., 2002b).

No início do século XX, ocorria um agitado movimento político prevendo a revolução de 1917, neste sentido, a arte e a cultura acompanharam o homem. Ocorre uma nova resignificação das artes em geral, através de convenções de artistas, em que os assuntos em pauta seriam novas formas de expressão e a rejeição do que era considerado ultrapassado. A dança se beneficiaria destas discussões, as quais levariam à autenticidade no âmbito das artes. (PORTINARI, 1989).

Mendes (1987) relata, que da Escola Russa originaram-se todos os grandes nomes do balé Russo, que levaram a uma revolução na arte da coreografia. Suas influências permanecem vivas dentro da arte moderna.

Figura muito importante nesta época foi Diaghilev, considerado um inovador do balé russo. Com sua Companhia, a Rússia passa a ser considerada uma das mais reconhecidas escolas de dança do mundo. Suas características principais eram a disciplina e suas grandes apresentações. (FERREIRA, E., 2002b). Segundo Mendes (1987), os balés russos transformaram-se num patrimônio do universo e estimularam um crescimento da apreciação desta dança pelo público. Vários símbolos importantes da arte e da dança surgiram e alcançaram a imortalidade, dentre eles: Ana Pavlova, Vaslav, Nijinski, Michel Fokine.

Para Portinari (1989), o trabalho realizado por Diaghilev, uma mistura de instinto e cultura, ousadia e requinte, integrou o balé com as outras artes do século XX. Mendes (1987) complementa que os impulsos dados por suas criações, continuam repercutindo até hoje.

Passamos novamente por um período de revolução na sociedade, no qual a arte serviu de verdadeira interlocutora deste processo. Ela ganha novos valores e a dança adquire maior rigor para sua realização, surgem trajes especiais como a sapatilha, onde se percebe a valorização da mulher no palco. A Rússia se torna o centro dos padrões artísticos no que se refere à dança, o homem volta a atuar e o balé clássico russo passa ser o espelho deste tipo de arte.

Ferreira, E., (2002b) relata que tempos depois, os muitos dançarinos questionariam as técnicas do balé clássico. Eles consideravam que esta técnica repreendia o homem e sua expressão, pois era desenvolvida a partir de padrões pré-estabelecidos. Posteriormente, os artistas buscariam mais vida em suas apresentações, sem rejeitarem totalmente as concepções deste balé.

As novas escolas de dança buscaram inspirar-se numa representação que refletisse os sentimentos deste novo século. A linguagem do balé clássico vinha sendo empregada com suas normas e códigos, baseadas nos estudos da época do Renascimento. Mas nos EUA e Alemanha, surgiram movimentos de contestações e questionamentos. (FERREIRA, E., 2002b).

Portinari (1989) aponta, que da mesma maneira que todos os movimentos artísticos considerados importantes, a dança moderna iniciou-se pela argumentação e negação do rigor acadêmico e dos artifícios do balé. Ela baseia-se na liberdade de expressão do corpo, é o reflexo do cotidiano que a originou, onde o mundo era governado por máquinas, no qual o

homem buscava novos valores para os relacionamentos, consigo e com a sociedade. Um novo conceito de dança considerada “moderna” se fortificou, devido ao surgimento de um novo homem, determinado pelos fatos horríveis da Primeira Guerra, seguindo as transformações no âmbito social, filosófico, cultural e econômico que marcaram seu tempo. (FERREIRA, E., 2002b).

O francês e cantor de Opera, François Delsarte, foi considerado um dos precursores da dança moderna. Delsarte desenvolveu uma técnica, com o intuito de melhorar o rendimento dos artistas cênicos, no qual aplicava exercícios de contração e relaxamento, iniciando da posição fetal até chegar a extensão máxima corporal, com isso objetivava a liberação das emoções. Tempos depois de sua morte, seus discípulos levaram seus métodos adiante, chegando a exercer influência nos EUA sobre o trabalho de Ruth Saint-Denis e Ted Shawn.(PORTINARI, 1989).

Segundo o próprio Portinari (1989, p. 134), o suíço Émile Jacques Dalcroze, também foi considerado um dos precursores da dança moderna, seu método determinava que a “ampliação da faculdade imaginativa se faz por livre troca e íntima união entre o pensamento e o movimento corporal”. Para Mendes (1987), ele foi o criador da ginástica rítmica.

Ferreira (2002) destaca, que Isadora Duncam e Ruth S.T. Denis, incentivadas pelo pensamento atual e pela arte moderna que se instalava nos EUA, fundaram uma escola de dança, onde o pensamento artístico abordava esta nova concepção de homem.

Seus questionamentos em torno da arte, levaram-nas a romper com a tradição clássica. Duncam deixou de lado o uso da sapatilha e buscou o movimento livre do corpo. Combatia a inflexibilidade e a rigidez da dança acadêmica, seus princípios e inspiração, eram seguir o ritmo da natureza, relacionando e harmonizando a natureza com a vida. (FERREIRA, E., 2002b; MENDES, 1987; PORTINARI, 1989).

De acordo com Portinari (1989), Isadora transformou a dança numa religião, que perpetua na busca da harmonia, beleza e liberdade. Mendes (1987) relata, que ela levou ao palco a dança livre, abstida de regras e moldes, beneficiando o futuro do próprio balé.

O movimento dançante, que foi considerado responsável pelo desenvolvimento da dança na Alemanha, foi denominado de “Expressionismo”. A dança livre de Isadora Duncan, assim como a “Eurritmia” de Dalcroze, foram os grandes incentivadores, que culminaram para a queda das técnicas da dança alemã. (MENDES, 1987).

Ted Shawn, casado com Ruth Denis, era atleta e dirigente de uma companhia de ginastas. Em sua trajetória lutou contra tabus que paralisavam o crescimento da dança masculina. Sua escola oferecia aula de ginástica, música, danças tradicionais, balé e dramatização. Portinari (1989) descreve, que a escola Denishawn, era um verdadeiro laboratório aberto as mais variadas experiências, encantadores de serpentes, mestres de ioga e atores que faziam parte da sua escola, com intuito de aumentarem o repertório corporal e expressivo de seus alunos. Nesta escola dançava-se várias religiões e para várias religiões e representações, as suas danças também eram ligadas a liturgia. Lá se estudavam vários estilos, de diferentes regiões, como por exemplo, do Oriente. Através de suas danças, conseguiram vencer o dualismo cristão arraigado e reinseriram a dança na igreja. Portanto, todas as danças do casal Ted e Ruth, eram originalmente religiosas, nelas se afirmavam a união entre corpo e espírito, arte e religião. (GARAUDY, 1980).

Em 1917, os EUA participaram da Primeira Guerra Mundial, com isso fecharam-se às escolas de dança e os bailarinos foram tomar conta das vítimas da guerra. Após um ano as escolas reabriram, e duas bailarinas receberam destaque: Martha Graham e Doris Humphrey. A técnica de Martha, posteriormente, iria exercer influência em toda a geração do século XX. (FERREIRA, E., 2002b).

Para Martha Graham, a dança moderna era a experiência humana de linguagem, ela negava a dança clássica, pois acreditava que não tinha conteúdo. (FERREIRA, E., 2002b).

Segundo Garaudy (1980, p.89), Martha, inicialmente, posicionou-se contrária às idéias de Isadora Duncan e a Ruth Saint-Denis. Em relação a primeira, Martha não se identificava com os ritmos da natureza, onde não se deveria imitar o cotidiano nem tão pouco os fenômenos da natureza. Contra Ruth Saint-Denis, ela não identificava que o místico de cada povo seria um fim em si. Sobre isto, dizia ela “estou saturada de dançar os deuses hindus e os ritos astecas”.

Sua necessidade era de falar e dançar os problemas do nosso século, pois percebia a influência perturbadora que as máquinas exerciam nos ritmos e gestos do homem, notava que a guerra havia abafado as emoções e despertado os instintos. Seus estudos levaram-na a explorar os estados de emoção dos indivíduos, a partir de imagens desenvolvidas pelo próprio corpo. Esse processo foi utilizado para motivar, investigar, tocar e absorver o movimento,

originando uma técnica individual, na qual o corpo é o veículo de expressão do dançarino. (GRAHAM, 1991 apud FERREIRA, E., 2002b).

Ossona (1988) relata, que Martha desenvolveu um sistema de trabalho corporal, baseado em tensões, contrações, relaxamentos, percepção corporal, no qual se trabalha no chão e fora dele, em que se dança com o corpo todo, inclusive com o sexo. Segundo Portinari (1989), sua técnica prioriza a harmonia entre o ritmo inspiratório e expiratório, e o movimento com sua intensidade.

Para Garaudy (1980), num momento em que se vivia o terror devido a I Guerra Mundial e a terrível crise de 1929, Martha dançava a angústia, a revolta. Dessa maneira, a dança significava para Martha não a representação da vida, mas a participação na vida, ou seja, a libertação da vida através do movimento. Ela exprimia o prazer e o sonho. Segundo Portinari (1989), para Martha, dançar também era um meio de protestar.

De acordo com Portinari (1989), para Doris Humphrey o essencial era o ritmo motriz, proporcionando a relação entre o corpo e o espaço. O movimento surge através do conflito, entre a gravidade e o restabelecimento do equilíbrio, entre a paz que proporciona o equilíbrio e o perigo que representa a queda, demonstrando o relacionamento entre o homem e o ambiente. Dessa maneira não abordava a visão do balé para este tema.

Em meados de 1930, outras formas de dança como sapateado e jazz, se tornaram presentes em clubes noturnos. Muitos espaços para shows e centros de ensino foram abertos. A dança moderna e a expressionista alemã atingiram o topo, Nova York transformou-se na capital desta arte. A dança moderna passa a deixar sua marca, como uma técnica diferente dos movimentos do balé clássico, representa uma nova forma de viver. Neste momento, apenas mulheres participavam. Martha dançava protestando contra a falta de trabalho, contra as desigualdades sociais e os horrores da guerra. (FERREIRA, E., 2002b).

Neste período da história na Alemanha, a dança moderna se encontrava numa colocação de maior importância do que a clássica. Os alunos de Rudolf Laban e Mary Wigman auxiliaram a espalhá-la em várias partes do mundo.

Ferreira, E., (2002b) relata que os princípios da teoria de Rudolf Laban estavam direcionados ao estudo do movimento do homem. Em sua observação, todo movimento representa sentimento, do cotidiano à arte.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Laban elaborou o ensino de exercícios de correção para os operários que trabalhavam nas indústrias e sistematizou a técnica coreográfica, denominada de “Labanotation”, que foi muito utilizada na União Soviética e EUA. (MENDES, 1987).

Mary Wigman foi aluna e assistente de Laban, ela trabalhava coreografias de uma Alemanha em sofrimento, caminhando para outra guerra, inspirava-se no grotesco e demoníaco, suas coreografias direcionam-se contra o princípio duncaniano de harmonia entre o homem e a natureza. (PORTINARI, 1989).

A Alemanha de 1932, que se mostrava em dificuldades de ordem econômica e política, tinha a dança em seu topo. O bailarino Kurt Joss, considerado um dos originários da dança expressionista alemã, realizava através dela críticas à sociedade, sempre ressaltando as diferenças sociais em seus trabalhos. (FERREIRA, E., 2002b). Para Portinari (1989), funcionando como reflexão sobre os acontecimentos da época, suas coreografias apresentavam um caráter didático.

Quando Hitler assume o poder neste país (em 1933), logo suprime o direito de expressão, e muitos artistas, principalmente judeus, imigraram para a Inglaterra e para os EUA. Laban e Wigman permanecem na Alemanha, observam seus alunos tornarem seus corpos submissos aos preceitos da ginástica instituída pelos Nazistas. (FERREIRA, E., 2002b).

Nos EUA, os dançarinos continuam defendendo suas concepções em relação à dança moderna. A partir de 1936, surgem as reuniões para apresentarem os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos na dança. Nessas ela foi propagada de forma grandiosa, principalmente nas universidades, onde realizavam-se esses eventos.

Em 1938, um encontro contou com a presença do dançarino Limon, e a dança moderna passa pela primeira modificação. Esse dançarino abordava em seu trabalho questões sociais. Ele percebia o artista como representante da consciência moral. (FERREIRA, E., 2002b).

Martha por outro lado, deu novos rumos a sua vida, envolvendo-se com a psicanálise, passou a estudar o homem, tomando como foco o seu inconsciente. (FERREIRA, E., 2002b).

A partir de 1939, com a explosão da Segunda Guerra, a dança ficou estremecida pela desordem mundial, nesta época a ditadura se firma e outros artistas imigraram para os EUA. Devido a isto, em 1940, Nova York se transformava no centro das artes modernas. (FERREIRA,

E., 2002b). Neste período, vários dançarinos novamente seguindo as concepções de Martha Graham, deixaram de lado o conteúdo social da dança moderna e passaram a interpretar a dança abstrata, que por característica própria, era sem história, que contava sua própria história. (FERREIRA, E., 2002b).

Após o período de 1945, findando a Segunda Guerra, o mundo estava amedrontado. A juventude de Paris, a cidade símbolo da liberdade, estava desiludida. Foi justamente nesta época, que Maurício Bejart mostrou em suas danças, a aflição e a solidão. Sua dança demonstrava a angústia do momento, tentando levar à conscientização da sociedade. (FERREIRA, E., 2002b).

Os espetáculos de Bejart, foram apresentados em estádios, mudando dessa forma a concepção da dança aristocrata, de teatro elitizado. Os dançarinos da época, queriam expressar as marcas do momento, na busca de esperança para um novo mundo. (FERREIRA, 2002).

Garaudy (1980) aponta, que após a Segunda Guerra, frente a uma nova queda de valores, surgem questionamentos sobre os fundamentos da dança moderna. Para Ferreira E., (2002b), a principal característica foi a busca de novos valores, para que pudessem demonstrar a liberdade de criação, buscando o desenvolvimento das potencialidades de cada dançarino, de forma única.

Posteriormente em 1965, ocorre a guerra do Vietnã, e a juventude americana protestou e o movimento hippie lançou o slogan “Paz e Amor”. Nas universidades, a revolta era grande contra os motivos da guerra. A ordem foi rejeitada pelos jovens, ocorreram grande manifestações de liberdade de expressão, os bailarinos passam a usar camiseta e tênis (vestuário que caracterizou o movimento). (FERREIRA, E., 2002b).

A dança moderna continua em ascensão nos anos 70, vivendo o apogeu do modernismo e posteriormente do pós-modernismo, em que defendiam a união de diversos estilos numa linguagem atual, valorizando as experiências pessoais. Surge na França, na década de 80, a dança contemporânea, contendo os princípios da dança moderna. (FERREIRA, E., 2002b).

Em 1988, os temas apresentados pelos bailarinos em Londres e em Nova York, representavam os medos e testemunhos da solidão que assolavam a sociedade, representaram também o sofrimento da Aids, (FERREIRA, E., 2002b).

2.1.6 Considerações sobre a História da Dança no Brasil

Nesta parte do estudo, iremos enfatizar o processo da dança no Brasil. Ressaltamos que este tipo de arte esteve presente no cotidiano das pessoas de nosso país, ligando-se a vida do ser humano e acompanhando o ritmo das transformações sociais, fazendo parte do contexto histórico da humanidade no que se diz respeito à dança.

Os primeiros movimentos dançantes no Brasil estão associados aos índios. Os jesuítas, que chegaram junto com os colonizadores portugueses, lidavam com a música religiosa, mas sabe-se que foi o jesuíta José de Anchieta que apresentou a dança dos índios, o cateretê, na festa religiosa de Santa Cruz e Espírito Santo. (ELLMERICH, 1964).

A partir de 1538, com a chegada dos negros ao país, a dança sofre grande e importante influência desse povo, recebe o nome do instrumento musical que a compõe, como exemplo, o caxambu; ou o nome da cerimônia que dançam, como maracatu e congada. Geralmente suas danças são acompanhadas de palmas e cantos. (ELLMERICH, 1964).

Para Ferreira (2002), no período do Brasil Colonial, os nobres também influenciaram a dança brasileira com as de salão, minuetos e valsas, trazidas da Europa.

Dado importante a ser relatado, diz respeito ao Carnaval, que foi trazido ao Brasil pelos portugueses. Originalmente, o carnaval era um tipo de quermesse, chamado de “entrudo”. O negro foi tomando parte desta dança e aos poucos colocando seu próprio estilo nestas festas. Por volta do século XIX, o carnaval já era considerado tipicamente brasileiro. Em 1835, no Rio de Janeiro, realizou-se o primeiro baile de máscaras. O primeiro baile carnavalesco surge em 1855. Em 1899, a primeira marchinha faz sucesso, “O Abre-Alas” de Chiquinha Gonzaga. Em 1916, o samba invade o Rio de Janeiro e rapidamente se transforma na dança símbolo do país. (ELLMERICH, 1964).

A partir de 1922, desembarcaram no Brasil várias companhias de balé vindas da Europa, a convite da corte. Permaneciam no país professores russos e franceses exilados da guerra. Estes professores, ministravam aulas particulares de bons modos às moças da elite. (FERREIRA, E., 2002b).

No ano de 1927, originou-se a primeira escola de bailado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que tinha a direção da bailarina russa Maria Olenewa, que ficou no Brasil após

a turnê de 1927, onde acompanhara a companhia de Anna Pawlowa no país. Segundo Ellmerich (1964, p. 128), “o primeiro corpo de balé estável foi organizado por Maria Olenewa”.

Em 1930 surgiram várias companhias de dança. A Companhia Balé da Juventude, dirigida por Igor Scwezoff, é considerada a pioneira em realizar apresentações nas principais cidades do país, esta Companhia apresentava espetáculos de dança, música e teatro. O professor Carlos Leite, o primeiro bailarino desta Companhia, a convite, desenvolveu um trabalho de balé clássico na cidade de Belo Horizonte. Em seus 55 anos de empenho à dança, seguiu a tradição clássica à risca. (FERREIRA, E., 2002b).

Em meados de 1932, chegam ao Brasil as primeiras influências da dança moderna, primeiramente pela bailarina Chinita Ullmann, brasileira que estudou com Mary Wigman, e quando retornou ao Brasil, abriu em São Paulo sua escola de dança, posteriormente com Maria Duschenes, bailarina húngara, que estudou com Dalcroze e Jooss na escola de Dartington Hall na Inglaterra. Duschenes chegou ao Brasil e ensinou dança a crianças no colégio Mackenzie. Ela elaborava seus trabalhos de acordo com a metodologia de Laban. Foram suas alunas, Yolanda Amadei e Lia Robato, bailarinas que influenciam a dança brasileira até hoje.

Apenas em 1940, surgiu a Escola de bailado da Prefeitura Municipal de São Paulo, com direção de Vaslav Vetschek, bailarino e coreógrafo Tcheco, que estudou e trabalhou na Ópera de Paris. Em 1939, Vetschek era o coreógrafo do balé do teatro Municipal do Rio de Janeiro. A companhia de São Paulo foi dirigida por Olenewa de 1943 a 1948, quando a dançarina deixou este trabalho e montou sua escola. (FERREIRA, E., 2002b).

A primeira escola oficial de dança moderna surgiu no ano de 1956, em Salvador, associada à Universidade Federal da Bahia, dirigida inicialmente por Rudzka, que a passou em 1960 a Rolf Gelewski, bailarino russo, que estudou com Joss e chegou ao Brasil em 1930. Em 1971, Gelewski publicou a obra intitulada, “Estudo Básico das Formas”. (FERREIRA, E., 2002b).

Outro nome importante foi René Guimel, bailarina francesa que estudou com Dalcroze, Jozz, Bejart e Laban. Em 1957, mudou-se para o Brasil e montou sua escola de dança em São Paulo e trabalhou em televisão. Voltou à Europa, mais tarde retornou ao Brasil em 1962, onde montou sua escola de dança moderna em São Paulo, é reconhecida junto com Duschenes, como “as mães da dança moderna no Brasil”. E por final, Yanka Rudzka, bailarina polonesa que chegou no país em 1952, montando sua escola também em São Paulo, também teve como aluna

Lia Robatto. Rudzaka foi diretora da primeira Universidade de Dança no Brasil, na Universidade Federal da Bahia. (FERREIRA, E., 2002b).

A década de 60 foi marcada pelo grande salto da dança moderna, proporcionando o aparecimento de diversos trabalhos importantes no âmbito artístico. (FERREIRA, E., 2002b). Naquele momento, existiam cinco companhias de dança mantidas pelas Secretárias de Cultura e pelo Estado: a escola do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e de São Paulo; a escola do Teatro Guaíra de Curitiba; a escola da Fundação Clóvis Salgado de Belo Horizonte; e a escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Surgiram muitos grupos e conforme Robbato (1992 citada por FERREIRA, E., 2002b, p. 92), “em cada bairro das cidades de médio e grande porte do Brasil há uma academia de dança”. Dessa maneira, esta arte no Brasil mostra-se uma atividade com grande representatividade social.

Para Ferreira, E., (2002b), em relação ao crescimento da prática da dança no Brasil, fica fácil afirmar observando-se o número crescente de participantes nos festivais de dança de Joinville e Uberlândia, onde vem sendo demonstrados novos trabalhos, que estão rompendo com fórmulas pré-estabelecidas, propondo novos paradigmas.

Nesse sentido, presencia-se no surgimento da dança para pessoas com deficiência, um novo capítulo sobre este tema.

A dança tanto aqui quanto em outras partes do mundo, sempre esteve vinculada ao ser humano. Ela serviu de referência ao sobrenatural, à crítica social. Este tipo de arte se desenvolveu com o homem, cada qual em seu estilo e concepção, dançou-se o corpo e a vida.

2.2 Considerações sobre a História da Dança em Cadeira de Rodas

A dança evoluiu junto com a sociedade, num momento serviu de comunicação entre as pessoas, honrou deuses, alegrou povos. Noutro, a dança foi utilizada como crítica e ao mesmo tempo transcendência de idéias e ideais, que marcaram cada período da história desta arte e do homem no mundo. A partir de 1960 surge um novo estilo contemporâneo, que é a dança em cadeira de rodas.

Assim como a dança, ela é analisada em várias linhas de estudo, nas quais suas temáticas se interligam e se complementam, para poderem assim, dizer sobre este trabalho que envolve, cadeirantes, andantes, espectadores, artistas, professores, alunos ou simplesmente seres humanos, cada qual com suas características próprias e individuais.

O estudo da dança em cadeira de rodas se direciona às diversas áreas do ser humano, o filosófico, antropológico bio-cultural, histórico e sociológico. (FERREIRA, E., 2001a). Neste contexto, ela surge e evolui assim como a sociedade, a ciência e a vida. Para Tolocka (2002), a contribuição deste tipo de atividade, tem direcionado a mudanças sociais, ampliando a participação das pessoas com deficiência nas atividades do cotidiano, bem como possibilitando um novo significado à cadeira de rodas, onde inicialmente é estigmatizada como símbolo de incapacidade e imobilidade pela sociedade.

A dança para pessoas com deficiência física, é uma modalidade reconhecida desde junho de 1989, de acordo com a Organização Internacional de Esportes para Deficientes a I.S.O.D. (1992). (FERREIRA, E., 2002b; TOLOCKA, 2002). Segundo Ferreira, M. (2001b), a “Dança em Cadeira de Rodas”, é um tipo de arte ou esporte que faz parte da representatividade da vida contemporânea, que carrega consigo a técnica e a criatividade. Ferreira, M. (2001a) discorre que, enquanto movimento artístico, a dança em cadeira de rodas, enfrentou preconceitos na sociedade e não se inseriu em programas regulares universitários, em específico Faculdades e Institutos de Arte e Dança ou Educação Física.

Ferreira, E., e Ferreira, M., (2005, p. 653) e Kowalsky (2004, p. 404), definem que, “a dança em cadeiras de rodas é uma modalidade esportiva que utiliza a cadeira de rodas”.

De acordo com Ferreira, E. e Ferreira, M. (2005), sua prática pode ser de característica esportiva ou recreativa. Ela pode ser realizada de várias formas, dançam-se solos, em duplas, em grupos. Seu universo é constituído de pessoas com deficiência física, denominada de “cadeirantes” e pessoas que não apresentam deficiência física, “andantes”, esta terminologia foi adotada pela I.S.O.D., International Sports Organization For The Diasabled. A dança em cadeira de rodas pode ser praticada de maneira competitiva, na qual, as danças de salão contam com a participação de um dançarino cadeirante e um andante, sendo dividida em duas modalidades. A modalidade denominada de standart, que inclui a Valsa, o Tango, a Valsa Vienense, o Slow Foxtrot, o Quickstep; e as dança latinas: Samba, Chá-chá-chá, Rumba, Paso

Doble e Jive. Já na sua forma recreativa é subdividida em criativa e moderna, neste caso, a participação pode ser na categoria solo, casais e grupos.

A dança em cadeira de rodas tem suas raízes no contexto da dança moderna e contemporânea, movimentos que historicamente desenvolveram metodologias centradas na expressão corporal, expressão individual do dançarino, resignificando desta maneira, os valores da dança e transportando tais valores para a sociedade. (FERREIRA, E.; FERREIRA, M., 2005).

Acreditamos, que um dos impulsos para o trabalho da dança em cadeira de rodas, tenha originado de um esporte no início do século XX, trata-se do surgimento da Associação Norte-Americana de Basquetebol em Cadeiras de Rodas, N.W.B.A.. (YILLA, 2004).

Segundo Jesus (2001), o desenvolvimento de atividades esportivas envolvendo pessoas com deficiência, iniciou-se no pós-guerra, na década de quarenta. O seu objetivo principal era a reabilitação de soldados que ficaram com deficiência durante a Segunda Guerra Mundial. Porém Tolocka (2002), refere que isso, efetivamente, tornou-se possível devido à especialização da medicina, à criação dos centros de reabilitação e o surgimento das unidades de tratamento intensivo.

Para Ferreira, E., e Ferreira, M., (2005), outro movimento que impulsionou o que seria a dança em cadeira de rodas, foi a proposta da dança-terapia, realizada nos Estados Unidos na década de 70. Em sua metodologia buscava despertar, através dos gestos corporais, a autoconfiança e auto-estima. Segundo Kowalsky (2004 p. 395), a dança-terapia era definida pela Associação Norte-americana de Dança, como: “o uso terapêutico do movimento, como um processo que promove a integração emocional e física do indivíduo”.

Neste mesmo período na Europa e EUA, profissionais da Educação Física e Fisioterapia, iniciaram atividades físicas com cadeirantes, no sentido de desenvolverem potencialidades físicas e proporcionarem uma nova idéia de locomoção e independência para essas pessoas. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Em abril de 1971, na cidade de Londres, ocorreu o primeiro campeonato de dança em cadeira de rodas. Nessa ocasião, os dançarinos foram classificados a partir de suas características próprias de movimentação, bem como ao tipo de cadeira que utilizavam, elétricas ou manuais, e ainda foram divididos por idade. Este evento contou com a participação de 10 duplas. Após este campeonato, a cada ano, a competição ganhou novos participantes e gerou novos estilos de dança.

Segundo Bernabé (2001), com relação a dança envolvendo a pessoa com deficiência física, na Alemanha, Gertrudes Kromholtz, iniciou em 1973 uma atividade de dança de salão. Privilegiando apenas a parte íntegra da mesma, e excluindo quem não tinha habilidade física para realizar a atividade.

Com a evolução própria da dança em cadeira de rodas, os dançarinos buscaram novos estilos, enriquecendo suas performances. Em 1974 surge uma nova categoria, a dança não competitiva, considerada como dança artística, na qual suas atividades embasaram-se nos princípios da dança moderna. O crescimento desta modalidade estimulou a necessidade da regulamentação da categoria, sendo criada na Inglaterra a Associação de Dança em Cadeiras de Rodas. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Em 1976, a dança folclórica Inglesa foi reconhecida como dança esportiva em cadeiras de rodas. Os primeiros campeonatos do gênero, foram regionalizados e não eram oficiais. Ocorreram na Holanda em 1985, Bélgica 1987, Alemanha 1991. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Os workshops do Dancehabillity realizados nos Estados Unidos a partir de 1988, passaram a incluir danças envolvendo pessoas com e sem deficiência física. Com o objetivo de possibilitar descobertas corporais e interação, essas atividades influenciaram grupos do mundo inteiro. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Em janeiro de 1991, durante a II Conferência Internacional para Dança em Cadeira de Rodas, em Munique (Alemanha), foi fundado o I.S.O.D., considerado sub-comitê para dança em cadeiras de rodas. Neste evento, ela foi definida da seguinte maneira:

“A dança em cadeira de rodas é uma forma especial das danças com deficientes, a qual difere pela sua técnica especial da dança com deficientes, cegos, surdos, mentais e de aprendizagem. A figura central é o homem que depende por sua deficiência de aparelhos-suportes de sustentação e de movimento ou sua mobilidade em andar é limitada por causa do seu sistema nervoso periférico. Ele sempre depende de uma cadeira de rodas ou tem tanta dificuldade em andar que é mais fácil para ele se locomover numa cadeira de rodas. Ele pode, como qualquer pessoa, ter uma alegria e divertimento no movimento e na música em companhia de semelhantes”. (I.S.O.D., 1992, apud FERREIRA, E., 2002b, p.95-6).

Atualmente a dança em cadeira de rodas, é desenvolvida como arte e como esporte. Como esporte é regida pela Organização Internacional de Esportes para Pessoas com Deficiência - International Sports Organization For The Diasabled – I.S.O.D., com sede em

Munique (Alemanha). Como arte, ela é dirigida pelo Comitê do Programa Very Special Art dos EUA, V.S.A.

Segundo o I.S.O.D., a dança em cadeiras de rodas é praticada em mais de quarenta países, em vários aspectos: reabilitação, recreação e competição; estilo folclórico, de salão e criativa. (KOWALSKY, 2004). Ferreira, E. (2002b) relata, que o objetivo deste sub-comitê é desenvolvê-la no mundo todo, de forma recreativa ou competitiva.

Atualmente, a dança em cadeira de rodas é realizada em vários campeonatos regionais, desde 1994 já há campeonatos mundiais.

Com a perspectiva de disseminação mundial da dança em cadeira de rodas, seja de forma competitiva ou recreativa, a I.S.O.D., traça alguns objetivos, nos quais existem estímulos para realização de encontros bem como estudos e treinamentos, visando a melhora, a integração e disseminação de conhecimentos no que tange esta prática.

Existe também um direcionamento, dos objetivos a serem trabalhados nas relações sociais, emocionais, corporais, físicas e de saúde de seus praticantes. A I.S.O.D., coordena e elabora regulamentos, auxiliando o desenvolvimento, bem como a divulgação da dança em cadeira de rodas. (FERREIRA, E., 2002b).

Dada a diversidade de cultura que permeia a própria dança, não é diferente nesta modalidade para pessoas com deficiência, na qual é possível observar uma grande variedade de grupos com características próprias, tanto no que diz respeito a sua formação, bem como a metodologia específica que é utilizada pelos mesmos, para o desenvolvimento da dança em cadeira de rodas.

Segundo Ferreira, E., (2002b) pode-se observar, por exemplo, a utilização da dança moderna, contemporânea e folclórica em suas atividades. A opção pelo estilo se dá através de fatores históricos que permeiam a criação do grupo, onde a diversidade é a marca do próprio processo de transformação e definição do que é a dança.

2.2.1 Considerações sobre a História da Dança em Cadeiras de Rodas no Brasil

Iremos delinear este sub-título para a proposta da dança em cadeira de rodas em seus movimentos realizados no Brasil, lembrando de seu desenvolvimento mundial, bem como da criação das entidades regulamentadoras.

A década de 90 marcou o surgimento de vários grupos no Brasil, dentre eles o Grupo Ázigo da Universidade Federal de Uberlândia-MG. Em 1991, surge o Grupo Giro em Niterói, e a Cia. Limites. Já no ano de 1995, surge o Grupo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (FERREIRA, E.; FERREIRA, M., 2005).

Em 1991, originou-se na Inglaterra, a Companhia “CanDoCo Dance”, que a convite veio ao Brasil realizar uma mostra de dança, num workshop em São Paulo no Sesc Ipiranga. A Cia. voltou ao Brasil em 1992 pelo Very Special Arts, trazendo Gertrud Kromholz, considerada a mentora da dança esportiva mundial. A esportista voltou ao Brasil em 1993, sendo que nesta oportunidade ministrou cursos no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No ano de 1997, a Cia. Danceability realizou um workshop, durante a Semana da Dança promovida no Centro Cultural de São Paulo. (FERREIRA, E.; FERREIRA, M., 2005).

No momento em que a dança em cadeira de rodas é realizada como arte ou de forma esportiva no Brasil, já estão surgindo os grupos com esta finalidade. Em relação à dança como arte, ela é apoiada e desenvolvida pelos comitês estaduais e municipais do programa Very Special Art, V.S.A., com sede no Rio de Janeiro, que está vinculado ao programa Very Special Art V.S.A., dos EUA. (FERREIRA, E., 2002b).

A V.S.A., foi criada de forma oficial em 1990 e se caracteriza por ser uma instituição não-governamental, sem fins lucrativos. A organização direciona seu trabalho para a política de não-segregação, e seu programa é voltado para ações integradoras, valorizando e lutando pela individualidade das pessoas com deficiência, mostrando que as únicas diferenças e dificuldades são as barreiras físicas, institucionais, e acrescentamos atitudinais, que atrapalham a aceitação da arte destes indivíduos. O objetivo dos comitês estaduais e municipais que compõem a V.S.A., é de identificar as organizações que desenvolvem ações com pessoas que apresentam deficiência, nas áreas de artes visuais, cinema, dança, fotografia, música, teatro, artesanato e literatura. Este objetivo é traçado, buscando proporcionar a divulgação das atividades sob duas vertentes: arte processo, que seria a estimulação dos grupos de trabalho na área educacional e integração social; e arte produto, que se direciona no sentido de promover e divulgar, todas as formas de manifestações artísticas. (FERREIRA, E., 2002b).

Em 1991 foi constituído o Departamento de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - Wheelchair Dance Sport Commmitte, W.D.S.C. . Esta entidade está vinculada ao sub-comitê internacional I.S.O.D., que é vinculado ao Comitê Internacional Paraolímpico, I.P.C., o W.D.S.C. é responsável, tanto pela dança em cadeira de rodas de característica esportiva como recreativa. Este ano ficou marcado, pelas primeiras publicações nacionais de artigos científicos e capítulos de livros relacionados à dança em cadeira de rodas. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

No ano de 1992, o W.D.S.C. realizou a primeira competição de dança esportiva, e a partir de 1993 passou a organizar campeonatos europeus a cada dois anos. Outro dado importante, é que nesses eventos foram realizadas as primeiras formações de classificadores e árbitros, através de cursos específicos. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Mas foi somente no ano de 1995, que ocorreram as primeiras apresentações de dança em cadeira de rodas de característica artística, realizadas nos festivais de dança de Joinville S.C., e Uberlândia M.G. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

O período de 1998 a 2003, refere-se ao princípio do desenvolvimento científico e organizacional da modalidade no Brasil, em que foram produzidas as primeiras pesquisas na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Neste período, foram produzidas três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado sobre o tema, desta forma os trabalhos impulsionaram o desenvolvimento da modalidade. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

No ano de 2001, promoveu-se o I Simpósio Internacional e a I Mostra de Dança em Cadeira de Rodas. Os eventos foram realizados pela Unicamp em parceria com a Abradecar - Associação Brasileira de Dança de Cadeira de Rodas, recebendo apoio do Conselho Nacional de Pesquisa C.N.P.q., e do Ministério dos Esportes. Neste ano é fundada a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, C.B.D.C.R., visando o desenvolvimento desta prática de forma artística e esportiva. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

No Brasil, a dança em cadeira de rodas é desenvolvida por grupos independentes, grupos ligados a universidades, prefeituras municipais, centros de reabilitação e poucas escolas de dança isoladas. A criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, C.B.D.C.R., que é uma entidade civil, não governamental, de caráter esportivo, artístico e educacional, tem por objetivo administrar bem como desenvolver esta modalidade no Brasil. (FERREIRA, E., 2002b).

No ano de 2002, realiza-se o II Simpósio Internacional, a II Mostra e I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Os eventos foram realizados pela Unicamp em parceria com o C.B.D.C.R., com o apoio financeiro do Ministério do Esporte. Neste evento promoveu-se um curso de classificação funcional. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

Em 2003 é realizado o I Campeonato Paulista de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, organizado numa parceria entre a C.B.D.C.R. e a Escola Superior de Educação Física de Jundiaí-SP. Ocorreram também, o III Simpósio, a III Mostra e o II Campeonato de Dança em Cadeira de Rodas, organizados pela C.B.D.C.R., em parceria com a Faculdade do Clube Náutico Mogiano e a Universidade Brás Cubas. Estes eventos foram realizados em Mogi das Cruzes-SP, estas atividades contaram com apoio financeiro do Ministério do Esporte. (FERREIRA, E; FERREIRA, M., 2005).

No ano de 2005, realizou-se na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, o IV Simpósio Internacional, a IV Mostra Artística e o III Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas, organizados pela C.B.D.C.R., em parceria com a Faculdade Federal de Juiz de Fora.

Já neste ano de 2006, foi realizado na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, o V Simpósio Internacional, a V Mostra Artística e o IV Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas, organizados pela C.B.D.C.R., em parceria com a Universidade Metodista Paulista, Unimep.

De acordo com Ferreira, E. e Ferreira, M. (2005), a dança em cadeira de rodas começa a ser valorizada no Brasil, através da atuação conjunta de diferentes áreas do conhecimento, entidades de ensino-pesquisa, associações não governamentais e do governo. Segundo os dados contidos no Atlas do Esporte no Brasil, existiam cerca de 45 grupos de Dança em Cadeira de Rodas no Brasil até 2003.

Vários estudos estão sendo realizados de forma a proporcionar, não apenas o desenvolvimento desta modalidade, artística ou esportiva que é a dança em cadeira de rodas, porém de valorizar o ser humano que apresenta deficiência ou não, e que se utiliza desse meio como forma de experimentar a vida.

2.3 A Dança e a Vida

Percebemos que o estudo da dança tem várias implicações, bem como áreas e abordagem distintas. Por ser uma atividade humana, a ciência se organizou no sentido de estudá-la, cada qual, em sua área de aplicabilidade, desta maneira empregando e gerando significados próprios. Neste sentido, nosso objetivo, nesta parte do estudo, é de direcionarmos o olhar para a dança, no que diz respeito a sua proximidade e reciprocidade com aspectos da vida do homem.

Reconhecemos e consideramos as áreas de estudo, que tem a dança como objeto de investigação. Neste momento delinearemos nosso trabalho para a simplicidade e ao mesmo tempo magnitude, que esta arte impõe sobre o ser humano, fazendo a ligação do ser à vida, através da dança. A partir da experiência da dança, acreditamos em possíveis transformações na vida do ser que a vivencia, influenciando e redirecionando a sua existência.

Trataremos a dança, seja ela, em cadeira de rodas ou não, simplesmente como dança, pois o que mais nos importa é sua ligação e proximidade com a vida do ser que a pratica. Desta forma, a dança aqui tratada, deve ser possível a todos; homens, mulheres, idosos, crianças, pessoas com deficiência ou não.

Em seu trabalho de doutorado, Ferreira (2003) descreve, que uma das fases de seu estudo sobre o ensino da dança para pessoas com deficiência física, se direciona à importância de todo o processo histórico, bem como as influências no meio social, que permeiam a dança e a vida do ser que a pratica.

Ao olharmos para a dança, não apenas como manifestação artística ou esportiva, que faz parte da vida do ser humano, mas ao direcionarmos nosso olhar para o entendimento dos primeiros movimentos desta atividade, vamos perceber que ela surgiu como forma de comunicação, em que o ser humano veio, ao longo do tempo, ampliando seus significados e diversificando sua forma de manifestação.

O homem primitivo dançou como forma de ritual, dançou para celebrar as forças da natureza. Na história da dança relacionada às antigas civilizações, dançava-se por alegria e luto, para homenagear deuses e chefes, para treinar guerreiros e educar cidadãos. Ela foi perseguida pelo cristianismo, porém prevaleceu e evoluiu, fez parte do cotidiano de ricos e pobres e seguiu seu caminho, sendo estudada e estruturada. Surgiram novas técnicas e métodos

próprios, no entanto as pessoas criticaram e revolucionaram suas técnicas, gerando novos estilos. A cada momento histórico da humanidade, a dança recebeu e continua gerando significados próprios, se inter-relacionando com necessidades e pensamentos característicos de cada época.

A dança a que iremos discorrer, fez e faz parte do cotidiano das pessoas, e segundo nosso olhar, é possível para qualquer pessoa realizá-la. Esta evoluiu junto com a humanidade e se faz presente praticamente em todo o mundo. Segundo Portinari (1989, p. 11), “não há povo sem dança, e neste presente momento todas as suas formas são apreciadas. Assim das cavernas à era do computador, a dança fez e continua fazendo história”. Para Fux (1983, p. 39), “a dança está no homem, em qualquer homem da rua e é necessário desenterrá-la e compartilhá-la”. Garaudy (1980, p. 10), complementa que “o lugar da dança é nas casas, nas ruas, na vida”.

É muito importante olhar para esta arte como parte do contexto que envolve a vida das pessoas, povos, culturas e nações, pois ela surge da necessidade do homem se expressar, e une-se de maneira singular ao que há de suporte na natureza humana: sentimentos, desejos, realidades, sonhos, traumas. (BERNABÉ, 2001).

Ao abordarmos a dança, seja ela em cadeira de rodas ou não, entendemos esta atividade como manifestação expressiva do ser humano, tornando-se meio propício ao desenvolvimento humano. Inicialmente pode ser compreendida da concepção, de que ela é um tipo de movimento, que se baseia exclusivamente em técnicas que envolvem essencialmente as pernas, não revelando sua verdadeira função, que é a expressão de sentimentos através do corpo. (FERREIRA, E., 2001a).

Rudolf Laban, destaca em seus trabalhos, que todo o movimento é funcional e expressivo, ou seja, em qualquer movimento realizado pelo corpo, as pessoas exprimem sentimentos de si próprios. (FERREIRA, M., 2001a; BERNABÉ, 2001).

Para Tavares (2001), no que diz respeito ao envolvimento da dança na vida do ser humano, é importante reconhecer a influência que esta atividade realiza nos processos de desenvolvimento, ou seja, nas relações individual e coletiva.

Dança é movimento, e nessa perspectiva relacionada à imagem corporal, Tavares (2001) descreve que o movimento desloca o corpo em suas atitudes internas e externas. Cada movimento interage impressões e expressões, a cada momento. Neste sentido, os movimentos que realizamos com suas características próprias, direcionam o trajeto de nossas

transformações, nos remetendo a novas impressões do mundo pela renovação de nossa imagem corporal, nos levando a outros movimentos. A autora destaca ainda, que a dança “está ligada a necessidade de expressão de sentimentos, desejos, realidades e sonhos”. Percepções ou projeções que fazem parte de nossa vida, de nosso cotidiano real, vivido e não algo que jamais se possa atingir. Entendemos que tais atividades fazem parte do universo de pensamento e sentimento de qualquer pessoa, seja ela cadeirante, andante, homem, mulher, criança, jovem, adulto ou idoso. Ou seja está ao alcance de todos. (TAVARES, 2001, p. 19).

Tavares (2001), relata sobre a grande artista da dança Maria Fux, que em sua trajetória profissional, se relacionou e ficou admirada com a diversidade dos corpos e dos movimentos, abrindo o cenário da dança para pessoas sem limites de idade, pessoas com deficiência física e outros, que por um olhar fragmentado não eram aptos a dançar.

Vale destacar o papel de Maria Fux, principalmente no que diz respeito às pessoas com deficiência, onde seu trabalho, foi e continua sendo, um impulso para o desenvolvimento deste tipo de atividade. Seu método, a “Dançaterapia”, é reconhecido na Europa e nas Américas, este método direciona suas atividades para o desenvolvimento das potencialidades artísticas de crianças, adolescentes e idosos, integrando a pessoa com deficiência auditiva, mental e motora, às que não apresentavam deficiência numa mesma atividade. (BERNABÉ, 2001).

Quando falamos em dança temos que ter em mente de que dança falamos. Aquela que privilegia o adestramento, a técnica, a rigidez, o corpo “perfeito”, corpo objeto; ou a que é possível a todos, flexível em sua estrutura, possível por todos os corpos, tornando-os sujeitos de seu ato. Neste sentido, ela nos cabe como meio de expressão e impressão, agindo como interlocutora do processo de desenvolvimento da vida de quem a experimenta. Por meio desta arte, as pessoas chegam a conectar-se com seus pensamentos e sentimentos interiores, podem aprender a expressar, e encontram ainda, novos mecanismos de relacionar-se com o outro e com o mundo que as rodeia. (KOWALSKI, 2004).

Para Fux (1983, p. 23), “a dança ou a arte, significam uma exploração profunda da vida”. Tavares (2001) diz, que temos a necessidade de assumirmos a função transformadora da arte, a qual nos remete a uma ampliação da consciência.

Em sua autobiografia “Dança Experiência de Vida”, Maria Fux relata que dança e técnica se unem à vida do ser humano onde:

“Em dança, técnica é uma forma de expressar a vida e deve evoluir sem cessar, escapando à repetição; quer dizer, a técnica deve evoluir permanentemente e deve basear-se no reconhecimento de que tenha um sentido para expressar o que alguém tem dentro. A técnica deve ser flexível e nunca deve ter um fim em si mesma; como repetição significa técnica, esta deve realizar-se a cada dia com um sentido diferente; como nada se detém na vida do homem, nada deve parar e, assim tampouco a técnica através do corpo deve ser estática”. (FUX, 1983, p.39).

Laban, outro grande estudioso do movimento e da dança, dirigia seu trabalho na busca da expansão da criatividade e da conscientização do movimento natural, pois acreditava que essa teoria levaria a compreender de forma ampla o homem através do movimento visível, proporcionando assim a integração mente e corpo. (CORDEIRO; HOMBURGER; CAVALCANTE, 1989, apud BERNABÉ, 2001, p.13). Desta maneira, para Ferreira (2001b), Laban direcionou seu estudo para a compreensão da totalidade do movimento do corpo, entendendo não só o movimento da dança, mas os movimentos presentes nas ações do cotidiano das pessoas.

Segundo Bernabé (2001), ao ser estimulado a direcionar sua atenção para os movimentos que fazem parte do cotidiano, de forma rápida ou vagarosa, o indivíduo passa a se perceber e designar significados próprios, sentindo seu ritmo pessoal. Ao voltarmos a atenção para os nossos movimentos, podemos ampliar a nossa comunicação interna. Este trabalho é valioso de sensações e altamente carregado de emoção. Na dança, esta via de auto-conhecimento é geralmente reconhecida e assumida, tanto por profissionais da área, como por cidadãos. (TAVARES, 2001).

Fux (1983, p. 39), em testemunho próprio sobre o papel e a influência da dança em sua vida, relata: “assim como a dança entreabria meu mundo individual, ia também me integrando e consubstanciando cada vez mais com o mundo que me rodeava”.

Neste raciocínio Garaudy (1980) escreve que a dança não é apenas arte, mas um modo de viver e existir, é união. Representa uma das poucas atividades humanas em que o homem encontra-se interligado: corpo, espírito e coração. Percebemos que a ligação entre a dança e a vida acontece de forma simples e mútua, ao buscarmos compreender que os elementos da dança fazem parte não apenas do seu contexto artístico, mas estão presentes em nosso cotidiano, nos direcionamos a um sentido amplo de suas funções. Enquanto matéria mobilizadora de sentimentos e emoções, ela nos remete a percepções e nos leva a transcender idéias e ideais.

Bernabé (2001), refere em seu trabalho de ensino da dança para pessoas com deficiência física, buscar uma associação dos elementos da dança na vida cotidiana, tais como ritmo, coordenação, equilíbrio, postura, atitude, destreza, harmonia, dentre outros. Desta forma criando um paralelo onde algo que se ouve, se fala, se vê, se percebe para sempre. Garaudy (1980) complementa, que todos os elementos da dança podem ser observados no cotidiano das pessoas.

Como forma de observarmos a relação entre a postura e o cotidiano, podemos exemplificar, analisando as atitudes e estruturas que o corpo forma, frente às situações diversas do dia-a-dia. No que diz respeito à coordenação, pode-se observá-la, não apenas como um ato motor, mas com outros sentidos, a forma de coordenar e organizar coisas e situações que nos envolvem. (BERNABÉ, 2001).

Para Fux (1983), em relação ao espaço, cada vez que nos movemos, seja na vida ou na dança, nos adentramos e nos percebemos nele, ampliamos nossa relação com o mundo, percebendo o nosso espaço e o do outro.

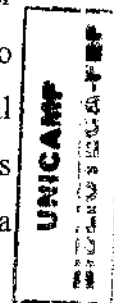
Observando nosso cotidiano, passaremos a perceber que nossas ações seguem uma coordenada, que contém um ritmo próprio na realização das atividades, e para cada um o tempo é percebido e vivido de forma única. Adotamos, portanto, certas posturas em determinadas situações, e a cada momento realizamos movimentos que englobam o corpo de forma total. Ao nos conectarmos com o mundo, percebemos que estamos inseridos num sistema bio-social, onde influenciemos e somos influenciados não apenas pelas leis dos homens, mas também pelos fenômenos da natureza.

Podemos dizer que o dia tem o seu ciclo, seu ritmo, seu tempo. O ano suas estações, a lua suas fases. Os planetas suas inter-relações. O homem de forma simples e ao mesmo tempo integral, exerce influência e ao mesmo tempo é influenciado por esses fenômenos.

“O ritmo é observado na relação do tempo, em períodos que se renovam como, por exemplo, o batimento cardíaco, as ondas do mar, o vento nas plantas, a água nas pedras, etc.”. (FERREIRA, E., 2001b, p. 136).

Para Fux (1983), podemos perceber o ritmo em nossa respiração, na circulação do sangue, em nosso nome, nossos passos, tudo apresenta um determinado ritmo, quando nos alimentamos, dormimos ou nos movimentamos, estamos nos ritmando de maneira própria.

Um exemplo desta influência e inter-relação entre o ser e o mundo, pode ser observado quando um dançarino ou qualquer pessoa se mostra emocionalmente agitada, podendo apresentar uma situação em que seu ritmo orgânico, respiração, pulsação, movimentação gestual estarão desequilibrados. A dança pode ser utilizada como a busca da harmonia corporal, através de novas tomadas de ritmos, que vão ao oposto do quadro apresentado, proporcionando à pessoa reencontrar seu ritmo natural. (FUX, 1983).



Relacionando dança, ritmo e cotidiano, observa-se, paralelamente ao trabalho do ritmo da música, o ritmo da vida, da rotina de cada um, do dia-a-dia, dos acontecimentos e todas as nuances possíveis; forma, equilíbrio, postura, coordenação, destreza, entre outros. Bernabé (2001), descreve, que todos os elementos da dança precisam ser desenvolvidos no sentido de sua aplicação corporal em momentos do cotidiano, de maneira que cada pessoa possa realizar sua ligação, proporcionando o resgate de si próprio.

Para Fux (1983), através da dança, a pessoa pode chegar a modificar suas relações com a vida. Sua forma de perceber, agir, interpretar e significar podem ser alteradas.

A autora acima descreve ainda, que criar e expressar-se através do corpo são atividades próprias dos seres humanos, qualquer que seja seu nível cultural e seu condicionamento físico. A necessidade de realizar movimentos faz parte da vida, e quanto mais as pessoas sejam auxiliadas no sentido de se expressar, mais benefícios conseguirão. (FUX, 1983).

Segundo Miranda (1979, p. 08), “o movimento é o denominador comum presente em qualquer atividade humana. O movimento é um processo conectado não apenas às ações externas, mas também ao pensamento e sentimento”.

A dança que discutimos se apresenta de maneira única para cada ser, porém seus atributos e elementos estão presentes não só em suas atividades, mas também no cotidiano de outros e de maneira global no contexto da relação do homem com o mundo.

Bernabé (2001), descreve que sua percepção em relação aos conteúdos dos elementos da dança, se direcionou no sentido da relação destes elementos com o cotidiano. A partir disto, praticar e interagir numa determinada área resultaria em modificações na outra.

Segundo Miranda (1979, p. 13), para Laban, “não é a perfeição artística, ou a criação e execução de danças sensacionais que temos como finalidade primordial, mas sim os efeitos benéficos que a atividade criativa do movimento exerce sobre o aluno”.

Dançamos com o corpo todo, com a vida toda; seja o corpo o qual e como for, ele carrega consigo marcas de todas experiências vividas. Bertherat (1977), afirma, que “o corpo nunca esquece o que aconteceu, [...] nele está escrita toda a sua história, do nascimento até hoje”. Muitas vezes essas marcas podem estar enraizadas e se manifestar de forma inconsciente, na qual a dança pode ser a propulsora desta tomada de consciência, gerando novos significados.

Fux (1983) descreve que numa de suas experiências de dança, em que participavam terapeutas, professores de educação especial, educadores físicos, músicos e algumas pessoas definidas como religiosas, foi notória a alegria expressa nos rostos dessas pessoas, principalmente das religiosas que percebiam o encontro com o seu corpo. Fux (1983, p. 125) narra que “[...] seus rostos se transformaram ao adquirir novas sensações, possibilitando, apesar de vestimentas inadequadas, sua expressão. Pessoas se moviam num encontro consigo mesmas”.

Bernabé (2001) relata, que nas aulas de dança consideradas convencionais onde o objetivo é o treinamento, observa-se corpos suados, buscando até o limite máximo, que a perna esteja mais alongada, que se realize o melhor passo, ou seja, busca-se a “perfeição”.

Porém a dança que descrevemos nos remete à integração do homem com o mundo através do conhecimento do corpo, com deficiência ou não, e a partir disto, busca estimular criativamente a expressão dos sentimentos. Fux (1983, p. 51) diz, que “o principal instrumento do homem é seu corpo [...] sendo necessária sua experiência de sensibilização”.

Num primeiro momento, o corpo da pessoa com deficiência física, não é um corpo contemplando para a dança ele apresenta dificuldades motoras marcantes utiliza-se de cadeiras de rodas, de próteses, muletas, etc, para se locomover. (BERNABÉ, 2001).

Na relação da dança praticada por pessoas com deficiência física e o cotidiano que as cercam, percebemos que além dos ganhos individuais no que diz respeito à tomada de consciência do corpo e conseqüentemente da vida, há uma revalorização por parte da sociedade em relação a essas pessoas, que vêm dentro de um contexto histórico e social sendo vítimas de exclusão e discriminação. As pessoas com deficiência, vêm ao longo do tempo, sendo vistas como incapazes de realizar atividades simples do cotidiano como, por exemplo, dançar.

Em relação a esta mudança de paradigma da sociedade, no sentido da revalorização social da pessoa com deficiência que dança, Fux (1983, p. 64) destaca, que “[...] quando o corpo pode encontrar-se com idéias próprias, estimuladas orgânica e sensivelmente, tem a unidade e compreensão frente ao tempo”.

Neste sentido, a dança serve de instrumento possível de devolver a pessoa com deficiência, a identidade do movimento. Colaborando dessa maneira, para a re-inserção em seu meio social na medida em que dispõe dos elementos da dança permeando as aquisições fragmentadas pela deficiência. (BERNABÉ, 2001).

Ferreira, E., (2001b) destaca, que para pessoas com deficiência física, a dança significa uma oportunidade de transformação social, mudando o olhar da impossibilidade gerado pela deficiência para a possibilidade da materialização do movimento no corpo.

Outro fator importante que observamos, é a resignificação que ocorre através da dança no sentido da cadeira de rodas, utilizada pela pessoa com deficiência na sua dança/vida. Ao longo da história a cadeira de rodas vem sendo estigmatizada junto a pessoa com deficiência, como símbolo de incapacidade. Na dança ela torna-se símbolo de possibilidade, onde a pessoa com deficiência e a sociedade lhe direcionam novos valores.

A partir disto, a cadeira de rodas passa de elemento estigmatizante, limitador da pessoa com deficiência física, para meio de possibilidade da dança e da vida, ou seja, elemento de prazer do corpo. (FERREIRA, E., 2001b).

Dessa maneira, a dança intervém na constituição do sujeito e em seu relacionamento com o mundo, remetendo nosso entendimento, para além do que já foi compreendido em nossa vida. A dança é importante a todo o ser humano, pois através dela, o corpo amplia sua capacidade de percepção do mundo. Ela pode proporcionar ao praticante, estímulos que o levam a desenvolver sua capacidade de sentir, pensar e atuar na sociedade, promovendo assim, maior interação com o indivíduo e melhor relacionamento entre os homens e o mundo. (FERREIRA, E., 2001b)

Através da dança, a pessoa com deficiência, passa a se perceber e com isso gerar novos significados em sua relação a si próprio, a sua vida e ao mundo. Por meio da dança, a cadeira de rodas deixa de ser um mero instrumento de locomoção, tornando-se um prolongamento do corpo, com novos significados. (BERNABÉ, 2001).

Da dança que falamos, possível a todos, homem, mulher, criança, idoso, pessoa com deficiência ou não, busca-se a integração do ser, consigo e com o mundo. O equilíbrio corporal transcende o palco e se torna possível no palco da vida. Seus elementos fundem-se de tal maneira no cotidiano de quem a pratica, que executar um gesto nas aulas possibilita resignificar atitudes na vida, levando-nos a estabelecer novos padrões que são incorporados à sociedade de

maneira social e histórica. Ela pode ser analisada enquanto um processo, não um treinamento, e se desenvolve diferentemente para cada ser. Transcende os espaços de sua prática, abrangendo também a vida das pessoas, levando a novos olhares sobre o corpo de quem a vive. Nesta nova visão, o corpo passa a ser instrumento de expressão seja no palco ou no dia-a-dia. (BERNABÉ, 2001).

Assim, cada pessoa se descobre vivenciando os elementos da dança e da vida, desenvolvendo suas próprias respostas. O resultado é sempre o movimento, é a dança que todos temos dentro de nós [...]. (BERNABÉ, 2001).

3 METODOLOGIA

Tavares (2001, p.20) descreve, que “dançar e pesquisar são atividades eminentemente humanas”. É fato que a ciência se organiza, no sentido de auxiliar o homem em sua existência. Por este viés, consideremos que chegamos até aqui, não apenas por uma escolha simples e casual, mas o que nos levou a buscar este objeto de estudo, esta metodologia e abordagem, foram itens por nós interpretados, como de grande relevância, no contexto da pesquisa e da vida. Acreditamos que as pessoas fazem suas escolhas baseadas em conceitos próprios, que ganham significados frente à própria existência no mundo.

A ação que visa atingir o conhecimento é uma atitude especificamente humana, que gera resultados criativos e possibilita novas interações entre o homem e o meio. Segundo a autora, “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas. É um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico”. Mas previamente a isso, ela se caracteriza como uma atividade criativa, cuja extensão faz transparecer o movimento interno do investigador. (TAVARES, 2001, p.20)

Segundo Triviños (1987), o pesquisador, sem duvida, ao começar desenvolver qualquer tipo de pesquisa, parte presumido de certas idéias gerais [...], acrescentamos aqui, idéias e ideais, [...] fica claro para qualquer investigador, que é impossível ficar imune, ou seja, não sofrer influência de princípios e idéias gerais, porque, qualquer indivíduo pertence à determinada cultura, que certamente o influencia na vida.

Em nosso caso, este caminho científico se deu de forma prazerosa, pois o objeto de investigação fazia e faz parte de nossos projetos de vida. Dessa maneira, a pesquisa tem muito sentido, não apenas objetivando a perspectiva acadêmica, mas atingindo o fato real vivido e para quem a ciência se desenvolve, “o ser humano”.

Para Minayo (2000, p.21), na perspectiva qualitativa em pesquisa social, “a visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho”. Neste sentido, Triviños (1987, p.130), enfatiza, que “uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas”.

3.1 Natureza da Pesquisa

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa empírica de natureza qualitativa, se configurando como um estudo de caso, estando situada dentro de um paradigma crítico dialético, tendo a análise de conteúdo como método de tratamento dos dados.

Para Triviños (1987), um estudo de caso se caracteriza por ser um tipo de pesquisa, cujo objeto é uma unidade que se investiga profundamente.

Segundo Thomas e Nelson (2002), as pesquisas empíricas de natureza qualitativa, normalmente abordam observações de campo, estudos de caso, etnografia e relatos narrativos. Neste caso, a pesquisa qualitativa busca compreender o significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico, e de que maneira os componentes combinam-se para formar um todo, tem como foco a essência do fenômeno. Sua perspectiva é altamente subjetiva e individual. O pesquisador observa e coleta os dados no campo. Ele não manipula as variáveis por meio de tratamentos experimentais e seu interesse é maior pelo processo ao produto

O pesquisador é o instrumento principal para coleta e análise de dados, o que é muito subjetivo, o qual interage com os sujeitos, sendo a sensibilidade e a percepção do mesmo, cruciais na obtenção e no processamento dos dados. (THOMAS; NELSON, 2002).

De acordo com Triviños (1987), a pesquisa de natureza qualitativa, tem no ambiente natural e no cientista, o local e o instrumento principal no processo. Ela é descritiva. Os pesquisadores estão mais interessados com o processo em relação ao produto. Os dados por eles colhidos tendem a ser interpretados de maneira indutiva, na qual o significado é a maior preocupação neste tipo de abordagem.

Para Fernandes (2004), ao desenvolverem trabalhos que busquem levantar e discutir as problemáticas surgidas nas pesquisas dentro das Ciências Humanas, os pesquisadores desenvolvem metodologias e abordagens diferentes das comumente empregadas. Desta maneira, tem aumentado o interesse de pesquisadores por desenvolverem estudos de cunho qualitativo, pois, esta trabalha com dados descritivos, possibilitando um campo mais aberto e flexível para a interpretação.

Chizzotti (2001 citado por FERNANDES 2004), descreve que na abordagem qualitativa, não se observa a padronização da pesquisa em relação aos diferentes objetos de estudo. O cientista é um descobridor ativo e curioso, que trabalha no sentido de contextualizar o tempo e o espaço vivido pelos sujeitos da pesquisa, numa relação dinâmica de observação e interpretação. Nesta perspectiva, os participantes formam o próprio processo de investigação, com suas construções e experiências individuais que se formaram ao longo do tempo.

Nossa opção pelo desenvolvimento deste tipo de trabalho estrutura-se, pelo fato de que a pesquisa de natureza qualitativa, nos permite obter maiores subsídios e condições para analisar as características do objeto de estudo, bem como de seus sujeitos, podendo considerar as ações particulares de cada um, enquanto parte de um mesmo processo.

Apresentamos a seguir os critérios utilizados para a escolha do Grupo artístico que fez parte de nossa investigação, bem como os critérios de participação dos sujeitos da pesquisa.

3.2 Critérios para a Escolha do Grupo Artístico Participante

Nossa opção pelo Grupo artístico participante, ocorreu pelo fato de atuarmos neste trabalho denominado “Projeto Grupo RodaPés” desde o seu início, exercendo as funções de: fisioterapeuta, dançarino e coordenador. Foi justamente a partir das transformações, que em primeiro momento foram vivenciadas em nosso corpo e analisadas por nós, enquanto integrantes de uma sociedade, e concomitantemente observadas nos outros participantes do Grupo RodaPés, que tornou possível e oportunizou-nos realizarmos este trabalho.

O Grupo RodaPés, é um projeto, que une no palco, pessoas com e sem deficiência física, que fazem uso ou não de cadeira de rodas, em torno de trabalhos e metas direcionadas por metodologias centradas na dança, na música e na arte expressiva corporal. O projeto é desenvolvido com o objetivo principal de discutir, de maneira bem humorada, emocionante e real, as possíveis situações e ações que envolvem o cotidiano de pessoas com deficiência. As informações contidas nas mensagens, que são transmitidas durante as

apresentações do Grupo, buscam levar o receptor à reflexão e com isso contribuir para a geração de novos paradigmas em relação às questões que envolvem a deficiência de um modo geral.

O projeto surgiu em janeiro de 2004, com uma parceria entre um fisioterapeuta e uma educadora da área de educação física, que propuseram o desenvolvimento do trabalho num Centro Comunitário da cidade de Conchal - S.P., local em que a educadora, desenvolvia trabalhos ligados à dança. O Grupo RodaPés, neste início era composto por 12 integrantes, sendo que 3 faziam uso de cadeira de rodas. Em junho de 2004, o Grupo ganhou 3 novos integrantes usuários de cadeira de rodas, totalizando 15 integrantes. No mesmo ano, o Grupo RodaPés realizou 12 apresentações em cidades do Estado de São Paulo, com destaque, na cidade de Araraquara - S.P., como convidados especial no evento – Festival de Dança e Ginástica – o qual contou com a presença do Projeto Guri e dos Meninos da FEBEM. Vale ressaltar também, a participação do Grupo, realizada na cidade de Campinas – S.P, durante a Semana da Educação para a Diversidade, que contou com a presença do conferencista internacional Romeu Sassaki, no evento realizado pela Secretaria de Educação do Município de Campinas – S.P.

Em 2005 o Grupo ganha nova casa, o Centro Cultural de Conchal, local adequado e que possibilitou o desenvolvimento de todo um trabalho, no qual culminou o espetáculo “Nossas Histórias”, que abordou e discutiu através da dança, música e arte expressiva corporal, as várias temáticas que envolvem a deficiência e o cotidiano de pessoas com deficiência, bem como contou a trajetória do próprio Grupo RodaPés.

No mesmo ano, 3 dançarinos deixaram o Grupo, no entanto outros 3 novos se integraram, mantendo o corpo artístico anterior. Porém neste período, foram acolhidos ao Projeto mais 5 pessoas, sendo que 3 delas atuam desempenhando atividades técnicas, iluminação e som; e 2 desenvolvem atividades artísticas ligadas à música, totalizando desta maneira 20 integrantes.

Ainda em 2005, o Grupo RodaPés realizou 13 apresentações em cidades do Estado de São Paulo, com destaque para a apresentação em Rio Claro – S.P., durante o evento CBAMA – VI Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada – do SOBAMA – Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – UNESP Rio Claro – S.P. Neste pensamento, também foram importantes, na cidade de Araras – S.P., no Centro Universitário Hermínio Ometto – Uniararas, durante o Festival de Dança desta instituição, sendo o único Grupo constituído por pessoas com deficiência. Enfatizamos ainda as apresentações do Grupo RodaPés realizadas na cidade de Conchal – S.P., durante a visita do cartunista Mauricio de Souza, do governador

Geraldo Alekmin bem como em Mogi Guaçu – S.P., realizando a abertura da Semana de Educação do Município de Mogi Guaçu – S.P., e na cidade de Piracicaba, encerrando a Semana da Pessoa com Deficiência de Piracicaba – S.P.

Neste ano de 2006, o Grupo RodaPés é um dos parceiros do Instituto Elecktro, que esta desenvolvendo; na cidade de Limeira-SP, um trabalho de grande importância para o Brasil, o Censo para Pessoas com Deficiência.

As atividades do Grupo RodaPés são desenvolvidas desde o seu início de maneira voluntária por seus participantes, e conta com o apoio da Prefeitura do Município de Conchal – S.P.

A seguir, apontamos com detalhamento, as questões referentes aos sujeitos da pesquisa, bem como os critérios de participação dos mesmos.

3.3 Os Sujeitos da Pesquisa

Com o objetivo de selecionarmos os integrantes do Grupo RodaPés que participaram da pesquisa, buscamos direcionar nossos olhares para os integrantes dançarinos, e dentre estes, os quais teoricamente teriam uma maior vivência dentro do Grupo. Dessa maneira, adotamos os seguintes critérios para participação no estudo:

Poderiam participar deste estudo, os integrantes dançarinos do Grupo RodaPés, (de ambos os sexos), que apresentassem deficiência física ou não, usuários de cadeira de rodas ou não, na qual suas idades variam de 14 a 45 anos. A faixa etária escolhida, representa a idade real dos integrantes do Grupo.

Atribuiu-se à necessidade dos participantes, concordarem num primeiro momento, com a proposta deste trabalho, preenchendo o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 4); e contando com a autorização dos pais (quando menores), preenchendo o termo de consentimento livre e esclarecido para menores (Apêndice 5). Nesse momento, além de explicarmos o objetivo desta pesquisa, elucidamos a justificativa desse estudo e deixamos claro e explícito a total liberdade para que os participantes abandonassem o estudo, no momento que assim o desejassem.

Caracterizou-se como critério de inclusão, a necessidade dos integrantes dançarinos fazerem parte do Grupo RodaPés desde o início de suas atividades, sendo considerados os meses de janeiro a junho de 2004. Em relação ao critério de exclusão, estabeleceu-se que os integrantes dançarinos, que deixaram o Grupo RodaPés ou novos dançarinos que se integraram ao trabalho, durante o ano de 2005, não poderiam participar deste estudo.

Dessa forma, foi apresentado o objetivo da pesquisa às pessoas que se enquadravam nos critérios apresentados acima, e a partir disto, delimitou-se um grupo de integrantes (dançarinos com e sem deficiência física), participantes da pesquisa, os quais são identificados com as letras do alfabeto: A,B,C,D,E,F,G,H,I,J.

3.4 Instrumentação

O estudo foi desenvolvido em duas fases: na primeira recorreremos à literatura, a fim de podermos construir a nossa teia de idéias, a qual proporcionou suporte para considerarmos a dança, a dança em cadeiras de rodas e a dança na vida, dentro de um modelo teórico e sistematizado. Neste caso, a dança se caracteriza como “o objeto de estudo” de nosso trabalho.

Na segunda fase, realizamos um trabalho de campo, no qual utilizamos a entrevista semi-estruturada individual como instrumento de coleta de dados, compreendendo perguntas abertas (apêndice 3), constituídas a partir do objeto de estudo e das relações dos sujeitos com o mesmo.

Desse modo, o roteiro da entrevista é iniciado por uma breve apresentação dos sujeitos da pesquisa, através dos seguintes dados: idade, escolaridade, característica física e atividade profissional. Com isso buscamos esclarecer melhor quem são os sujeitos pesquisados, para podermos interpretar de forma mais ampla e específica suas respostas. Posteriormente seguimos ao estudo específico, através das questões, com o objetivo de buscar qual é a influência da dança no cotidiano das pessoas que a praticam, ou seja, quais foram as percepções, sobre as possíveis repercussões, transformações na vida dos integrantes (dançarinos com e sem deficiência física) a partir do trabalho do Grupo Rodapés.

Para Minayo (2000, p.107), “[...] a entrevista é a técnica mais usada no processo de trabalho de campo”. Segundo a própria autora, esta técnica é um instrumento privilegiado de coleta de dados, partindo do princípio de que a fala é um meio revelador de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos, ao mesmo tempo possibilitando transmitir através de um porta voz, as características de determinados grupos, e suas concepções sócio-culturais determinantes.

Segundo Fernandes (2004), na entrevista semi-estruturada, há flexibilidade relacionada à sequência em que se encontram as questões, porém é necessário que seja organizado pelo cientista, o eixo de análise em vista daquilo que se busca, objetivando assim, obter maior êxito nos resultados.

De acordo com Minayo (2000), as qualidades deste tipo de entrevista, se afirmam em enumerar, de maneira mais ampla possível, as questões que o pesquisador busca na atividade de campo. Neste caso, a entrevista semi-estruturada busca atingir a descrição do caso de forma individual, a compreensão das especificidades mais enraizadas e torna possível a comparabilidade de vários casos. Triviños (1987) complementa, que este tipo de entrevista, proporciona além da descrição dos fenômenos sociais, sua explicação e compreensão de forma total, abordando suas situações específicas bem como de dimensões maiores.

Para Fernandes (2004), é importante que o cientista, o qual se utiliza deste instrumento para o desenvolvimento de sua pesquisa, viva o contato direto com os integrantes do estudo e promova uma comunicação positiva, demonstrando empatia e possibilitando um bom ambiente. Minayo (2000) enfatiza, que na abordagem qualitativa a inter-relação entre o cientista e os participantes é essencial.

De acordo com Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada valoriza a atividade do pesquisador, proporcionando varias situações e gerando possibilidades para que os participantes obtenham a liberdade e espontaneidade necessárias durante todo o processo, dessa maneira enriquecendo o trabalho.

Ao iniciarmos o processo de entrevista, procuramos explicar quais eram os objetivos do nosso estudo, bem como esclarecer quaisquer dúvidas em relação ao procedimento subsequente. Observamos que este passo inicial foi muito importante neste estudo. Durante o processo de entrevista, possibilitamos aos participantes realizarem suas considerações e evitamos realizar expressões, tais como: espanto, estranheza, tristeza, embaraço, o que poderia influenciar

o curso normal da entrevista. Para cada entrevistado nos direcionamos no sentido de proporcionar o tempo necessário à organização de suas respostas, procuramos não causar interrupções, para que dessa forma pudessem trazer à tona dados significativos e exemplos concretos em suas falas.

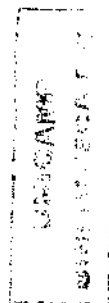
As entrevistas foram agendadas previamente, em locais calmos sem a presença de outras pessoas e em horários disponíveis para os participantes. Não fixamos tempo específico para a realização das entrevistas, pois acreditamos que esta situação se relaciona a cada sujeito de maneira individual, frente a sua vontade de responder, a sua disposição, do seu interesse pelo assunto, etc.

O primeiro passo dado à realização da entrevista propriamente dita, foi esclarecer os objetivos deste estudo aos participantes, enfatizando a necessidade de responderem as perguntas de forma natural. Neste momento, questionamos os participantes quanto à utilização do gravador durante as entrevistas, afim de que pudessemos utilizar, posteriormente, os dados e realizar a análise dos mesmos. Percebemos um certo constrangimento inicial, mas todos permitiram o uso deste recurso. Ainda assim, algumas pessoas se sentiam preocupadas com o gravador. Procuramos, tranquilizar os participantes e novamente os estimulamos a responderem as questões da forma mais natural possível.

As entrevistas foram transcritas imediatamente após suas realizações, buscando os traços significativos que surgissem durante o processo e não ficassem esquecidos, efetivando o discurso obtido na íntegra.

Para Fernandes (2004), é necessário ressaltar a importância de se realizarem as anotações sobre as manifestações que os sujeitos realizavam durante a entrevista, como por exemplo: os risos, as pausas, as mudanças de tons de voz, o agito das mãos, entre outros. As anotações nos garantem a originalidade do discurso, preservando a qualidade das informações coletadas. Segundo Triviños (1987), neste caso, as anotações contribuem de maneira mais ampla aos esclarecimentos que o pesquisador busca.

Utilizamos um gravador de fitas K7 para o registro das entrevistas e posterior transcrição das mesmas. Conforme Triviños (1987), a gravação torna possível obter quando necessário, todos os dados fornecidos pelos informantes, nesse caso tornando-se uma fonte segura de informações.



3.5 Tratamento dos Dados

Para o tratamento dos dados, utilizamos a análise de conteúdo das comunicações apresentada por Bardin (c1977). Segundo esta autora, a análise de conteúdo, mostra-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, e como método empírico possui características sistemáticas e objetivas. Seu campo de abrangência mostra-se amplo, pois como diz Fernandes (2004), praticamente as mais variadas formas de comunicação são possíveis de analisar, variando apenas os objetivos a serem atingidos e interpretados.

De acordo com Bardin (c1977 p. 17), “a análise de conteúdo se coloca para o estudo das motivações, atitudes, crenças, tendências”, e Triviños (1987) destaca, que este método busca o desvendar de ideologias, de princípios, de diretrizes, entre outros.

Para Bardin (c1977 p. 40), a intenção deste método “reside na articulação entre a superfície da comunicação descrita e analisada e os fatores que determinam suas características, deduzidos logicamente”.

A análise de conteúdo organiza-se em torno de três fases. A pré-análise seria a da organização e sistematização das idéias iniciais, buscando um esquema de direcionamento das ações futuras, num plano de análise. Nesta etapa, direciona-se a escolha dos documentos que serão analisados, concomitante à leitura flutuante dos materiais. O pesquisador deixa-se invadir por percepções, idéias e questionamentos. O objetivo desta fase é a organização dos materiais, o que proporcionaria, por parte do pesquisador, a formulação de idéias, definição de índices e indicadores. (BARDIN, c1977; FERNANDES, 2004; MINAYO 2000).

A segunda fase refere-se à exploração do material, onde são realizadas as operações de codificação, classificação, categorização, descontos e enumeração, a partir de regras pré-determinadas. Segundo Bardin (c1977), esse processo busca a transformação dos dados brutos do texto e deverá identificar as unidades de registro ou temas-eixos, que são as unidades básicas necessárias à categorização. Para Minayo (2000), após a classificação, é realizada a agregação dos dados, direcionando as categorias selecionadas que direcionarão os temas.

De acordo com Minayo (2000) e Fernandes (2004), a última fase confere a de tratamento dos resultados, na qual o pesquisador propõe inferências e desenvolve interpretações, que busca significar os resultados que estão alicerçados no quadro teórico.

No próximo sub-título, descreveremos como ocorreu todo o processo de análise de conteúdo deste estudo, a partir do processo de estruturação dos indicadores, das unidades de registro, levando-nos às categorias de análise.

3.6 Inferência e Análise Categorical

Para iniciarmos a análise das entrevistas, nos baseamos nas orientações da “análise de conteúdo” proposta por Bardin (c1977), já descritas nesse trabalho.

Inicialmente nos organizamos no que é chamado de “leitura flutuante”, em que segundo Bardin (c1977), o pesquisador deixa-se invadir por idéias, impressões e percepções, realizando anotações à cerca dos dados que iam sendo evidenciados. Já no momento seguinte denominado de “exploração do material”, e que muitas vezes acontece com certo sincronismo junto à fase anterior, o pesquisador trabalha com dados a serem analisados, o que é chamado de “corpus”, procurando realizar a codificação, que de acordo com Bardin (c1977, p. 103) “é uma operação que consiste em transformar os dados brutos do texto, atingindo algo que possa representar o conteúdo”. A codificação envolve três escolhas. Segundo a mesma autora: o recorte que se faz pela escolha das unidades, a enumeração que envolve as regras de contagem e a classificação que envolve a escolha das categorias.

Desse modo, nosso trabalho foi delineado no sentido da utilização da regra de recorte temático, em que elencamos trechos significativos do discurso de cada entrevistado, mantendo o contexto dos mesmos. Esses trechos seriam os indicadores do discurso, que serviriam como “corpus” para a elaboração das unidades de registro ou dos temas eixos, agrupados nas categorias de análise. Os indicadores do discurso estão registrados no Apêndice 2.

Para Minayo (2000, p.208), “a noção de tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, uma frase, um resumo”. Enquanto que para Bardin (c1977), representa a unidade de significação, que se desprende de maneira natural do texto sob análise, a partir de critérios relativos à teoria, que assegura o desenvolvimento do trabalho.

Os trechos foram selecionados a partir de suas representações de idéias, ideais e atitudes em relação aos temas propostos nas questões. Observamos, na maioria dos questionamentos, a atenção voltada para as mudanças percebidas na vida, a partir do trabalho junto ao Grupo RodaPés. As mudanças representam as concepções de mundo, novos referenciais que chegaram a cada um e foram construídos, por meio das experiências vivenciadas por eles, durante as atividades realizadas junto ao Grupo RodaPés.

Segundo Fernandes (2004), “os trechos eleitos devem trazer juízos de valor exteriorizados ou componentes de enunciados avaliativos sobre determinada questão”.

Através da estruturação dos indicadores, construímos os temas-eixos, que foram agrupados em cinco categorias gerais e que tem a mudança de paradigma e a geração de novos conceitos e valores, como foco principal dentro da estrutura da temática estabelecida. A primeira categoria geral aborda a temática da dança; a segunda traz referências mais específicas dos entrevistados acerca da temática do corpo; a terceira engloba a relação do ser com a cadeira de rodas; enquanto a quarta, refere-se a temática da interação social da pessoa consigo e com a sociedade em geral; por fim, a quinta categoria eleita traça referências sobre a diversidade humana.

Grupo 1) Dança

- Destacam a dança em suas vidas, enfatizando a melhora corporal através da possibilidade de movimento;
- Fazem referência ao Grupo RodaPés como possibilidade de (re)valorização da vida;
- Fazem referência à dança como possibilidade de (re)valorização da vida;
- Fazem referência à dança como completude de vida;
- Fazem referência ao Grupo RodaPés como completude de vida;
- Percebem a dança como possibilidade de felicidade, alegria, prazer, tranquilidade, bem estar;
- Percebem o Grupo RodaPés como possibilidade de felicidade;
- Identificam a dança como meio de aprendizado e convivência;
- Identificam o Grupo RodaPés como possibilidade de aprendizado;
- Identificam a dança como meio de (re)significação social;
- Destacam o Grupo RodaPés como meio de (re)significação social;

- Percebem o Grupo RodaPés com grande representatividade em suas vidas;
- Destacam o Grupo Rodapés como meio de união e amizade entre as pessoas;
- Fazem referência ao ambiente do Grupo RodaPés como meio de acolhimento e segurança;
- Afirmam que a dança é possível a todos porque dançam;
- Percebem que a dança é possível a todos, a partir da união dos integrantes;
- Afirmam que a dança é possível a todos, desde que se tenha força de vontade;
- Afirmam que a dança expressiva de sentimentos, é possível a todos;
- Destacam a dança como meio de expressão de sentimentos e de vida;
- Associam a dança à vida;
- Percebem a dança como meio de responsabilidade na vida;
- Identificam a dança prazerosa, sensível, harmoniosa e possível a todos, como modificadora da sociedade;
- Percebem a dança como provedora de novas possibilidades de convívio em sociedade;
- Identificam a dança com aspectos negativos;
- Apresentam mudança de concepção em relação à dança.

Grupo 2) Corpo

- Fazem referência ao corpo de maneira dualista;
- Os segmentos corporais com deficiência deixam de ser o foco;
- Os segmentos corporais com deficiência deixam de ser negados;
- Destacam cuidar mais do corpo;
- Falam do corpo, enfatizando o processo ao produto;
- Fazem referência ao corpo como meio de interação com o outro;
- Buscam prazer corporal, durante as atividades.

Grupo 3) Cadeira de rodas

- Destacam a cadeira de rodas como meio de realizações;
- Percebem a cadeira como parte integrante do corpo;
- Destacam a cadeira de rodas como meio de locomoção e (re)valorização da pessoa com deficiência;
- Ressaltam a importância da vida em relação à cadeira de rodas, num plano de análise.

Grupo 4) Interação Social

- Destacam a (re)valorização da sociedade consigo próprio;
- Identificam a (re)valorização da sociedade em torno do trabalho realizado pelo Grupo RodaPés;
- Destacam a (re)valorização da família consigo próprio;
- Destacam a possibilidade da mudança de olhar da sociedade em relação a pessoa com deficiência a partir do trabalho do Grupo RodaPés;
- Fazem referência à necessidade da sociedade em (re)ver a pessoa com deficiência, a partir de novos parâmetros;
- Afirmam que mudou a concepção em relação à pessoa com deficiência;
- Identificam a (re)valorização própria como maneira de (re)significar a existência;
- Fazem referência ao aumento da possibilidade de relacionamentos em sociedade;
- Identificam a mudança na maneira de agir nos relacionamentos no lar e na sociedade.

Grupo 5) Diversidade Humana.

- Abordam que a “normalidade” se refere à ausência de limitações;
- Negam a deficiência;
- Destacam que deficiência está ligada à impossibilidade de se realizar movimentos;
- Destacam que a “normalidade” em relação à deficiência se refere ao fato da pessoa andar;
- Abordam a “normalidade” como ausência de alterações aparente;
- Abordam a “normalidade” como ausência de deficiência aparente, segundo a sociedade;
- Identificam a deficiência como a presença de dificuldade;
- Abordam a deficiência como sinônimo de doença;
- Relacionam normalidade com a maneira que se conceitua a vida;
- Fazem referência a pessoa com deficiência e pratica dança, como um dançarino normal.

Partindo da elucidação dos grupos categorias, que foram as linhas mestras que nos direcionaram em nossas discussões, entendemos que para cada participante, tais elementos se relacionam em seu cotidiano de maneira singular e específica.

Percebemos, que a cada nova entrevista realizada, algo extremamente único e ao mesmo tempo interligado aos sentidos deste estudo, se fazia presente em cada fala, levando-

nos a relacionar este fato com as experiências vividas por nossos participantes dentro do Grupo RodaPés, de maneira única.

Pensamos neste momento, que antecede nossa discussão com os diversos autores que nos alicerçam a partir de uma trama de teorias em torno do objeto de estudo, bem como da interação dos sujeitos dentro do universo estudado, que seria importante relatar alguns dados, os quais levariam a conhecer um pouco mais a realidade de nosso público entrevistado. Foram realizadas 10 entrevistas, sendo que 5 delas foram direcionadas a pessoas que apresentam deficiência física e que fazem uso de cadeira de rodas. Estes 5 entrevistados nunca haviam tido nenhuma experiência corporal na área da dança, nem tão pouco experimentado atividades corporais, a não ser em algum momento de suas vidas, nos tratamentos terapêuticos, sendo que apenas um, atualmente realiza trabalho específico de fisioterapia. Enquanto que 5 entrevistas foram direcionadas a pessoas que não apresentam deficiência física, 4 já realizavam atividades específicas de dança anteriormente; e todos já haviam tido experiências corporais, como aulas de ritmo, relaxamento, jogos, esportes, entre outros.

Todos os integrantes participam do Grupo RodaPés de maneira voluntária.

Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, sob protocolo nº 440/2005.

4 DISCUSSÃO

4.1 Percebendo a Dança na Vida

Entendemos que neste estudo, fica claro ser a dança assim como os aspectos que a envolvem: os encontros, os ensaios, as viagens, as apresentações, o Grupo, as atividades realizadas de preparação dos dançarinos, a participação dos pais no processo, a repercussão da sociedade, entre muitos fatores, fazerem parte de forma particular deste trabalho, e que irão contribuir de maneira muito importante às constatações que iremos discorrer posteriormente. São justamente estes aspectos, que dão fidedignidade a este trabalho. Pois, ora a representação do Grupo se faz em torno da dança, ora a dança se torna possível por meio do Grupo.

Sobre o conceito de grupo, Pérez Gallardo et.al (2003) descrevem em síntese, que o grupo é a união de vários indivíduos que se inter-relacionam e interatuam num movimento cooperativo em vista de alcançarem um objetivo, que seria comum entre os indivíduos deste grupo e que, de maneira alguma alcançariam isso sozinhos.

Em relação ao fato do porquê as pessoas entram e fazem parte de um grupo, Pérez Gallardo et.al (2003), colocam que tais fatores se dão pelo: atrativo da atividade, a qual é desenvolvida pelo grupo; pelos indivíduos que fazem parte do grupo; pelas necessidades individuais, para conhecer pessoas, adquirir admiração, entre outros. O autor destaca alguns fatores externos e internos, que fariam as pessoas permanecerem no grupo. Seriam eles: o prestígio; a cooperação; a interação; o êxito; Os quais são adquiridos com a interação no grupo.

É importante inferir, que se existe o Grupo RodaPés e neste caso, seu trabalho se estrutura unido à dança, é porque essa atividade significa algo importante para as pessoas que o compõem. Segundo Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999, p.70), “A dança surge como meio de aprimorar a própria experiência com o mundo, possibilitando espontaneidade e soltura nos movimentos cotidianos [...] neste sentido, é melhor viver quando para nós, as experiências são ricas de significados”. E de acordo com Pérez Gallardo et.al (2003), dentro de um grupo, o ideal seria que os objetivos delimitados pelo grupo, sejam reais e principalmente considerados importantes por todos seus membros.

Percebemos na fala de nossos participantes, as representações em relação aos fatos descritos:

[Em relação ao Grupo] Então, é, são, melhores assim, são pessoas que, me entendem de verdade porque, eu não me dou muito bem com a minha família, são pessoas que me entendem, que me respeitam, que eu sinto que gostam de mim, né, é..., é um relacionamento diferente do que com meus amigos, parentes, assim, é diferente do Grupo, porque é diferente as pessoas, é uma coisa que não dá pra explicar.(Participante J)

Acho que tudo, porque o Grupo sim, é..., a união do Grupo, que, quando tem assuntos se debatem no Grupo, em Grupo, e, a união com os outros, eu gosto muito do Grupo.(Participante C)

[...] o carinho realmente de um com outro a união que tem no Grupo, né, acho que é só. (Participante D)

[Falando da representação do Grupo] Hum, olha representa, representa muita coisa viu, representa que nossa depois que eu entrei lá, o Grupo me deu maior força, peguei muita amizade muitos amigos, eu sei que é amigo de verdade mesmo, acho que vai tá do meu lado sempre que eu precisa [...] (Participante G)

[...] porque no Grupo a gente aprende a união, a preocupação entre os membros, o Grupo não é eu, não é, beltrano ou ciclano, e sim é o todo, cada um faz parte do corpo do Grupo. (Participante I)

[Falando da representação do Grupo] Tudo [pausa], é a minha vida né [enfática].(Participante B)

Ah o Grupo, RodaPés hoje, representa acho que, metade da minha vida, metade da minha vida, eu falo assim com, com bastante emoção [lágrimas nos olhos] [...] (Participante H)

Ao direcionarmos nosso entendimento para os aspectos históricos e que dizem respeito à dança, percebemos que num primeiro momento, ela surge como forma de comunicação, na qual o ser humano vai, ao longo do tempo, ampliando seus significados e diversificando suas formas e manifestações.

Segundo Portinari (1989, p. 11), “não há povo sem dança, e neste presente momento todas as suas formas são apreciadas. Assim das cavernas à era do computador, a dança fez e continua fazendo história”.

Vivemos num momento em que é possível a pessoa com deficiência dançar, e isso pode ser considerado ou desconsiderado como arte. Mas, direcionamos nosso

entendimento para além de discussões conceituais a respeito de que nem isso, nem aquilo são, ou deixam de ser arte. Parafraseando o poeta Osvaldo Montenegro, “e que a arte nos aponte uma resposta mesmo que ela não saiba, e que ninguém a tente complicar porque é preciso simplicidade para fazê-la florescer”.

Para Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999), a dança é uma arte, a todo o momento se modifica, portanto a preocupação diz respeito a direcionarmos nossos olhares para a dança que respeite o potencial de cada um, na qual qualquer pessoa, pode buscar sua linguagem corporal própria, em que todas as experiências propiciem um meio sem fim, de reconhecimento de si mesmo e do mundo a sua volta.

De acordo com Bernabé (2001) É muito importante olhar para a dança como parte do contexto que envolve a vida das pessoas, povos, culturas e nações, pois ela surge da necessidade do homem em se expressar e une-se de maneira singular ao que há de suporte na natureza humana: sentimentos, desejos, realidades, sonhos, traumas.

“Viver a Dança é algo que revela a própria existência, pois a arte se confunde com a vida e a dança está contida nela. Falar de dança como vida, significa perceber e reconhecer os conflitos da existência, as angústias do corpo, as opressões sociais. A dança não exclui ou escolhe um corpo – ela abriga e acolhe o corpo que somos e vivemos”. (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999, p.70).

Neste caso trazemos a fala de nossos participantes que associam a dança à vida:

Acho que desde o principio da vida né, na, na barriga da mãe já dança né, é um é um movimento, um movimento que, no, no útero já é um movimento dançante que a gente fala né, a pessoa, a pessoa já tem um ritmo dentro da barriga da mãe, sem saber, sem saber o que, o que é, mais já tem ali um ritmo estabelecido [...]. (Participante H)

[...] A dança muda a pessoa, a dança não é só palco, a dança é uma escola da vida [...] (Participante I)

A dança se sustenta por meio do movimento, e se estrutura no corpo em movimento, que transborda intenções e sentimentos através de ações e gestos. Segundo Dantas (1997, p.51), “a matéria-prima da dança é o movimento”. Miranda (1979, p. 08) destaca, que “o movimento é o denominador comum presente em qualquer atividade humana. O movimento é um processo conectado não apenas as ações externas, mas também ao pensamento e sentimento”.

Para Venâncio e Costa (2005, p.157), “a dança existe no corpo que, por sua vez, se constrói a todo instante na trajetória humana [...]. A dança só existe porque o corpo a torna possível, e ao mesmo tempo, porque existe o corpo do outro para dançar com ele ou apreciá-lo dançando.”

De acordo com Silva e Schwartz (1999, p.168), a dança é entendida como meio de comunicação, de auto-afirmação, e principalmente um meio de expressão de sentimentos. Lara (1999) complementa, que na compreensão da dança enquanto prática corporal, ela permite uma abordagem do movimento, frente à linguagem, ao meio de expressão e comunicação do homem, possibilitando dessa forma, o desenvolvimento da criatividade, ludicidade e da expressividade.

Segundo Laban (1978), a partir do momento em que se estabelece contato físico, o movimento propicia ao ser que se expresse e transmita algo de seu interior. Para Pérez Gallardo (2000, p.45), a expressão corporal que está muito presente na dança, “é a capacidade que permite expressar idéias, pensamentos, emoções e estados afetivos com o corpo. Portanto, é uma capacidade de síntese que agrupa todas as outras capacidades no relacionamento com o ambiente”.

Os depoimentos seguintes trazem as percepções a respeito das expressões de sentimento na dança:

[...] Só que pelo menos pra mim, é, a da, a dança é um, é um instrumento de expressar, de viver sua vida mesmo [...] (Participante B)

[...] A assim dança, mostrar o que eu posso fazer através da dança, se expressar [...] (Participante C)

Acho que assim, as pessoas, que a dança pode trazer alegria, expressar, é, vê as coisas que ela gostaria de fazer, aí fazendo agora. [Expressar o quê?] Expressar os sentimentos, através da dança. (Participante C)

[...] Talvez deixar, que algum sentimento que a gente não consegue por ele em palavras, como agora eu estou tentando colocar e não consigo, talvez a dança não precise disso, ela a pessoa consegue expressar todo o sentimento dela por um gesto, um movimento[...] (Participante D)

Ah, eu acho que, apesar, a pessoa quando começa a dançar eu acho que, solta as coisas que tem de ruim fica tudo de bom pra gente, toca o coração da gente né, acho que, significa só coisa boa né, coisa boa que significa. (Participante G)

É através do do movimento, passar, o que a gente sente no coração, passar o que a gente tá vivendo naquele momento, é mudança [...] (Participante I)

[...] Ah, sei lá assim, quando eu to dançando, vem, várias coisas na cabeça é.... eu começo senti algumas coisas, às vezes da vontade de chorar, fica pensando em alguma pessoa, é..., ela faz o que, na, é assim, renascer sentimentos que você não consegue sentir assim normal, é como se eu conseguisse ser eu mesma só dançando, entendeu. (Participante J)

É passar, tentar passar, o que a gente vive assim, o que você é, o que você gosta, seus sentimentos, é tentar passar através da dança, o sentimento, o que você é mesmo, o que você sente, o que se ta sentindo na hora, que você existe. (Participante J)

Em relação à arte, em específico à dança, façamos nossas as palavras de Brasileiro (2002), onde a busca da compreensão sobre a dança, nos leva à discussão ampliada da arte, sendo essa uma qualidade que está além do dizer em palavras, ou seja, se situa no campo da linguagem corporal, a qual possui códigos universais.

Percebemos que o movimento, além de propiciar a expressão de sentimentos e emoções, possibilita um trabalho das qualidades físicas do praticante. Portanto, à dança é uma atividade física e como tal pode proporcionar melhoras nas condições corporais de seus praticantes.

Em nosso caso, notamos principalmente alterações nas pessoas que utilizam cadeira de rodas para dançar, pois o controle corporal, que se estende também ao da cadeira de rodas, ficou visivelmente mais apurado com o passar do tempo.

De acordo com Ferreira (2003), por meio da dança as pessoas tornam-se mais auto-confiantes, adquirem maior controle da cadeira, melhorando com isso suas atividades cotidianas. Para Bernabé (2001), isso é decorrente de um maior conhecimento corporal e que leva a uma conseqüente mudança de paradigma em relação ao próprio corpo, gerando novas possibilidades de movimentos.

Apresentamos as falas de nossos participantes que trazem tais posicionamentos:

[...] Na, no desenvolvimento assim no, nas atividades, no, na, pra se mexer, fazer algo mais com a cadeira. (Participante C)

A bom acho que, o meu corpo, acho que, depois que eu comecei a dançar, ta mais, ta, eu consigo mexer mais, eu consigo abaixar, abaixar melhor, o corpo melhorou, o corpo melhorou muito, as atividades de fisio, melhorou bastante o corpo. (Participante C)

[...] eu já to, corpo mai, mai melhor, por causa acho que do exercício lá que noi fai, e acho que melhorou bastante sim. (Participante G)

A dança no trabalho do Grupo RodaPés, aborda uma relação entre dança, Grupo e integrantes, o que nos faz pensar que ora ao abordamos o Grupo, ora a dança, estamos realizando apenas um recorte didático, pois com certeza um exerce influência ao outro, dessa forma tornando possível a arte deste Grupo.

Percebemos também que a dança viabiliza outras situações, na qual, a resignificação social e a revalorização da vida, se apresentam de forma bastante concreta.

Para Braccialli e Ravazzi (1998) dançar, entre outras coisas, gera novos valores, sejam num primeiro momento apenas a quem dança, porém numa outra ocasião, para quem se dança. De acordo com Bernabé (2001), através desta arte os indivíduos passam a se perceberem e com isso gerar novos significados na sua relação consigo e com o mundo a sua volta. Eles podem também refletir sobre os variados aspectos ligados às condições sócio-culturais e se desenvolver em termos de pensamento, comportamento e expressão corporal, com isso gerando novos valores em suas vidas.

Partindo desses enfoques, apresentaremos os discursos de nossos participantes que se referem à revalorização percebida em suas vidas por meio da dança e do Grupo:

[...] E..., eu consigo é..., também, fazer algo né, que eu pensava que não dava pra mim fazer tá, então é me traz uma boa concepção de vida, e no dia-a-dia em que a gente passa com o Grupo. (Participante E)

[...] Também ajuda a gente a enxergar, é..., algo mais na vida, e..., faz com que nós possamos mudar nossas atitudes e a maneira da nossa convivência. (Participante E)

[...] Ah, melhorou nos meus pensamentos também [...] (Participante G)

Eu acho assim, que a dança faz super bem porque, reflete bem o dia-a-dia te uma vida mais harmoniosa, flexível, eu, eu, eu go, eu sim, eu sou mais feliz quando tem os encontros de domingo sim, eu acho que eu passo uma semana muito mais flexível mais feliz, harmoniosa, entendendo mais as pessoas [...] (Participante H)

[...] Com a dança eu percebi, que eu posso, conquistar muito do que eu já, já tenho. muita coisa, tanto do lado de família, do lado de atitude, como pessoa, relacionamento com as outras pessoas eu posso também tá melhorando [...] (Participante I)

[...] A dança, é mudança de vida, é uma vida mais tranqüila, mais pé no chão, com a cabeça aberta pra realidade, e sem te pena consigo mesmo, porque tem hora que a realidade assusta, e a dança não deixa você recuar tremer. (Participante I)

[...] [Falando a respeito do Grupo] Trouxe mais respeito com os outros, antigamente eu tinha respeito, mas não tinha respeito, como, é..., como hoje, que estou no Grupo RodaPés aprendi, a, ter carinho com as pessoas deficientes, só isso mesmo. (Participante F)

[...] [Falando a respeito do Grupo] Eu to falando, que foi com eles que, que nem eu escrevi no meu trabalho, foi com eles que eu aprendi a ser mais humana, eu aprendi vários conceitos novos [...] (Participante H)

Neste sentido, podemos inferir sobre uma dança que possibilita ao ser que a pratica, além de revalorizar a sua vida, escapular os novos sentidos adquiridos no espaço do palco, e possivelmente atingir a sociedade. Dessa forma, o equilíbrio do corpo transcende o presente no palco e se torna possível no palco da vida. Seus elementos estão tão presentes no cotidiano de quem a pratica, em que executar um gesto nas aulas torna possível resignificar atitudes na vida, levando-nos a estabelecer novos significados que a sociedade incorpora de maneira social e histórica.

Esta mesma sociedade é que acompanha, sente, percebe, vê e assimila tais significados, pois se a dança, por um lado é o transbordamento de emoções, nós somos seres emotivos e receptivos às emoções. Em cada um de nós tais emoções, significam de maneira única, mas significam algo. Dessa maneira, o que nos parece mais objetivo, é saber de que dança se fala para averiguarmos qual seria sua representação e valorização na sociedade.

A partir disto, trazemos os discursos de nossos participantes, que se referem a estas questões:

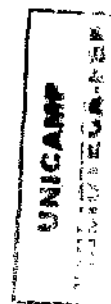
[...] Dependendo da dança ela consegue, [raspou a garganta], sensibiliza, a sociedade. no caso do Grupo de dança RodaPés, eu vejo que o maior papel dele seja, da dança do Grupo RodaPés, é estar sensibilizando, ta..., [pausa] mostrando também para as pessoas, um outro tipo de sentimento, um outro tipo de possibilidade [...] (Participante D)

[...] A ação da dança é, atingir os nossos objetivos, mostrar para a sociedade que todos nós somos capazes. (Participante F)

[...] Essa dança que nós estamos fazendo no Grupo ai, é uma dança que a gente mostra o *sentimento da gente para aquelas pessoas, a gente ta passando o sentimento pras pessoas*, i, é a dança que nós frequênta, que nós temos do dia-a-dia é uma dança que, a gente passa, é..., passa o carinho, passa o respeito, tira o preconceito daquelas pessoas, tira, o, a deficiência, tira todas as coisas que não devem ser incluídas. no, no. na sociedade. (Participante F)

[...] A dança que a gente faz né, é o momento que, ah tem um contato maior com o ser humano, um contato gostoso, ai se aprende a tratar, a olhar para as pessoas de outra forma. (Participante H)

[Pausa] Bom, da nossa dança, [pausa], né, [pausa], ela, ela uma, ela é a concepção de toda uma vida humana né, a dança, ela transforma, ela sensibiliza, ela torna a vida das, dos seres humanos mais flexível, mais harmoniosa, e..., a pessoa que dança ela fica bem perto dos sonhos, fica bem perto do, de. [pausa] sabe desejos mais íntimos assim, a



pessoa que dança consegue chegar, sabe nesse, nesse desejo, e isso, ele reflic. reflete muito no dia-a-dia, na sociedade, porque a gente consem, a gente começa a acreditar mais na gente né. porque no momento que você se descobre, você acredita em você, então acho que a dança ela é uma descoberta, hã..., do do corpo humano, do sentido mesmo, do corpo né, e a partir do momento em que você sabe pra que que é, que você tem certeza do seu sentido, ela vai refletir mesmo na sociedade, eu acho [...] (Participante H)

Acho que assim, as pessoas, amigos, tão me vendo de outra forma, algumas pessoas que eu nem conhecia, vem me cumprimentar, e ta gostoso. (Participante C)

Por meio da dança é possível que as possibilidades sociais sejam ampliadas, principalmente em relação às pessoas com deficiência. Pois ao pensarmos em pessoas com deficiências nos questionamos. Quais são os espaços possíveis de serem realmente utilizados por elas? Destacamos não apenas as barreiras arquitetônicas, que de certo modo já os impedem de realizarem muitas atividades, mas notamos também as barreiras atitudinais, que se concretizam no simples fato de assumirmos nossa postura do não questionar, do não “ver”, do não fazer, do aceitar tudo conforme recebemos, ou seja, efetivar que são pessoas limitadas e incapacitadas porque a história nos diz. Não vemos nem um pequeno número de pessoas com deficiência realizando atividades corriqueiras, consideradas do dia-a-dia; como ir ao banco, ao supermercado, à faculdade, porém discursamos sobre inclusão, integração, ampliação de espaços, de possibilidades a estas pessoas. Entre o discurso e a prática, existe cada um de nós, que individualmente significa a sua maneira algo referente a tudo isso.

Percebemos que a dança possibilita novos rumos a estes levantamentos, pelo simples fato desta atividade compartilhar um cenário de comunicação, que abrange muitos indivíduos, principalmente quando são realizadas as apresentações. Neste sentido, abre-se uma oportunidade a mais para as pessoas terem a chance de quebrarem certas barreiras e construírem, por outro lado pontes que nos façam chegar a determinados pontos antes inatingíveis. A dança possibilita uma via de duplo sentido, na qual a pessoa com deficiência, assim como os aspectos que envolvem a deficiência, podem ser revalorizados ao mesmo tempo em que se abre uma oportunidade de encontro, onde a pessoa com deficiência também pode criar suas oportunidades e romper também com seus próprios paradigmas.

[...] [Sobre a dança] Ela abre novos horizontes, a gente acaba vendo, um mundo que gente nunca, eu nunca imaginei que ia vê, conhecer outras pessoas, a dança ela, eu nunca na vida achei que um dia eu ia dançar, nunca [...] (Participante I)

A dança, além de tudo que já foi dito, pode apresentar-se de várias outras formas e com tantos outros significados para quem a pratica. Segundo Braccialli e Ravazzi (1998), a dança oportuniza ao praticante aumentar seu acervo cultural ao mesmo tempo que, proporciona alegria, desperta a criatividade, estimula o trabalho coletivo, a auto-realização, a responsabilidade e a aprendizagem social e afetiva. De acordo com Laban (1955 citado por FERREIRA, 2005), apresenta um propósito educacional como arte, que é proporcionar prazer. Destacamos ainda, que desencadeia reações e gera sensações, as quais nos levam a sentirmo-nos desafiados, e dependendo do desafio, se este for apropriado ao ser humano que o enfrenta, pode ser uma atividade de grande valor para seu próprio desenvolvimento pessoal, pois quando superado, gera sensação de vitória e eleva a auto-estima. Notamos também que a harmonia, a tranquilidade, e o equilíbrio são sensações presentes na dança.

Neste sentido, entendemos que as possibilidades surgidas na dança também se fazem presentes no Grupo, pois como já foi dito, é o local da realização, do prazer, da ajuda, da superação.

A respeito disso trazemos alguns discursos de nossos participantes:

[...] A dança fez muito bem pra mim, eu sou feliz agora, eu era feliz, mas sou muito mais agora, porque a dança pra mim é tudo. (Participante A)

É muito bom dançar, [pausa] e..., dançar trás ,uma alegria pra gente. [Pausa] E na minha vida, como eu nunca tinha, feito esse tipo de atividade assim com Grupo que agente se reúne, como um certa frequência, de..., tem um dia certinho pra gente se encontra, e..., as atividades de dança elas realmente dão uma alegria , prazer, é uma sensação gostosa. [Pausa] E..., acho que é só. (Participante D)

[...] Eu *percebo que, a dança nos traz tranquilidade, nos traz sossego* [...]. (Participante E)

Acho que o principal papel é..., a tranquilidade que a dança nos traz, né, bem estar [...]. (Participante E)

Antigamente não tinha os movimentos, agora eu to tendo os movimentos mais leves, antigamente eu fazia os movimentos mais, mais fora, não dava, os movimentos, e com o Grupo mesmo eu consegui relaxar mais [...] (Participante F)

[...] Uma dança que, valoriza o ser humano, é a dança que torna as pessoas mais felizes [...]. (Participante H)

[Em relação ao significado do Grupo RodaPés] Minha vida, minha paixão, [enfática]. Eu adoro, adoro nossa, demais, eu a partir do momento que eu recebi o convite pra participar do grupo, fiquei muito, muito feliz, e hoje eu agradeço a eles, por essa felicidade que eu sinto, porque o Grupo RodaPés pra mim é tudo. (Participante A)

[Em relação ao significado do Grupo RodaPés] Representa bastante, representa porque, esse Grupo trouxe bastante, bastante alegria mesmo pra mim, trouxe, felicidades [...].
(Participante F)

De certa forma, percebemos uma atribuição de valores em relação à dança, o que nos leva a pensá-la de maneira relacional, pois aborda as questões condizentes ao relacionamento de seus participantes no campo do aprendizado e das responsabilidades. Isso nos encoraja a dizer, que tais considerações, podem estar mais ligadas ao Grupo que a dança, mas de certo que não existiria o Grupo se também não fosse pelas atividades que envolvem a dança, entendemos que a partir do momento em que o ser humano entra em contato consigo de maneira significativa e transformadora, estabelece novas relações consigo e com o mundo.

Para Gandin (1986, p.100, citado por PÉREZ GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998, p.49), qualquer ação educativa deve seguir um planejamento, que leve ao bem comum e a participação de todos em cada instante e ação. Nesse caso, o autor enfatiza que o melhor auxílio a oferecer a uma pessoa, é quando alguém mais informado coloca tais experiências à disposição de todos do grupo. Porém destaca o autor, que “o grande remédio é a participação, porque ela é a mola para a conscientização”. Pérez Gallardo, Oliveria e Aravena (1998), referem-se ao espaço das conversas nas aulas de Educação Física como um momento de aprendizagem e compreensão, atividade esta corriqueira, observada no Grupo RodaPés.

A dança pode ser destacada como meio de aprendizagem, e com isso gerar responsabilidades em seus praticantes. Quando se passa a ter responsabilidade consigo, o homem passa a representar de maneira diferente na sociedade.

Segundo Venâncio e Costa (2005, p.161,178), “o corpo na dança pode revelar-se como uma nova imagem sensível para a amizade, em que conhecer o outro é essencial para que ela se concretize. Sendo a partir do relacionamento com o outro que a constituição do ser humano, enquanto sujeito ético, se operacionaliza”

Neste campo fértil de relacionamentos a dança se apresentou para nossos entrevistados da seguinte maneira:

[...] É isso, a dança é uma escola de aprendizagem, de convivência e de grandes amizades. (Participante I)

[...] É, acho que sim, acho que, acho que por ta no Grupo assim, essa responsabilidade, se ta lá porque se gosta do que faz entendeu, e daí se começa a encarar tudo com mais

responsabilidade entendeu, se você assumiu o compromisso se vai até o fim. (Participante B)

O Grupo, representa amizade, responsabilidade, é..., direitos e deveres. [Pausa] E também amizade né, que a gente tem, só. (Participante E)

[...] tento ajudar da maneira que posso o Grupo e aprendo com todos eles também, em cada encontro que a gente faz [...] Ah, acho que as conversas, né, as trocas, né, e..., cada vez que a gente se encontra a gente conhece um pouquinho mais da vida das pessoas [...]. (Participante D)

Fica claro, ao longo de nossa discussão, que nos referimos a uma dança com os seguintes adjetivos: prazerosa, relaxante, integrativa, que possibilita, que une. Da dança que falamos, possível a todos, homem, mulher, criança, idoso, pessoas com deficiência ou não, busca-se a integração do ser, consigo e com o mundo. A partir disso, acreditamos ser possível estabelecer novos planos de relacionamento, que consagrem principalmente à individualidade de cada um, frente às ações humanas.

Notamos que é possível delinear nosso entendimento para as mais variadas formas desta arte. A dança pode ser estudada, analisada e principalmente realizada sob várias óticas, poderemos assim observar seus aspectos artísticos, terapêuticos, estéticos, lúdicos, esportivos, entre outros. Quando falamos em dança, precisamos ter em mente da qual dança falamos. Se aquela que privilegia o adestramento, a técnica, a rigidez, o corpo “perfeito”, corpo objeto, ou a dança possível a todos, flexível em sua estrutura, possível a todos os corpos, tornando o corpo que a pratica sujeito de seu ato.

Segundo Coll e Teberosky (2004, p.154), talvez pensemos que a dança é possível apenas às pessoas que tem um “corpo considerado ideal para dançar”, “que em nossa sociedade representa: ser jovem, alto, magro, flexível, não possuir deficiência física”. Porém a cada pessoa, a sua maneira, é possível dançar; e isto seria a grande experiência da vida. Para Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999, p.65), “a dança não exclui ou escolhe um corpo – ela abriga e acolhe o corpo que somos e vivemos”.

Conforme Peres, Ribeiro e Martins Junior (2001), uma das dificuldades encontradas na área da dança, é o pensamento de muitas pessoas que está voltado para a idéia de que, para dançar, é necessário ter um corpo atlético, ou ainda apresentar grande habilidade, no que se refere a execução de movimentos de maneira “perfeita”.

Para Bernabé (2001), nas aulas de dança consideradas convencionais, o que se observa são corpos suados, transpondo limites fisiológicos, para que a perna seja a mais esticada;

para que se obtenha a melhor ponta. Esses valores direcionados à dança nos levam a um entendimento de corpo que seria “perfeito/objeto” pois mais vale a quantidade de piruetas dadas, o salto mais alto, do que as possibilidades de percepção que ela proporciona.

Silva e Schwartz (1999) destacam que os programas normalmente encontrados dentro do contexto da dança, valorizam em primeira instância a técnica e são estruturados objetivando a performance, enquanto que o trabalho expressivo, criativo e de reconhecimento do meio social são menosprezados.

Percebemos estas considerações principalmente nas vivências que realizamos junto aos festivais de dança em que o Grupo RodaPés se apresentou. Na maioria dessas apresentações todos os grupos ficam aguardando a sua hora de entrada num espaço destinado atrás do palco, e enquanto isso acontece, notamos uma certa competição entre pessoas, inclusive entre as “crianças” das diferentes academias, no sentido de evidenciarem qual seria a pessoa que teria a perna mais alongada, quais das pessoas teriam a melhor abertura de pernas, etc. Isso nos faz pensar e repensar que dança é essa? Para que serve? O que comunica? Quais são seus sentimentos, suas emoções?

De acordo com essas constatações Lara e Oliveira (1996), consideram esse tratamento como ao que se pode chamar de corpo objeto, é o corpo da moda. E colocamos, esse sim é o prisioneiro, o impossibilitado, pois fica preso aos próprios limites, sendo que ao não ter a perna mais alongada, a melhor ponta, por não conseguir realizar a pirueta, com certeza o que nos vêm à mente, é a sensação do impossível, do desprazer, do ruim. Podemos dizer que representa - num paralelo - o cadeirante estigmatizado pela sociedade como deficiente, impossibilitado, aquele que só é conduzido, que só é percebido em relação ao déficit de movimentos.

Traçamos nesta perspectiva algumas considerações, neste caso, em torno da rigidez técnica do balé clássico e podemos afirmar que este tipo de dança não é possível a todos. Dantas (1997), destaca que no balé clássico, a visão se direciona para separação do corpo humano em segmentos independentes e predispõe a mecanização dos movimentos.

Já para Sborquia e Pérez Gallardo (2002), num outro cenário de discussão a respeito da dança, é necessário ter em mente quais os objetivos da indústria cultural, ao veicular determinadas danças, e quais as possíveis repercussões e significados que elas desencadeiam na sociedade.

De acordo com os autores Sborquia e Pérez Gallardo (2002, p.112) por exemplo, “o funk é pouco melódico porque surgiu associado às frases de efeito de galeras que se embatem nos bailes. O estilo alcançou boates em todo o país, fazendo com que toda a sociedade torne-se “cachorras” e “tigrões”, sem temer o ridículo. [...] O refrão aparece o tempo todo e, como uma brincadeira infantil, ganha força pela repetição excessiva. O mesmo ocorre com os movimentos coreográficos, que mais parecem movimentos de repertório – com uma exacerbada ênfase nos movimentos copulatórios e muito sugestivos. Os refrãos como: “Um tapinha não dói”, “Vou te jogar na cama e te dar muita pressão”, “Entra e sai, na porta da frente e na porta de trás”, “Vou passar cerol na mão”. “Martela o martelão”, “Vem aqui com seu tigrão”, *acompanhados de uma classificação das mulheres em: “cachorra”, “preparada”, “poposuda”* têm levado a sociedade a um comportamento hedonista, ou seja, à busca incessante de prazer momentâneo, mesmo que seja a qualquer preço”.

Apresentamos as percepções de nossos participantes a respeito das discussões realizadas:

[...] Existe a dança mecânica, que é o que ensinam, essa dança ninguém ensina é o que você sente, é o que vem de dentro. (Participante B)

[...] Porque muitas pessoas não enxergam a dança como eu enxergo assim, como uma forma especial, no caso, eles vêem de uma outra forma. é... dificuldades [...]. (Participante A)

[...] Ah, é difícil eu conseguir colocar o que é dança, mas eu falo assim depende da dança porque existe, o funk por exemplo, que é um outro tipo de dança, que também é dança, né, e talvez o contexto do funk, [pausa] como, [pausa], não sei como colocar, de algumas maneiras mostra um pouco mais de malícia, ou de coisas ruins mesmo, né. [...]. (Participante D)

[...] A diferença é bastante mesmo porque, é..., eu já dancei bastante, já tive como, é..., um pouquinho já da noção, é bem diferente mesmo porque, é..., outro tipo de dança. se não tem a união, que o Grupo RodaPés tem, só. (Participante F)

[...] A outra dança, é a dança que..., [pausa], é a dança espetáculo que a gente fala, dança, técnica é a dança que, que se vê aí balé clássico, outros tipos de dança, moderna, é uma dança assim que, que tudo é imposto, as pessoas são condicionadas a fazer o que, que uma outra pessoa impõe, e..., e aí, a pessoa não tem a liberdade de expressar o que ela sente de verdade, ela expressa o que uma outra pessoa tá pedindo, e essa, e esse, é um tipo de dança, uma dança técnica, uma dança mecânica, com movimentos padronizados, e isso é imposto, então a pessoa não tem uma liberdade de, sentimento uma liberdade de emoção, até de emoção ela não tem, porque emoção, a, a emoção que ela tem que fazer naquela, nessa, nessa outra dança é imposto por uma outra pessoa, ó você vai ficar sério, ó é sério naquela dança, vai ficar assim, ela não tem liberdade de emoção, sentimento, e isso prejudica a pessoa, como eu falei como a nossa dança reflete uma, um lado por uma vida mais harmoniosa, essa outra reflete de outra forma, a pessoa que, ela é, o tempo todo condicionada a fazer alguma coisa, na sociedade ela vai ser assim também, o tempo todo tá condicionada. (Participante H)⁹

[...] É tem clássicos, que tipo, se tem que saber, saber, tem que saber abrir uma perna, tem que saber, a mão direitinho, e..., é diferente porque a gente, qualquer um faz no seu limite, na nossa dança assim, na nossa né, qualquer um faz no seu limite, então é diferente. (Participante J)

Por outro lado, colocamos desde o início de nossas considerações em torno da temática dança, que acreditamos numa dança que vivemos e podemos observar junto ao Grupo RodaPés, na qual os elementos que a constituem são encontrados no dia-a-dia, onde as vivências colocam o ser humano em contato real com sonhos, desejos, sentimentos, ideais. Praticamos e propomos uma dança que traz alegria, prazer, harmonia, que é possível a qualquer um realizá-la. De acordo com Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999, p.71), “o orgânico é quando a todo e qualquer momento, nos reencontramos com nossa natureza e nos deixamos invadir por uma dança que nos torna sujeitos da própria percepção”

Para Peres, Ribeiro e Martins Junior (2001) em relação ao ensino da dança, é preciso ter em mente que é muito importante à força de vontade e o espírito de busca.

Vemos que a dança pode ainda se apresentar para alguns com sentido de superação, trazendo à tona a condição de um ser feliz, e com auto-estima elevada por conseguir realizar algo que realmente é muito significativo para si. Dessa maneira, independente de limites físicos ou mentais, quando superamos algo e isso nos dá prazer, nos encorajamos em auxiliar outros em seus desafios, pois sabemos que isso é bom.

Percebemos, que ao falar de dança possível, a técnica se apresenta com outros significados, deixa de ser sinônimo de sofrimento, treinamento ilimitado, de repetição e passa a representar evolução e expressão, como coloca Maria Fux em sua obra intitulada de “Dança Experiência de Vida”:

“Em dança, técnica é uma forma de expressar a vida e deve evoluir sem cessar, escapando à repetição; quer dizer, a técnica deve evoluir permanentemente e deve basear-se no reconhecimento de que tenha um sentido para expressar o que alguém tem dentro. A técnica deve ser flexível e nunca deve ter um fim em si mesma: como repetição significa técnica, esta deve realizar-se a cada dia com um sentido diferente; como nada se detém na vida do homem, nada deve parar e, assim tampouco a técnica através do corpo deve ser estática”. (FUX, 1983, p.39).

Ainda sobre isso, Dantas (1997) destaca que técnica em dança, é uma forma de realizar movimentos e de organizá-los de acordo com as intenções de quem a pratica.

Neste sentido, destacamos algumas falas em que nossos participantes apontam a possibilidade da dança na vida de todas as pessoas:

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Acho que sim, porque, é..., não talvez essa dança mecânica que, que talvez que, que muitas pessoas querem, mas a

dança que assim que, que tem um sentimento, que é o que, que, que o nosso grupo realiza mesmo, é..., uma coisa assim, que não é ensinado, é uma coisa de sentimento, é o que você realmente sente, a dança é consequência, só isso. (Participante B)

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Ah, eu acho que sim, é... dança, pelo menos a dança que a gente faz, é..., não é você saber erguer a perna não, não é uma coisa, não é técnica [enfática]. É sentimento mesmo. você levantar o braço, fazer alguma coisa, tem. Tá fazendo por quê? Com sentimento que o seu coração tá pedindo, e não porque você tem que fazer, que é mecânico, eu acho que é uma coisa, que você faz por livre e espontânea vontade, então qualquer pessoa pode fazer[...]. (Participante J)

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] [...] um, qualquer pessoa hoje pode dançar, hoje eu tenho essa consciência que qualquer pessoa a partir do, a partir da sua, da experiência que ela tem, de dança, a partir do que ela traz, se ela conseguir jogar isso pra fora isso torna-se um movimento, qualquer maneira de expressão, qualquer movimento é válido né, então qualquer pessoa acho que pode dançar, e bem ainda. (Participante H)

[...] Então acho que, qualquer um que é deficiente ou não é deficiente, que tem força de vontade, e quer dançar, acho que pode dançar. (Participante C)

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim [enfático], desde que tenha vontade, acho que sim [...]. (Participante E)

[...] A dança é uma coisa que, um, um, um algo, que você que, ou que se você que faz você consegue. (Participante F)

[...] Eu via que pra dançar, eu num, num daria conta, por eu ser deficiente, agora vejo diferente, que eu posso dançar. Por que as outras pessoas que andam, que correm não podem dançar também?[...]. (Participante A)

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim porque, né, e, os deficientes, que nem, que nem eu, eu não pod, pod, é..., pensava que eu deficiente não podia dançar, depois que eu, chamaram eu para dançar, que eu tô dançando [...]. (Participante C)

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim, eu acho, porque eu danço [enfática]. [Risos] Porque se eu consegui aprender a dançar, pelo menos alguns passinhos em tão pouco tempo, [pausa], e..., porque eu, as pessoas também, deficientes dançam, as pessoas idosas dançam, como eu já falei que eu acho que a dança é uma forma de expressão, então eu acho que qualquer pessoa possa dançar.[...] [...] como a dança é uma forma de expressão, e qualquer movimento ali qualquer expressão, se a pessoa quiser ela pode transformar em dança, acho que qualquer um pode dançar. (Participante D)

[...] Eu nunca pensava que eu poderia fazer algum tipo de dança, jamais por que algo difícil e hoje tenho a certeza de que qualquer um pode dançar desde de que consiga fazer qualquer tipo de movimento, na dança, realizar a dança. (Participante E)

Conforme discutimos, o Grupo existe por meio da dança, que se materializa enquanto atividade por meio do Grupo. Ou seja, por meio das pessoas que o integram, por onde se forma enquanto Grupo, com objetivos próprios, metodologias, conceitos, que são relativos as suas atividades. Segundo Pérez Gallardo (2003), para que um grupo seja um grupo, é necessário

encontrar dentro de suas atividades alguns fatores que são fundamentais para sua estruturação. Dentre tais fatores, direcionamos nossos olhares para a ação de apoio cooperativo entre os membros, na qual todos trabalham juntos para alcançar os objetivos determinados. Nesta colocação, notamos que: apoio, confiança, amizade, afinidade, harmonia e união são fatores que nortearão os trabalhos realizados pelo Grupo.

Como podemos observar na fala de nossos participantes, a dança pode ser possível quando apresentam tais fatores:

[A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim, porque, a dança não tem aquela que, ou danço melhor que você, ou você sente, ou danço bem melhor que você, não existe a dança todos nós fazemos a dança, todos nós dá o sentimento para aquela dança [...]. (Participante F)

Qualquer pessoa pode dançar [ênfático] pode dançar, porque não importa a forma, [tosse] que é o estado físico dela, ou mental, ela dança, eu já vi, em..., programas, pessoas com deficiências, com..., paralisia cerebral, que não consegue fazer um movimento, que a hora que ta encima do palco numa cadeira de rodas, ouvindo a musica, ouvindo o companheiro da dança, vendo o companheiro da dança, ela consegue movimentar [...]. (Participante I)

A partir do momento em que nossos valores a respeito de algo nos vêm à mente e de maneira crítica nos questionamos sobre o que fazemos, do que gostamos, do que achamos ser bom ou ruim, quando nos indagamos sobre nossos conceitos, e porquê não dizer preconceitos, estamos não apenas realizando uma atividade meramente considerada cognitiva, pois sem dúvida nosso corpo é fonte de sentimento e pensamento. Para nós a deficiência é algo concreto, que está marcada no corpo da pessoa com deficiência, porém os significados que são dirigidos a essa pessoa é que nos faz refletir a respeito disso. Neste mundo de idéias, caminhamos de cadeira de rodas ou em pés, no sentido de significar as coisas em nossas vidas. Criar significados, é acreditar no que realmente possa ser. Se nossos significados em relação às pessoas que utilizam uma cadeira de rodas, representar limite, impossibilidade, incapacidade, com certeza isso o será. Mas, se por outro lado acreditarmos que significa possibilidade, capacidade, também o será.

O elefante no circo é domado “significado” a ser incapaz. Uma cordinha apenas amarrada ao seu pescoço o torna prisioneiro, apesar de seu tamanho e força. Porém na selva, em seu ambiente natural, não há corda que o aprisione, pois ele foi significado de maneira possível, de maneira capaz. Nesse pensar, gostaríamos de entender de forma diferente, mas somos obrigados a dizer que o homem é o que limita o elefante a ser realmente o que é, um animal

fisicamente poderoso. Em nossa sociedade, muitas das vezes, fazemos às pessoas o que fazemos com o elefante no circo, as levamos a acreditarem que são o que não são, pois as significamos como tal. Segundo Marques (1997, p.24), através de nossas relações com o mundo e por meio de nossos corpos, “apreendemos subliminar e inconscientemente (caso não tenhamos aprendido a ter uma postura crítica diante da vida) quem somos, o que querem de nós, porque estamos neste mundo e como devemos nos comportar diante de suas demandas”.

Concordamos com as palavras de Peres, Ribeiro e Martins Junior (2001, p.24) referindo sobre as nossas atitudes. Eles dizem que devemos acreditar realmente em tudo o que realizamos, pois tudo “torna-se muito mais prazeroso, se tivermos afinidade e conseqüentemente nos identificarmos com a ação”, ou seja, quando realizamos algo que significa muito pra gente, isso torna-se parte de nossas vidas e de maneira muito positiva.

Em relação à dança, pensamos que seria importante senti-la, vivê-la, e assim poder dizer algo dela e sobre ela. Conforme Marques (1997, p.24), “somente poderemos dizer que realmente conhecemos e sabemos algo sobre/de uma dança quando formos também capazes de senti-la e percebê-la em nossos corpos”. Freire (1995, p.39) complementa:

“Sou capaz de sentir as coisas. É sentindo-as que elas me penetram. Entre o meu sentir e meu fazer, porque sou humano, há uma região que se alarga a cada dia de minha vida, onde todas as coisas são transformadas.[...] São essas coisas transformadas que eu ponho no mundo quando manifesto quem sou”.

De acordo com isso trazemos as falas de nossos participantes que descrevem seus sentimentos em relação ao Grupo e a dança:

Ah, [pausa longa], e agora? [Pausa longa], Ah é, é tudo né, poxa eu abriria mão de, de muita coisa, de dançar não porque, faz parte da minha vida sabe, é uma coisa assim que completa. (Participante B)

Pausa, a dança, ela complementa a vida [...]. (Participante I)

Tudo de bom na minha vida, a dança pra mim é tudo, [...]eu posso fazer movimentos que eu nem imaginava que eu poderia estar fazendo de novo no caso [...]. (Participante A)

Uma segunda família [enfático]. Uma segunda família que complementou minha educação, da minha, da minha família mesmo. do meu pai da minha mãe, lá eu aprendi o que é, respeitar um irmão, irmão que não é de sangue, mas se você encontra ele com dificuldade na rua, você se preocupa. se preocupa se ele tá doente ou não, ele complementa a vida, o Grupo de dança é minha segunda família [...]. (Participante I)

E como na vida nada é estático e imutável, é possível que depois de perceber algo que signifique muito para nós, isso nos leve a refletir e de certa maneira nos possibilite realizar uma transformação, em que novos valores nos são incorporados ao mesmo tempo que esses sentimentos transbordam de nós, conseqüentemente atingindo outras pessoas. Assim surge uma nova forma de pensar e viver, que rompe com velhos paradigmas, os quais nos impediam de caminharmos de cadeira de rodas ou em pés, em busca de novos sentidos a nossa vida. No campo da dança e da vida sempre é possível resignificar.

[...] Antes as minhas aulas de dança assim não tinham significado, não tinha. tinha assim é um significado aparente, só de performance, essas coisas, agora não, agora o significado mudou né, eu acho que primeiro de tudo tá o..., o Grupo a valorização, uns com os outros [...]. (Participante H)

Na próxima parte, iremos discutir o corpo que dança, e de que modo este corpo é percebido e significado a partir de suas experiências na dança e na vida.

4.2 Percebendo o Corpo que Dança

Para iniciarmos a nossa discussão sobre o corpo que dança, temos que levar em consideração de que dança falamos, pois os atributos relativos aos corpos, frente às atividades que realizam, são carregados de significados de tais atividades.

Ao pensarmos numa dança que prioriza o condicionamento físico de modo estritamente rígido, no qual, busca-se sempre as pernas estarem mais alongadas, os corpos mais musculosos, “fortes”, os que conseguem saltar mais alto, é possível que este tipo de dança se torne impossível, até para quem supostamente ela fosse possível. Nesse caso, poucas pessoas poderiam executá-la e com certeza, nenhuma, que por um motivo ou outro, apresente qualquer déficit de movimentos. Em relação a isso, Gallo (1997) destaca, que mais do que tornar o corpo bonito e com saúde, estamos maltratando-o, machucando-o, em muitas ocasiões, estamos realizando atividades físicas que vão além de nossas capacidades. Temos então um corpo objeto, em que se vive para ele, não com ele, um corpo sem autonomia, por hora infeliz. Se a dança é mecânica, o corpo que dança, é mecânico.

Ao mesmo tempo, se pensarmos uma dança possível, que para realizá-la seria apenas necessário querer, independente se o seu corpo é alto, baixo, magro, gordo, ou se você utiliza cadeira de rodas, onde neste tipo de dança o que importa não é ter a perna mais alongada, mas sim viver a dança a partir de outros significados, que não sejam desprazer, esforço sobre humano, treinamento rígido, verdadeira impossibilidade. Acreditamos num corpo sujeito, do qual se concretiza toda a experiência do ser no mundo.

A dança é vida, o corpo é a vida. Merleau-Ponty (1994 citado por VENÂNCIO; COSTA, 2005, p.166) afirma, “eu tenho e sou um corpo”.

De acordo com Gil (2005), para que cheguemos a uma compreensão da ação da dança no corpo, necessitamos ter uma idéia clara desse corpo do qual se fala. Segundo o próprio autor, há o corpo da Anatomia e Fisiologia ocidental, fragmentado em partes específicas que se interligam para formar o todo. Para Najmanovich (2003), as teorias que pensam o corpo e dividem o conhecimento em compartimentos, tornam o conceito corporal limitado ao biológico, ao físico e ao mecânico.

Há o corpo oriental, da medicina chinesa, que traça uma relação de órgãos a partir de um referencial energético, que referem-se sobretudo ao interior do corpo. Nos diversos corpos das terapias “psi”, ou das terapias corporais, o corpo é reduzido a representações simbólicas, em estruturas de signos. (GIL, 2005, p.55).

De acordo com o próprio autor “raras são as tentativas de articulação do ponto de vista médico (ocidental) com o ponto de vista da análise simbólica – citemos o caso da psicossomática, cuja inteligibilidade continua a ser precária”. (GIL, 2005, p.55)

Para Gil (2005), a fenomenologia obteve o mérito de considerar o corpo no mundo. Seria o estudo do “corpo próprio” na constituição do sentido. O significado a respeito de corpo próprio, determina ao mesmo tempo o corpo percebido e o corpo vivido, em suma, o corpo sensível.

Nesta teia de significação, entendemos que somos um corpo em intensa trama de relacionamentos, seja no palco da dança ou no palco da vida, pertencemos a um agrupamento social, o qual nos faz seres de uma determinada cultura, onde nosso corpo também pode ser percebido por meio disto.

Segundo Daolio (2003, p.140), o homem com o seu corpo vai reconhecendo e tornando seus, valores e costumes sociais, num processo chamado de incorporação. Além de

adquirir um aprendizado em nível intelectual, a pessoa adquire um conteúdo cultural, que se faz presente em seu corpo e transparece no conjunto de seus atos e expressões. Dessa forma, “o corpo humano é ao mesmo tempo e indissociavelmente natureza e cultura”

Ao pensarmos nos traços corporais deste trabalho, temos que considerar as relações corporais estabelecidas pelos integrantes do Grupo RodaPés, os quais apresentam deficiência física, na qual, às experiências destas pessoas referem-se, principalmente a uma privação de possibilidades de movimento. Isso decorre por serem pessoas com deficiência física, usuários de cadeira de rodas, e como todos sabem, moram num país chamado Brasil que não oferece de maneira estruturada e universal, tais possibilidades para que vivam “bem” em sociedade.

Por outro lado, estes integrantes que já não tiveram muitas oportunidades de realizarem atividades com o corpo, tiveram sim, uma vivência muito grande em salas médicas, de reabilitação, que a cada vez mais os caracterizavam como partes defeituosas, incapacitados, onde toda a atenção estava voltada para a “lesão”, para o déficit que apresentavam. Dessa forma, os estímulos corporais foram direcionados no sentido sempre de recuperar, restaurar, manter o possível, gerando sentidos e significado de algo sempre em reparação, separação, em perda; nunca em integração, em reconhecimento.

Essas vivências acabam por construírem seres humanos fragmentados, e pior, todo o investimento afetivo do corpo voltado para o “defeito”. Com isso, temos novamente uma dualidade que por tempos persistiu, na qual podemos observar uma depreciação do corpo, ora em soberania da alma e do espírito, ora da mente. Essas pessoas com deficiência acabam se tornado, culturalmente “impossibilitadas”.

Os discurso de nossos participantes G e I nos trazem a idéia de dualidade, presente no corpo com deficiência, onde fica evidente o dualismo, interior exterior: “eu tenho uma perna não sou um corpo”:

[...] [O que é uma pessoa normal para você] Acho que não tem, ela pode se perfeita mai num tem, num tem essa de ser normal porque talvez ela é perfeita por fora mas o coração num é. (Participante G)

[...] [Em relação ao corpo, o que é normal pra você?] Em relação ao corpo? Em relação ao corpo, [pausa longa] é você conseguir fazer, um gesto, um movimento numa dança, não importa se você tem, o..., metade de um braço, uma perna só, ou você anda de muleta, ou se você não tem nenhuma perna, não importa isso, o corpo é apenas uma casca, o que importa é o que ta dentro, o corpo é uma casca. (Participante I)

Acreditamos, que todas as experiências vivenciadas com o nosso corpo nos fazem ser o que somos. A cultura nos remete ao sentido de sociedade. O corpo na sociedade é aquele que representa, que gera valores e significados.

Discorremos que a dança possibilita ao indivíduo perceber, expressar e com isso resignificar sua existência. Destacamos também, que em todas as atividades que nos esforçamos a promover, participar e realizar, considera-se quais são os significados que representam para nós, enquanto integrantes de um determinado grupo social.

Abordamos a fala de uma de nossas participantes, no que se refere à revalorização do corpo no contexto da dança, em que se observa a mudança do olhar do corpo mecânico, da dança mecânica para o corpo que dança a vida:

[Pausa] Essa é uma pergunta bem legal. É..., antes do RodaPés, relação com meu corpo era a preocupação, de tá sempre em dia com o corpo pra fazer uma boa apresentação, pra sim, um, sabe tá o melhor alongamento, a, [pausa], era, era, a melhor performance mesmo, tinha que tá, antes do RodaPés. É, depois do RodaPés, eu vi que isso não tem na, nem um pouco de importância, como a gente sempre fala pouco importa o alongamento pouco importa tudo isso, o que importa mais é você tá naquele momento, é sem se preocupar, sabe o que é mais importante ainda, se não se preocupar com técnica nenhuma, se não se preocupar que depois que terminar o espetáculo, vão falar pra você assim, aí tava, faltou alongamento nisso, faltou perna naquilo, faltou isso, isso é o que menos importa agora, mais importante mesmo é o Grupo, é o contato, é a harmonia, é... a dança que a gente faz, de acordo com o que a gente tem vontade mesmo. (Participante H)

Percebemos de maneira bastante clara o paradigma do corpo “perfeito”/objeto, que se faz presente mesmo em nossos dias atuais. Ao mesmo tempo em que se percebe uma mudança de valores, tanto do corpo, quanto da dança, que anteriormente representava/expressava técnica. Por esta perspectiva, entendemos que:

“o corpo é o lugar onde a sociedade constrói sua simbolização, sua representação e seus significados; enfrenta barreiras, frustrações e alegrias; compartilha e compactua. Podemos recriar velhas normas e então entender que a dança deve encontrar o sujeito que dança e não o objeto que dança. A relação do diálogo da arte com o corpo não é superficial, mas embebida de significados, de relações e recriações”. (FIGUEIREDO; TAVARES; VENÂNCIO, 1999, p.70).

A dança possível a todos, a que complementa a vida, que dá prazer, que traz alegria, harmonia, que integra o ser humano à sociedade, despertando valores de respeito e

aceitação às diversidades de corpos, a que possibilita o equilíbrio no palco e na vida, vem carregada de valores, estimulando dessa forma quem a pratica a cuidar mais de seu corpo.

O cuidado com o corpo deve ser analisado com clareza, pois não representa o sentido que é transmitido por nossa cultura, na qual podemos observar constantemente, torne-se isso, seja aquilo, bonito é ser alto, magro, e ter um abdominal assim. Conforme Gallo (1997), ao nos referirmos sobre corpo concreto sendo aquele que se insere no cotidiano, é necessário termos cuidado com determinados discursos e propagandas, que levam as pessoas a uma concepção de “corpo belo e saudável”, cujo objetivo, é em todo o momento, o lucro à custa da alienação de todos. Esse “culto ao corpo” observado hoje, na qual as pessoas invadem as academias, se aglomeram em parques para correr, caminhar, fazem compras pelo telefone de produtos (supostamente considerados “milagrosos”) anunciados pela televisão e que levariam qualquer um a ter o corpo atlético como é posto nos comerciais, significa uma alienação ainda maior.

Praticar atividade física pode nos levar a uma melhora na qualidade de vida, mas como tudo, depende do modo como fazemos. Qual é o sentido que direcionamos a isso? Qual é o prazer no que fazemos? Ou simplesmente por que fazemos? Pois também, o que realizamos é fruto da influência cultural da qual fazemos parte, possivelmente também se pratica atividade física por influência da “corpolatria” do culto ao corpo que é moda na atualidade.

Pensamos que as experiências vividas pelas pessoas, geram valores, neste sentido, o corpo na dança segundo Venâncio e Costa (2005, p.175), “são autônomos pelo cuidado de si e pela autotransformação diante das mudanças políticas, muito embora, às vezes, desapercibidas, que ocorrem na vivência com a dança”. E conforme Lara (1999, p.99):

“o corpo – ou os corpos – estão sendo constantemente criados, estruturados, construídos; destruídos, desestruturados, desconstruídos; e por fim recriados, reconstruídos, reestruturados, de acordo com valores, padrões, ideologias e perspectivas sociais, estéticas e políticas, coletivas e individuais. Os corpos dançantes são igualmente corpos em permanente construção”.

De acordo com isso abordamos as falas de nossos participantes, que nos direcionam nesse entendimento corpo e cultura:

Antes eu não tinha tanto respeito como eu tenho hoje, eu, não me preocupava em praticar esportes, que nem hoje faço natação, se eu falto muito uma semana, o corpo já sente a falta do esporte da natação, o próprio tratamento de fisioterapia, é..., semanal. eu, hoje eu vejo a necessidade de ta com meu corpo [...]. (Participante I)

É..., antes eu pensava muito em beleza, pensava em ser tipo parecida com uma pessoa. É..., sabe ser bonita, não sei, só pensava nisso, antes tinha muita vaidade, aí, convivendo com as pessoas do Grupo assim, com a história sei lá, aí se vê que, você ser uma pessoa interessante é bem melhor que se preocupar com a beleza, aí eu passei a mudar, não ligo mais pra cabelo, pra unha, pra sabe, essas coisas [risos]. (Participante J)

Falando de saúde corporal, num sentido mais amplo, do que simplesmente ser magro, musculoso (como se “magro” fosse sinônimo de saúde, caso fosse assim, a anorexia que é uma doença, seria o padrão universal culturalmente aceito), destacamos as palavras de Souza Neto e Inoue (1996, p.69) sobre o conceito de saúde corporal, na qual os autores referem-se à saúde não apenas como “ausência de doença”, mas, representando “o bem-estar físico, mental e social”, conceito que caminha atualmente para um sentido amplo, abordando uma estabilidade corporal maior ainda. Portanto não adianta simplesmente realizar exercícios em academia ou praticar ioga, mas é necessário alcançar a relação, a interação com os semelhantes. Concluindo, eles inferem: “ter “saúde” implica o conhecimento de si mesmo e também dos outros”.

Dessa forma, pensamos um corpo que se relaciona com outros corpos, na dança e na vida, que ao tocarmos o outro no corpo ou no simbolismo de seu corpo, também somos tocados pelo outro e por essa interação simbólica, dessa forma, a relação corporal com outro, transcende o pensamento simplista da aproximação de corpos que até então vagam dentro de um conceito científico limitado apenas num plano de reações fisiológicas, mas pensando em transcendência corporal, acreditamos que este contato atua em camadas que até então estavam pré-determinadas como não posso, não devo, tenho uma perna, e uma perna “deficiente”.

Passamos então a interagir com o outro, com o corpo do outro, de certa forma agindo na constituição de padrões e valores da sociedade.

Aí, e, o, o é que assim hã... antes é..., é você toca as mãos pras pessoas você sempre levava por outro lado, pensava antes de tocar, pensava antes de falar qualquer coisa. num olhava pra qualquer coisa do corpo, agora não entendeu, é uma coisa assim. [...]. (Participante B)

[A relação com o corpo] Ta bem mais adequada, antigamente eu tinha, não gostava de contato com a pessoa, agora, o relacionamento é importante. (Participante F)

Para Lara e Oliveira (1997), a dança se apresenta como uma expressão cultural, e certamente, se manifesta como um elemento chave na contribuição para uma observância do homem em vista de todas suas possibilidades. Para Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999), o

corpo é o local da construção simbólica da sociedade, o qual emana representações, significados, crenças e valores.

Segundo Silva e Schwartz (1999), a melhora da estruturação da personalidade, a maior valorização de si próprio, a melhora da auto-estima, uma relação mais harmoniosa com o outro e o mundo, se dá através do conhecimento das partes do corpo e do corpo como um todo. Enfatizamos, que partes são entendidas principalmente por aqueles que se camuflam de partes, eu tenho uma perna, e ela é deficiente. A negação do todo, seja ele como for, também reforça a idéia tão enraizada em nossa cultura de que temos um sistema que cuida disso, outro que cuida daquilo, que os membros, pernas, são realmente inferiores em sentido literal.

Bernabé (2001), destaca ter observado em seu trabalho de ensino de dança para pessoas com deficiência física, ao passo que as pessoas ganhavam mais autonomia, mais se tornavam “proprietárias” de seu corpo, deixando transparecer de modo natural, os membros que apresentavam déficit físico. Desta forma, a cada momento a nova corporeidade era assumida, rompendo com velhos paradigmas.

Trazemos as falas de nossos participantes, que nos remetem a uma interpretação sobre a integração do corpo, a partir de uma nova corporeidade, na qual os seguimentos corporais que apresentam déficits de movimentos, deixam de ser negados ao passo que deixam de ser o foco “negativo” de sua materialidade corporal:

[Sobre a relação com o próprio corpo] Bem melhor, cem por cento melhor do que era antes, agora eu consigo ter uma outra percepção de mim mesmo, e..., eu não tenho mais receio de alguma coisa né, que eu tinha antes, sabe, agora mudou praticamente cem por cento. [Você tinha receio do que antes?] A qui nem antes, é..., pelo problema que eu tenho no, nos pés né, deles atrofiados, eu não mostrava isso pra qualquer pessoa, a não ser que, uma pessoa profissional da área, que eu faço tratamento, ou alguém que eu tinha confiança, e agora não já não tem mais esse receio, né, [pausa], não tenho problema em dizer, o, o, problema que eu tenho tal, então isso mudou. (Participante E)

[Sobre a relação com o próprio corpo] Mudou bastante, eu tinha preconceito com relação à deformidade que eu tenho, no caso no..., na coluna no caso, eu tinha muito medo da reação das pessoas, no caso, quando visse né, a minha deformidade, roupas, eu tinha... assim, vergonha de usar alguns tipos de roupas, agora não, agora eu me vejo, vejo meu corpo de uma outra forma através da dança. [Qual é a outra forma que você vê seu corpo?] Vejo, ah, diferente no caso, é..., como que eu vou explica, é..., como eu posso explica, é... eu me via no caso uma deformidade, pra mim aquilo lá eu não aceitava, através do grupo de dança, com fisioterapia, com atividades é... de alongamento, que a gente vai fazendo no Grupo tal, amizade, com relação ao Grupo, me fez ver que o meu corpo é bonito, a minha deformidade não é nada perto, assim, da amizade do Grupo que eu tenho do meu lado das pessoas ao meu redor, que não vê a minha deformidade vê a pessoa que eu sou. (Participante A)

Para Bernabé (2001, p.48), “quando a concepção de inteiro, de unidade, está tomando espaço, então podemos notar na mudança do vestuário, quando as roupas ficam mais apertadas, [...] uma valorização em torno do sentido de acordar para “sim”, eu “posso” ”.

No momento em que a percepção do corpo deixa de ser aquela que nunca pode fazer, devido ao problema, aquele que é impossibilitado, devido à perna que não se move, que não sente; e passa a constituir a idéia de unidade, de inteiro, de saudável, possível; as relações com o que existe de mais saudável são reforçadas. A partir disso, a pessoa passa a apresentar uma relação completa com aquele corpo, que até então era por um lado contestada, impossibilita e por outro distante de se imaginar. (BERNABÉ, 2001).

De acordo com Coll e Teberosky (2004), a partir do momento em que tomamos consciência das nossas características corporais e do que podemos ou não realizar com o nosso corpo, deixamos marcada nossa representação pessoal nele e dessa forma, deixamos de “ter” um corpo, como se fossemos um caramujo que possui uma casca, e passamos a “ser” um corpo.

“O corpo humano é o corpo que sente, percebe, fala, chama a atenção para o corpo que somos e vivemos. O corpo é presença concreta no mundo, porque veicula gestos, expressões e comportamentos das ações individuais e coletivas de um grupo, comunidade ou sociedade [...]”. (GALLO, 1997, p.67).

Nesse momento necessitamos de corpos que nos ponham à frente de nossa realidade, confrontando-nos com dificuldades e experiências. Necessitamos de corpos que nos ponham num mundo e que sejam possíveis de “aventura-se para vivermos novas perspectivas para a vida”. (GALLO, 1997).

A partir dessas considerações, passaremos a discutir a temática relativa a cadeira de rodas, e suas considerações na dança e na vida.

4.3 Percebendo a Cadeira de Rodas na Dança e na Vida

A cadeira de rodas surgiu nesta pesquisa, devido ao fato de estarmos trabalhando com um Grupo artístico, que tem em seu “corpo” de integrantes, pessoas com

deficiência física e que fazem uso de cadeira de rodas. Nesse sentido, ela torna-se parte integrante deste estudo, é necessário contextualizá-la, pois, verificaremos neste quadro quais os significados direcionados à cadeira de rodas pelos participantes deste trabalho, pessoas com deficiência física ou não, após a sua participação no Grupo RodaPés.

É certo que a cadeira de rodas vem ao longo do tempo, impregnada de valores, que limitam e levam a pessoa que a utiliza, a uma condição de inferioridade na sociedade. Talvez o seu uso, seja o marco fundamental para algumas pessoas, da concepção e do conceito de “deficiência”.

Ao mesmo tempo, pensamos que a cadeira de rodas, por muitas vezes, é utilizada corriqueiramente e passa desconsiderada no dia-a-dia. Talvez se pesquisássemos a respeito de sua utilização por parte da sociedade, encontraríamos um grande número de pessoas que a fazem durante o dia-a-dia e nem se dão conta disso.

Mas que ambigüidade é essa que se apresenta em relação à cadeira de rodas?

Assim como a dança, ou melhor, em tudo na vida depende de como que se fala e quais são os valores impressos naquilo que se fala, ao pensarmos num grande número de pessoas que utilizam cadeira de rodas, remetemos nossa compreensão para escriturários, bancários, trabalhadores de indústrias, dentistas, atendentes, secretárias, professores, usuários de computadores, dentre outros. E quem nunca viu um diretor ou presidente de uma empresa, utilizando uma grande cadeira de couro e claro de rodas? Acreditamos que até nossos governantes utilizam uma dessas. Dessa forma, a cadeira de rodas aparece não como sinônimo de limites, inferioridade, mas carregada de valores, como: possibilidade, realização, status, conforto, entre outros tantos.

Se relacionarmos as questões de qualidade de vida ligadas ao trabalho, percebermos que a área da engenharia no que se refere à ergonomia, atualmente divulga a real necessidade da adequação mobiliária em face ao trabalho a ser produzido. Com isso, mesas, computadores e cadeiras, são objetos de estudo. Neste caso, busca-se a melhor cadeira, a ideal, para o tipo de pessoa e para o trabalho que será realizado.

Neste sentido não podemos nos esquecer de avaliarmos, que cadeira de rodas, pode significar limite ao mesmo tempo que liberdade e possibilidade, pode significar desconforto, inferioridade ou status e qualidade de vida, dependendo do modo que se define.

Para Bernabé (2001), a deficiência transporta, ao longo do tempo, estigmas que estariam estruturados e que literalmente aprisionam o homem. A cadeira de rodas pode ser considerada como arquétipo de prisão, vida triste e subtraída. Ela pode se apresentar muitas vezes de maneira inadequada, na qual ela é pesada, grande ou pequena demais para o tamanho da pessoa que a utiliza. Ela pode se apresentar como meio limitador, na qual a pessoa a utiliza apenas como uma “poltrona”, ou em muitas vezes numa falsa impressão de possibilidades, a cadeira de rodas se mostra como simples meio de locomoção, porém inadequada e não ergonômica, dificultando uma de suas finalidades, que é possibilitar o movimento. Notamos também que é corriqueiro observarmos, sacolas, bolsas, coletores de urina, bichinhos de estimação, pessoas, entre outros, penduradas em suas partes. De acordo com Ferreira (2005), já existe um cenário, que se representa de maneira imaginária, um conceito que é negativo em relação à cadeira de rodas, que se perpetua de maneira histórica.

Segundo Godelive (1995 citada por BERNABÉ, 2001), a verticalidade, ou seja, ficar em pé, leva o homem a condição de indivíduo, pois isso possibilita a comunicação e as trocas consigo e com o outro. Para Fernandes (2005), em nossa sociedade não são valorizados os movimentos realizados com a unidade denominada de “inferior”, membros inferiores, mas por outro lado, esta região do corpo é produto de ênfase dada pela cultura, no que diz respeito à produção comercial, se tratando nesse caso de corpo “objeto”. Ela diz ainda que, quando a estabilidade anatômica e a mobilidade implícita e reprimida, perdem a sua movimentação de maneira total ou parcial, e o que se evidencia é a dificuldade de movimentação assim como a dificuldade aparente para se realizar atividades, é elevada a valorização à unidade considerada “inferior”. Nesse caso, o cadeirante é considerado e estigmatizado como incapaz.

Para Bernabé (2001, p.40), vivemos num mundo cheio de barreiras arquitetônicas, na qual as coisas se apresentam longe do alcance dos olhos e das mãos, neste caso a “disponibilidade corporal necessita ser cada vez maior [...], e nos induz a pensar que andar é, literalmente a coisa mais importante da vida, e visto de uma cadeira de rodas, tudo acima parece mesmo ser mais importante”.

No caso da dança, onde há possibilidade da multiplicidade de movimentos, tanto corporais, quanto sociais, percebemos que esta atividade possibilita ao ser que a pratica, neste caso usuário de cadeira de rodas, uma revalorização de significados, tanto internos quanto externos. Partindo disso, segundo Bernabé (2001), através da dança a pessoa com deficiência

passa a se perceber e com isso gerar novos significados em sua relação consigo, com sua vida e com o mundo. Além disso a cadeira de rodas ganha nova conotação, ela deixa de ser um instrumento de simples locomoção para se tornar um prolongamento do corpo, gerando novos valores.

Segundo Gil (2005, p. 49), o dançarino evolui e cria num espaço próprio denominado de espaço corpo. Este espaço é considerado de espaço paradoxal, que difere do espaço objetivo, o palco. Diferente mas unido a este, a ponto de não ser mais possível distinguir um do outro. De acordo com o próprio autor, o espaço corpo é a pele que se prolonga no espaço. Ele não está presente apenas para o dançarino, no caso o palco, e no caso da pessoa com deficiência usuária de cadeira de rodas, a cadeira de rodas e o palco, mas ele “é uma realidade muito geral, presente por toda a parte e nasce a partir do momento em que há investimento afetivo do corpo. De um modo geral, qualquer ferramenta, e a sua manipulação precisa, supõe o espaço corpo”

Trazemos as falas de nossos participantes, que apresentam as colocações realizadas:

[...] desde pequeno, então tive que olhar a cadeira assim pra mim, porque, a cadeira pra mim como se fosse mo, meus pés, pra se movimentar. (Participante C)

[...] É se for ver, na dança tá expressando também os movimentos que talvez ela gostaria de fazer com pernas, mas ela faz com a cadeira. (Participante D)

Antes eu tinha pena da cadeira, e agora eu tenho orgulho, porque eu vejo com a cadeira é um, ela faz parte do meu corpo, ela me ajuda, a ir de um local a outro, e graças a ela eu conheci a dança [...]. (Participante I)

Notamos, uma determinada limitação no sentido direcionado ao termo locomoção. Na vida pode-se designar por vezes locomoção como, “deslocar-se de um ponto ao outro”. Por outro lado, atentamos para o que dá o sustento e sentido para o termo locomover-se, que é justamente o movimento. Dessa maneira podemos então representar o verbo locomover como começar a agir, determinar-se a fazer algo. Como verbo ainda mover, pode significar, pôr em ação, acionar.

Justamente o que se pretende com a dança, é colocar corpos e porquê não dizer vidas, antes paralisados por um motivo ou outro, a começar a agir, a começar a buscar algo, a

começar a deslocar-se em sentidos próprios, em relação ao movimento, à dança, à cadeira de rodas e à vida.

Entendemos, que por meio da dança, a cadeira de rodas deixa de ser um mero instrumento de locomoção em sentido restrito, nesse caso, a locomoção passa a ser entendida com sentido amplo, sendo um meio que nos possibilita buscar, através do corpo que também já faz parte à cadeira de rodas, as possíveis realizações em sentido de movimentos consigo e com o mundo, como podemos observar nos seguintes discursos:

[Referindo-se ao uso da cadeira de rodas] [...] sim uma pessoa que utiliza cadeira de rodas para poder me locomover, e..., também não considero meus parceiros, [...] pessoas que precisam de, de algo para se locomover, não considero mais ninguém que, né que utilize cadeira ou de qualquer outro tipo de aparelho como um coitado. (Participante E)

Hoje, eu consigo ver a cadeira de rodas bem de outra forma, eu vejo que, que é, é, é um, acessório mesmo né, pra eles da dança, que u..., que uma cadeira de rodas, não impossibilita nada na vida do ser humano, é um simples meio de locomoção mesmo, hoje eu vejo, não tenho dó, não tenho nada, pelo contrario. (Participante H)

Porém, muito mais que simplesmente se apropriar da cadeira de rodas como parte integrante do corpo, a percebemos como meio de realizações. Os novos olhares, ou seja, valores e sentidos que são direcionados a ela, muitas das vezes repercutem como meio transformador, que mobiliza o ser que faz uso dela e logo em seguida passa a representar algo novo para a sociedade.

Segundo Bernabé (2001, p.84), “a cadeira agora passa a ser também dançante, já que é o prolongamento do corpo [...]”. Para Ferreira (2001b), partindo deste ponto, ela passa de elemento estigmatizante, limitador da pessoa com deficiência física, para meio de possibilidades da dança, e grifamos da vida, ou seja, elemento de prazer corporal, que junto à sociedade resignifica valores, normas e ideais sociais.

Trazemos a fala de nossos participantes para exemplificar melhor esta relação colocada entre dança, cadeira de rodas, possibilidade e revalorização:

[Referindo-se ao olhar para a cadeira de rodas] Mudou, porque pra mim a cadeira de rodas não tinha utilidade nenhuma, eu era um deficiente, não tinha condições pra mim de fazer nada, que a cadeira de rodas não era nada pra mim, agora não, agora é movimento, expressão, é tudo na minha vida a cadeira de rodas. [Expressão do quê?] Expressão, expressão, de reação do meu corpo, coisas que eu posso fazer com meu corpo, diante da cadeira de rodas, movimentos, coisas que eu nem imaginava que eu poderia fazer. (Participante A)

[Referindo-se ao olhar para a cadeira de rodas] Mudou [enfática], porque antes, era só uma cadeira de rodas com uma pessoa que não conseguia andar, e..., essas pessoas conseguem mais do que andar, elas dançam, elas num, a cada dia, sem precisar, elas provam pra todo mundo que elas são capazes, entendeu, e..., eu era uma pessoa que pensava, que podia ou não, não podia não. (Participante B)

[Referindo-se ao olhar para a cadeira de rodas] Mudou [enfática], é..., a cadeira de rodas para mim antes era mais um, um fardo que a pessoa deficiente tinha que carregar, e através do Grupo RodaPés, eu fui perceber que a cadeira de rodas, é o que possibilita *eles dançarem e..., e eu mesmo consigo agora usar a cadeira, faço até alguns. é..., empino* a cadeira, então mudou muito pra mim, é um instrumento que eu achava que era uma coisa como se fosse uma coisa, uma coisa ruim, e a pessoa tava com aquele fardo a vida inteira aquilo era uma coisa que talvez a pessoa também odiasse a impressão que eu tinha é que a pessoa odiava a cadeira de rodas, e..., agora eu percebo que, que não, que a cadeira é um instrumento que esta possibilitando essas pessoas estarem dançando, e não só isso, é a cadeira que transporta ela, não é um fardo, mas sim uma possibilidade.[...]. (Participante D)

[Referindo-se ao olhar para a cadeira de rodas] É mudou [enfática]. Ah, eu pensava assim, [pausa], cadeira de rodas não pode fazer nada é..., se fica inválido alguma coisa, aí se vê o que as pessoas fazem, se conversa com as pessoas, tem hora que eu até esqueço que são cadeirantes, [risos], é..., sabe é diferente, até as pessoas que me falam que. Como que eu consigo sentar numa cadeira? Meus amigos. Como que eu consigo sentar numa cadeira de rodas? Se não tenho tontura? Se eu não passo mal? Eu falo não, não tem nada a ver pra mim é um a cadeira normal, simplesmente anda, pra mim é normal. (Participante J)

Em relação à apropriação de conceitos relativos as pessoas com deficiência e que utilizam a cadeira de rodas, percebemos duas abordagens. Primeiro vem à mente a noção de “coitado”, de “doente”, que necessitará ficar “confinado” àquela “prisão” que é considerada a cadeira de rodas ao mesmo tempo em que não são poucos os discursos de “herói” que são destinados àqueles que mesmo, apesar de, entre outros, superam as tristezas. Também é fácil de notar um discurso referente à pessoa usuária de cadeira de rodas, como “boazinha” ou noutro extremo “revoltada”.(BERNABÉ, 2005, p.39). Neste sentido, em relação à dança Fernandes (2005 p. 207) complementa, que “não basta colocar-se em cena, transplantando-se do cotidiano para o palco como seres estigmatizados e diferentes, reforçando essa condição”

Devemos ter a idéia de que, ao se colocar cadeiras a serem empurradas, levadas de um lado ao outro do palco, ou seja, pessoas sendo conduzidas como reboque, deslocamos o sentido de locomoção para um modo restrito. Dessa forma, transplantando-se o cotidiano sofrível ao palco, reforçamos as concepções negativas relacionadas às pessoas com deficiência, e com a mesma dinâmica social discriminatória e inoperante, reforçamos os conceitos de seres

estigmatizados, impossibilitados, hora paradoxalmente e incoerentemente “coitados”, ora “heróis”.

Para Fernandes (2005), a cadeira de rodas deve ser utilizada na dança como elemento criativo, desafiador, estabelecendo outros vínculos e criando outras formas de relacionamento com ela, no sentido da ampliação de possibilidades artísticas e cotidianas.

Neste sentido, Bernabé (2001 p.72), aborda em sua proposta de ensino de dança para pessoas com deficiência física, um momento considerado como, “A cadeira vista de outro ângulo”, onde o cadeirante é estimulado a deixar a cadeira e partir para movimentos no chão. O cadeirante busca direcionar seu olhar para a cadeira desmistificando algo dito como prisão.

Ao tentar inferir mais sobre a cadeira de rodas, voltemos ao início de nossa discussão. De que tipo de cadeira falamos? Que significados direcionamos a ela?

Partindo disso, colocamos que mais importante do que a cadeira, é a dança e muito mais importante do que a dança, é o homem. Se a dança se sustenta através do movimento e tem no corpo, o único meio de realização dessa arte; ao considerarmos a cadeira como corpo e o sentido de locomoção como de realização, temos uma dança possível, e que utiliza a cadeira seja qual for, como meio de possibilidades da dança/vida.

E ao situarmos nosso posicionamento, destacamos a fala de um de nossos participantes:

[...] a cadeira de rodas não é muito importante, [não dever ser tão enfocada] importante é a vida, importante o, é..., o carinho, não importa a cadeira de rodas, [...]. (Participante F)

Temos um corpo que dança e vive, e que no caso da pessoa com deficiência física, se prolonga por meio da cadeira de rodas, na próxima parte traremos as percepções de nossos participantes, para as suas relações interiores e exteriores no âmbito do convívio social.

4.4 Percebendo a Dança e a Interação em Sociedade

A dança é movimento, que se estrutura no corpo que dança. Constatamos, que através da dança, é possível resignificar a própria existência, conforme Venâncio e Costa (2005, p.171), “o discurso na dança pode ser percebido ao romper, mesmo que temporariamente,

crenças, valores, tradições, e ao mesmo tempo, apostar na incerteza e no imprevisível para dar vida a outras formas de dançar e estar com o outro”. É a partir da interação com o outro que a condição da pessoa, enquanto indivíduo ético, se estrutura.

“O homem é um ser social por natureza”. A sua existência e os avanços reconhecidos, é resultado de suas interações sociais.(PÉREZ GALLARDO, 2000, p.79).

A base de toda organização social se estrutura através das normas, das regras e dos regulamentos, que segundo Pérez Gallardo, (2000), isto implicaria no que conhecemos e chamamos de formação humana. Vale destacar, que dentro da formação humana, encontramos os seguintes valores: responsabilidade, cooperação, auto-respeito, respeito pelos outros, honradez, solidariedade, organização, criatividade, individualidade, identidade, confiança de si mesmo e carinho.

Neste sentido, percebemos que a dança é possível de promover a formação humana, a partir do que Pérez Gallardo (2000, p.82) destaca como capacitação, ou seja, a aplicação de conhecimentos que são úteis para viver dentro da organização social. A capacitação consiste em promover a “aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive”, é o meio pelo qual se chega à formação humana.

Para Pérez Gallardo (2000), o mundo em que vivemos, é composto por seres humanos em sua maneira de viver, pessoas capazes de aprender, pois sua identidade não se encontra no fazer, mas em ser humano.

De acordo com Daolio (2003, p.37), “atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual este corpo está inserido.” As práticas corporais, sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem considerar o ser humano como sujeito da vida social.

Neste entendimento, é a partir dessas concepções, que dança torna possível resignificar os valores sociais de quem dança, e para quem se dança.

Elucidamos as percepções de nossos participantes em torno da valorização social a partir do trabalho realizado junto ao Grupo RodaPés:

Percebi, é... no caso da... com relação às pessoas, é... tratamento foi melhor no caso, é... como própria sociedade no caso né em geral. e eu sentia muito preconceito antigamente. quando não dançava [...].(Participante A)

[...] Por exemplo assim que as professoras, é, viam eu de outra forma, agora os amigos assim, chama mais pa andar pa, pa escola, pa brincar mais, na física. (Participante C)

Sim, é..., amigos né, se tornaram mais fiéis, familiares, é..., começaram a me tratar de uma forma diferente, mais é pra melhora minha. (Participante E)

Melhorou muito, melhorou muito memo [ênfático]. [O que melhorou?] Ah, que mudou? Como, como que eu vou te dizer? Mudaram acho que o jeito de olhar pa gente né, começou a muda. [Você percebeu isso de quem?] Ah, de muitos amigos que, outras pessoas que não conheciam a gente tamém né começou a conhecer. (Participante G)

A notei bastante viu, notei bastante. [E o que você notou?] [Pausa Longa] Ah, eu notei que as pessoas começam a da mai atenção pa gente né, dá mai valor, trata a gente de verdade como a gente é memo, sabe trata melhor, bem melhor memo. (Participante G)

[...] [Você percebeu alguma diferença na maneira que os outros lhe tratam?] Mais respeito, mais respeito e admiração. (Participante I)

Elas, [as pessoas após o trabalho no Grupo RodaPés] encaram com mais respeito, com o P. [referindo a si próprio] pode, o P. é capaz, o P. vai lá e resolve, antes não, antes ah, não que, elas achavam isso, eu deixava achar isso, e hoje já não deixo [...]. (Participante I)

Eu percebi [ênfática], é..., a sei lá, passa a ver a gente de outras formas, assim acho que um pouco, com mais valor, com mais sabedoria sabe de conhecer essa pessoas como deficiente físico assim, é diferente aí faz perguntas, um monte de coisa é..., foi diferente sim [ênfática]. (Participante J)

É, mudou, como eu já falei né, passa a ver a gente de outra forma, acho que até mais interessante, aí, ah, sei lá [risos]. (Participante J)

Ah, começaram a ver de outra forma né, quando, que até então, dão, é a gente dançava mas era só o dançar entendeu, ninguém levava a sério, daí, acho que com o trabalho do RodaPés foi provando que era sério [...]. (Participante B)

[...] [Depois que você começou o trabalho no Grupo RodaPés, as pessoas começaram a lhe tratar de maneira diferente?] Começaram, cumprimenta, o muito bem pelo trabalho, gostei, nossa é de chorar mesmo aquele trabalho, é, sempre é..., algumas pessoas tem, é, aque, aquelas pessoas que não gostam né, gostaria de, de, [pausa]. sei lá, num, nu, [pausa longa], [gesticulou que não sabia o que dizer mais]. (Participante F)

No plano da revalorização social não são apenas as pessoas que pertencem à sociedade, e que de certa forma, se encontram mais distante do convívio com a pessoa da dança, que possibilitaram novos valores. Podemos elucidar, que no plano das relações familiares, também é possível notar a revalorização em torno das pessoas através do trabalho do Grupo e da dança. De certo modo, principalmente em relação à deficiência, mas não só, os significados dirigidos a esta questão são históricos e socialmente construídos, por exemplo, citamos a classificação de: impossibilitado, incapacitado; valores que influenciam todos, mesmo os familiares que estabelecem outras relações afetivas dentro de seus lares.

Para Bracialli e Ravazzi (1998) por meio da dança, a pessoa consegue revelar vários aspectos que estão unidos às situações sócio-econômicas e culturais e se desenvolver em termos de sociedade. Entendemos que a dança auxilia no processo de resignificação da pessoa, pois promove a aceitação e a admiração. De acordo com Ferreira (2000), em determinados sentidos, a dança se mostra como um elemento de reorganização social, em outros momentos, ela se mostra como uma possibilidade de questionamentos, ruptura e transformação.

Surge na sociedade, e em especial, no âmbito familiar, novos pensamentos e ações frente às pessoas e a vida:

Com relação à família antigamente, eu me sentia bastante desprezada no caso, porque eles me viam como deficiente, assim, incapaz de fazer alguma coisa no caso. Através do Grupo de dança eu pude mostrar pra eles que o deficiente não é incapaz de nada, de fazer nada, ele é capaz, de ser alguém na vida, de mostrar, o que ele é realmente no caso. (Participante A).

Acho que na minha casa, eu tive um pouco mais de valorização, através deste trabalho quando comecei a dançar, no Grupo de dança RodaPés. Valorização como profissional. (Participante D)

[Referindo-se sobre a forma que as pessoas passaram a trata-lo no convívio familiar] [Além disso o que você começou a perceber na forma deles tratarem você?] [Pausa] A, começaram, a, assim como, na sociedade né, a encarar eu numa forma né, como se encaram todos os dias, não como era antigamente como coitado, ou nossa ele usa cadeira de rodas, tadinho deixa eu ajudar, deixa eu fazer isso, que, ou coisa e tal, mudaram a enxergar eu de uma outra forma, né. (Participante E)

[Referindo-se sobre o olhar dos familiares após o trabalho no Grupo RodaPés] Sim mudou bastante, porque até meus irmãos antigamente não gostariam que eu dançasse-se. Mudou bastante, porque mesmo eles assim próprio me, não davam apoio, agora estão dando mudou bastante e através do grupo RodaPés eu consegui, atingir os objetivos dos meus irmãos e dos meus familiares também. (Participante F)

[Referindo-se sobre o olhar dos familiares após o trabalho no Grupo RodaPés] [...] [E dentro de sua casa?] Aqui dentro mudou muito também. É olhou deferente né, porque muita coisa que pensavam que eu não podia fazer, eu posso hoje né, pra dança. (Participante G)

[Referindo-se sobre o olhar dos familiares após o trabalho no Grupo RodaPés] [...] agora da minha irmã J. praticamente até a S. [outra irmã] ela, eles me vem de outra forma, até pouco dias atrás no espetáculo a J. [irmã da entrevistada] mesmo falou que deu pra entender o significado do trabalho né, que a, que é a valorização do ser humano mesmo [...]. (Participante H)

Conforme Pérez Gallardo et.al (2003), a busca da identidade, leva o sujeito à geração de um conceito sobre si mesmo. Segundo Fierro (1995, p.296 citado por PÉREZ GALLARDO et.al 2003, p.95):

“a identidade trata-se de um conjunto de conceitos, de representações, de juízos descritivo e valorativo a respeito do próprio sujeito”. E segundo o próprio autor, este referencial gerado sobre si mesmo, se estrutura a partir de diferentes aspectos: “o próprio corpo, o próprio comportamento, a própria situação e relações sociais”.

Para Lara e Oliveira (1997), a dança é uma arte que contribui para a visualização do homem em todas suas possibilidades, sendo um meio que possibilita aflorar atitudes reflexivas, tanto de quem dança, quanto para quem se dança. Figueiredo, e Venâncio (1999) destacam que, vivenciar a dança, significa viver o dia, a vida. Essa experiência viabiliza a percepção das coisas simples de nosso dia-a-dia, e possibilita ao corpo, que é a fonte do sentimento, do pensamento e da ação, o desabrochar e revelar o movimento que se transforma a cada instante. E de acordo com Bernabé (2001), o processo da dança possibilita o espaço para que o indivíduo possa ser, sentir e expressar sua verdadeira vocação gestual, complementamos expressar seu modo real de ser e agir.

Percebemos na fala de nossos participantes a revalorização em torno da própria existência por meio do trabalho da dança:

[Referindo-se ao modo de como se percebe] Mudou [ênfática]. Porque eu tinha preconceito de mim mesma por não mexer as pernas, porque, eu perguntava pra mim mesma. Por que eu que eu era assim? Por que que eu nasci assim? Por que minhas pernas não se mexem? Qual era o motivo de eu ser deficiente, sendo que no, no no caso meus pais não tinha alguma coisa no caso que mostra-se que eu poderia ser deficiente? Ai eu, a partir do Grupo, eu... vi, me vi de outra forma, que eu podia estar sentada numa cadeira de rodas, ser deficiente, mas ser capaz, de dançar de movimentar, de me expressar, e de... é... Como que eu falo? Preconceito de outra forma, ver o preconceito de outra forma, porque eu tinha preconceito de mim mesma, agora eu não tenho mais, e mostro pras pessoas como que tem que ser daqui por diante. (Participante A)

[Referindo-se ao modo de como se percebe] Hã..., eu pensava que..., até então, é... eu não tinha até um certo tipo de preconceito mas acabei percebendo que tinha um pouco, né, é..., pela convivência que eu tenho entre amigos, é..., eu tinha um certo receio, mas não demonstrava, o quanto, e acabei percebendo isso. (Participante E)

[Referindo-se ao modo de como se percebe] Mudou que eu comecei a ver que a minha deficiência não era, digamos assim a única, não é, no meu mundo, eu via ela como no meu mundo, daí eu comecei a ver outras deficiências piores ou digamos assim, mais, como eu posso dizer, é..., delicadas, deficiências mais delicadas, e..., num consegue, pessoas que precisam usar frauda, passar sonda, eu não necessito nada disso, então começou abrir um pouco mais a minha cabeça, vendo essas outras pessoas assim. (Participante I)

A partir do momento em que qualquer ser humano estabelece um novo posicionamento em sua vida, ele passa a gerar novos valores, pois os sentidos e significados

sobre as coisas transformam-se, e a partir disso, suas atitudes, representações, seus relacionamentos adquirem uma nova conotação. Foi possível notar que, após o trabalho de dança realizado junto ao Grupo RodaPés, seus integrantes passaram a ter outros posicionamentos, gerando outros paradigmas, em relação a si e ao outro.

Para Pérez Gallardo, Oliveira e Aravena (1998, p.97), as atividades realizadas em grupo, na qual se presenciam uma grande diversidade de pessoas, quanto a gênero, aptidões físicas, culturas em geral, é um meio de eliminar “o isolamento, o medo, o constrangimento, a discriminação ou o comportamento preconceituoso, levando a valorizar e favorecer a espontaneidade, a criatividade, a auto-estima, o respeito e a aceitação das diferenças e dos limites”

Trazemos à tona, a percepção de nossos participantes frente aos conceitos direcionados às pessoas com deficiência, após o convívio no Grupo RodaPés:

[Sobre a percepção em relação à pessoa com deficiência?] [...] Antes é.... era muita coisa assim que eu pensava, que eu só pensava, que eu, sabe aí, pô, tem, tentava, vê o que o deficiente não poderia fazer tal, e, e no Grupo com a convivência nossa foi mostrando totalmente o contrário. (Participante B)

[...] Eu tinha um olhar mais para as pessoas deficientes como pessoas doente, mesmo que eu conhecia já pessoas deficientes e uma delas, uma pessoa deficiente trabalhava comigo, mais no Grupo de dança, a impressão que eu tenho, é que a deficiência tenha uma, [pausa longa] é como se, eu estivesse mais próxima da, não da palavra normal, mas é como se tivesse, [pausa] é... [pausa longa], é, que a gente não enxergasse tanto a deficiência, tentaria ver de uma forma mais normal. (Participante D)

[Sobre a percepção em relação à pessoa com deficiência?] Mudou [ênfático], mudou bastante no jeito de conviver com essas pessoas, porque antigamente é..., quando eu convivía com o M. [integrante deficiente físico do Grupo RodaPés], eu tinha, tipo, medo de encostar nele, agora não mudou bastante porque, através do, da dança, do, dessas pessoas, que tá comigo, mudou bastante, essas pessoas trouxe bastante alegria, conviver melhor, é..., respeitar o próximo, só. (Participante F)

[Sobre a percepção em relação à pessoa com deficiência?] Mudou sim, porque eu acreditava que um deficiente não poderia atingir um objetivo como dançar, não imaginava, e aí, é..., eu mesmo to conseguindo fazer uns passos, eu mesmo to atingindo meus objetivos, to gostando sim, de ter contato com o deficiente [...]. (Participante F)

[Sobre a percepção em relação à pessoa com deficiência?] Mudou bastante também [ênfática], é... [olhou para baixo], antes, eu via uma pessoa com deficiência eu sentia assim um pouco de dó, da pessoa sempre senti dó assim, era assim um dó, mas eu achava assim no fundo que um dia eu podia fazer alguma coisa que ajudasse essas pessoas, né, daí começou o trabalho, com, com o pessoal e, e, acho que assim, acho que a primeira impressão mesmo que eu tinha dos deficientes era eu tinha nu, num me aproximava, que acho que eu tinha dó mesmo, um pouco de dó mesmo, usar a cadeira de rodas. (Participante H)

[Sobre a percepção em relação à pessoa com deficiência?] Mudou [enfática]. Mudou porque, eu classificava essas pessoas como, eu acho, eu pensava assim que, devia ser diferente sabe, dividido assim das outras pe, separado, tipo um lugar pra deficiente físico, um pra cego, sabe eu pensava dessa forma, que cada um devia ficar na sua sabe, sem se misturar, aí depois que eu entrei pro Grupo, percebi que isso aí era bobagem, todo mundo pode viver junto. (Participante J)

Seguindo a ação da dança no corpo e na sociedade, notamos que não apenas conceitos e valores são transformados pelo indivíduo, mas em relação à totalidade de seus movimentos corporais e porquê não chamarmos de sociais, observamos novas atitudes frente aos novos conceitos estabelecidos, podemos observar tais realizações por exemplo, em seus relacionamentos estabelecidos no dia-a-dia de suas vidas.

Segundo Silva e Schwartz (1999), as atividades de dança possibilitam que as pessoas manifestem, através de seus corpos; emoções, sentimentos; ao mesmo tempo em que o processo de autoconhecimento é estabelecido, isso proporciona uma melhor integração com as pessoas a sua volta.

[Percebendo o que mudou na maneira de agir nos relacionamentos em casa] [...] Aí, muitas coisas, desde dentro de casa, [risos], eu converso com a minha irmã [risos]. Eu não conversava, e..., ah, muita coisa mudou em mim, principalmente no relacionamento assim e ah, não tem como explicar. (Participante B)

[Percebendo as mudanças frente as suas atitudes] Sim, é.... hoje eu tenho uma atitude né, bem melhor do que eu tinha antes, porque antes eu era uma pessoa assim muito nervosa tal, e hoje é..., eu penso né, como eu digo, dez vezes antes de tomar uma atitude errada, então modificou isso.[...]. (Participante E)

[Percebendo as mudanças frente a suas atitudes] [...] Eu acho que é isso que eu to realizando mais agora, respeita, eu to conseguindo aos poucos porque pra mim não era, não foi fácil, respeita os outros, o que os outros tem a passar pra mim, é, eu acho que foi uma, uma das mudanças. (Participante H)

[Percebendo a valorização de suas atitudes] [...] Hoje eu vou lá e resolvo, independente do tamanho do problema e da situação também, eu vou lá e resolvo, porque eu consigo resolver, de uma forma ou de outra eu consigo. (Participante I)

A dança, possivelmente dentro de um grupo estabelecido, é trabalhada para que depois de algum tempo, se torne uma apresentação artística. Entendemos que enquanto arte, cria um repertório comunicativo com o público, que dependendo da dança, como já foi discutido, ela sem dúvida promove significados e sentidos em torno da apresentação que está sendo realizada.

Por outro lado, percebemos a partir do acompanhamento do Grupo RodaPés, que a dança promove um grande relacionamento social, além de transmitir a mensagem que se

deseja. Neste Grupo, algumas pessoas ampliaram suas redes de oportunidade de se relacionarem, pelo fato de viajarem para realizarem apresentações em outras cidades.

As informações que são discutidas pelo Grupo RodaPés em suas apresentações, objetivam gerar ao espectador, uma reflexão a cerca da temática que envolve a vida das pessoas com deficiência, e da deficiência de um modo geral. Através de uma comunicação que se estabelece num plano sensível e concreto, o corpo em movimento, é o veículo propulsor para a discussão de maneira bem humorada, emocionante e real, dessas questões.

Para Vargas (1989 citado por OLIVEIRA; CHUN, 2004), sendo o movimento uma das primeiras expressões do homem, e o corpo, o referencial de interpretação e experiência do mundo, é importante possibilitar as atividades de movimento, em pessoas que dificilmente têm a oportunidade desta experiência. Neste caso, os movimentos dançantes, ganham não só aplausos, reconhecimento, novos sentidos e valores no palco, mas isso repercute na vida de quem dança, e também na vida para quem se dança. De acordo com Pérez Gallardo, Oliveira e Aravena (1998), a pessoa é considerada um ser historicamente situado. Ao mesmo tempo em que dispõe da capacidade crítica de situar-se no mundo, com isso, sendo modificada por ele, o transforma.

Segundo o próprio autor, “a liberdade é coletiva e não individual. Ela é o ponto de referência para o meu individual. Assim também pensamos a satisfação. Não conseguimos ver a satisfação pessoal sem a satisfação coletiva” (PÉREZ GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998).

Percebemos dessa forma, que as oportunidades de relacionamento se ampliaram para os participantes do Grupo RodaPés, primeiro internamente, após isso em sua família, em sua cidade, chegando a outros lugares:

[Pausa] Eu me apresento para o público [risos], até então uma coisa que eu não fazia antes [risos], talvez uma coisa que eu tivesse bastante vergonha, e agora eu não tenho. (Participante D)

Ah eu, antigamente, no clube eu não ia muito na piscina porque eu tinha vergonha, eu não ia muito mesmo, agora não, agora eu vou, eu vou a vários lugares, vou a bares, barzinhos, discoteca coisa que, discoteca eu nunca fui, a partir do momento em que eu entrei no Grupo, comecei a ver a realidade, uma realidade diferente no caso, que eu podia fazer muitas coisas, que antes eu não fazia, agora eu faço. (Participante A)

[...] [Novas atividades?] Só na escola, só na física, junto com meus amigos. atividades. [Na cidade você frequenta alguma lugar que não freqüentava? Você vai para algum lugar que não ia?] Ah, eu saio bastante com meus amigos, vou pra lugar que eu não ia. [Antes você não fazia?] Não. (Participante C)

[...] Algumas pessoas também da, da cidade de Conchal, é..., passaram a me cumprimentar, e..., sempre que me vêem, me, parabenizam pelo trabalho. (Participante D)

[...] [Em relação ao convívio social mudou algo? Você vai a algum lugar que não ia antes?] Ah, hoje o que mudou foi é..., a oportunidade de emprego né, que eu tive através do Grupo, e..., os locais que a gente participa né, faz as apresentações, os locais que a gente visita, fora isso continua as mesmas coisas que eu já fazia né, os mesmo local que eu freqüentava já. [Você já freqüentava festas, discotecas?] [...] [A partir do momento que você começou a participar do Grupo, sua participação na sociedade tem aumentado?] Vem aumentando com certeza, bem mais do que antes. (Participante E)

[...] [Você freqüenta algum lugar que não freqüentava antes?] Convivo, é principalmente na..., discoteca que eu não ia, que o M. [integrante deficiente físico do Grupo RodaPés], chamava, é..., que a galerinha chamava num convivia, lá também não é lugar adequado, convivo, na avenida também me chama pra ir eu vou. só. (Participante F)

[...] [Você freqüenta algum lugar que não freqüentava antes? Vai a algum lugar que não ia antes?] Bom de, viaja, que nem viaja sempre com o Grupo RodaPés, não, eu não viajava desse jeito, ia no máximo só por perto aqui mesmo na casa dos meus parente, mais viaja assim, que nem viaja pra dança, todo mundo aplaudino a gente ali, nossa isso aí, felicidade memo pra gente. (Participante G)

[Pausa longa] Realizo. Ah..., hoje, eu..., sou coordenador de uma pastoral de jovens, é..., em sentido de cidade, e..., é difícil trabalhar com outras pessoas com as outras pessoas, que tem digamos assim, outros conceitos, é..., a gente eu sempre tento colocar que a maior o maior objetivo nosso é trazer os jovens de volta pra igreja [...]. (Participante I)

Quando alcançamos uma certa representatividade, ou seja, dizemos algo pois é possível que alguém realmente não apenas ouça, mas se interesse por aquilo que falamos, é porque atingimos um maior grau de reconhecimento social.

Enquanto grupo, para que permaneçamos unidos, necessitamos criar um vínculo de afeto entre os membros deste grupo. Onde compartilhamos as situações todas, para assim seguirmos nosso rumo em busca dos objetivos, que devem ser reais e significativos para todos do grupo.

De acordo com Pérez Gallardo (2000), justamente as interações que ocorrem no grupo, em que as pessoas compartilham: os problemas, as soluções, as dificuldades, as perdas, as vitórias, gera uma responsabilidade que é coletiva. Neste sentido, é compreensível que os integrantes que compartilham juntos tais situações, tornem-se agentes sociais ativos, em busca de objetivos que são mútuos. No caso da dança e do Grupo RodaPés, que envolve pessoas com deficiência física em seu conjunto, percebermos que todos os integrantes buscam e lutam pela eliminação do preconceito, da discriminação, pela valorização das individualidades, das diversidades.

Para Bandura (1973 citado por SBORQUIA; PÉREZ GALLARDO, 2002, p.110):

“as pessoas de todas as idades, etnias, credos e condições sociais aprendem observando a conduta de outros. Essa habilidade milenar do ser humano é de grande utilidade para se adaptar ao ambiente físico e social. Observando a conduta de outros e suas conseqüências, tanto positivas como negativas, o indivíduo adquire de forma rápida conhecimentos, crenças e habilidades, acumuladas por gerações e informação valiosa sobre o que seu grupo aceita ou condena, o que nele se julga bem ou mal. Assim, crianças e adultos aprendem habilidades, valores, atitudes, estilos de pensamento e padrões de conduta fundamentais para o convívio em sociedade”.

Reportamos a fala de nossos participantes, que nos trazem a possibilidade e a necessidade de mudança do olhar da sociedade em relação às pessoas com deficiência:

[...] A través do Grupo a gente mostra a vida nossa de cada um de outra forma, fazendo com que a sociedade entenda que o deficiente não é um deficiente inútil, é capaz de é..., atingir vários objetivos, inclusive, hã... é... Como fala? É, [pausa] perante a sociedade ser visto de outra forma, no caso. (Participante A)

Não, eu acho que já disse tudo, porque, as pessoas tem que, a sociedade em geral tem que ver que o deficiente, ele não é um deficiente, é... No caso, como que eu posso falar? Eles têm que ver a pessoa de uma outra forma, que eles tem suas limitações, tem barreira, enfrentam bastante, muitos obstáculos, mas eles tem que ver que o deficiente é capaz, de fazer qualquer coisa, como eles também são. (Participante A)

[...] Ah, eu acho que todo mundo tem que dar valor no deficiente, porque uma pessoa apesar da deficiência num, é uma pessoa como todo mundo, e todo mundo tem que tratar a pessoa, como, não olhar pela deficiência dele, mas olhar como pessoa, pelo coração. (Participante G)

4.5 A Diversidade de Corpos entre o que é Considerado Normal e a Normalidade

Neste estudo, direcionamos nosso olhar para a presença da dança na vida das pessoas. Dessa maneira, trouxemos discussões à cerca do corpo, que é por onde a dança se materializa, e por uma parte dos participantes deste estudo serem pessoas com deficiência física, tecemos considerações sobre a cadeira de rodas, que é utilizada tanto na vida como na dança.

O que nos importa nesta pesquisa, é justamente elucidar a percepção dos dançarinos frente às possíveis mudanças em suas vidas, após iniciarem as atividades de dança. Pois, foi observando as mudanças em nossas vidas, num primeiro momento e num outro espaço/tempo, percebendo as mudanças na vida dos outros dançarinos que dividiam no palco

suas vidas conosco, que nos empenhamos em realizar este estudo. A partir de um determinado momento com a evolução do trabalho no Grupo, os dançarinos passaram a apresentar-se de outra maneira, tanto na relação consigo, quanto nas relações estabelecidas com o outro. De acordo com isso, foi necessário traçarmos considerações, sobre a percepção dessas pessoas em relação a sua interação consigo e com a sociedade.

Para finalizar este trabalho, mas de maneira nenhuma pretendendo esgotar as discussões sobre as temáticas inferidas, trazemos à tona a percepção de nossos participantes, a respeito da concepção dos termos deficiência e “normalidade”, e ao mesmo tempo sua representação simbólica e estrutural. Tais concepções, podem preceder todas as outras já colocadas, pois é certo que este estudo teve sentido ou melhor dizer, “sentidos”, sendo desenvolvido na tentativa, de ao mesmo tempo em que buscava atingir o objetivo delineado, trabalhava para amenizar pois eliminar ainda é utopia, a visão fragmentada pautada em valores discriminatórios que a sociedade imprime muitas vezes sobre as pessoas que apresentam deficiência, e neste trabalho em especial, às pessoas que apresentam deficiência física.

Para iniciarmos esta discussão, trazemos algumas considerações sobre os conceitos em relação à deficiência. De acordo com Daolio (1995 citado por OLIVEIRA; CHUN, 2004) acredita-se que as considerações em relação às pessoas com deficiência em nossa sociedade atual, provêm de um conjunto de concepções socialmente direcionadas, em outras épocas.

No período considerado de Idade Média, sabe-se que a busca pela harmonia e a perfeição, eram fatores determinantes, não apenas dos movimentos científicos/filosóficos realizados naquele momento, mas de toda a sociedade que era influenciada por isso. Neste sentido, segundo Kappler (1986 citado por AMARAL, 1994, p.249-50), o ideal de perfeição se fazia presente em todos os setores da sociedade, em que podemos observar por exemplo, “o número áureo”, que era para artesões a relação perfeita de proporções, o que determinava para qualquer objeto, o estado de perfeição mais adiantado no mapa das realizações humanas. Da mesma forma, a música medieval estava alicerçada no metro perfeito, o ternário, e suas possibilidades de combinação com o metro imperfeito, o binário.

De acordo com Kappler (1986 p.247-8 citado por AMARAL, 1994, p.250):

“em todos os âmbitos, a perfeição é o ponto obrigatório de referência. A imperfeição se manifesta na desordem, pois esta é a imagem do mal. Da mesma forma que a natureza e

a ordem estão unidos à idéia do bem, a desordem se relaciona com a idéia do mal. Entre os anjos bons não existe nada desordenado e entre os anjos maus não há nada ordenado”.

Dessa forma, como estará representado o corpo desarmônico, que apresenta deficiência, quando os modelos de harmonia são universais e a representação do corpo não? (AMARAL, 1994)

Sobre isto a autora destaca suas próprias considerações em Amaral (1988, p 10-1 conforme AMARAL, 1994, p.250-1), na qual:

“O deficiente é a própria encarnação da assimetria, do desequilíbrio, das des-funções. Assim, sua desfiguração, sua mutilação, ameaça intrinsecamente as bases da existência do outro. Seu existir põe em movimento uma gigantesca pá de moinho que, *descontrolada subitamente, ameaça transformar a energia costumeiramente gerada com tranquilidade numa torrente quase incontrolável, num caudal de águas turbulentas*. O outro, o diferente, o deficiente, representa muitas e muitas coisas. Representa a consciência da própria imperfeição daquele que vê, espelha suas limitações, suas castrações. Representa também o sobrevivente, aquele que passou pela catástrofe e a ela sobreviveu, com isso acenando com a catástrofe em potencial, virtualmente suspensa sobre a vida do outro. Representa ainda uma ferida narcísica em cada profissional, em cada comunidade. Representa um conflito não camuflável, não escamoteável – explícito – em cada dinâmica de inter-relações. De qualquer lado que se olhe, representa uma chaga em pele idealizadamente de alabastro. Representa ameaça, perigo”.

Partindo para uma rede de significações dos conceitos relativos à deficiência, encontramos na ciência, em especial nas áreas voltadas para os campos das relações humanas frente aos cuidados da saúde, algumas definições. A anatomia traz algumas considerações que julgamos serem importantes para que possamos entender este processo, que é a significação da pessoa com deficiência.

Segundo Boltanski (1989 citado por AMARAL, 1994), as disciplinas que abordam o corpo como objeto de análise e investigação científica, geram teorias fragmentadas, seja tanto do corpo em si, quanto de suas relações.

Kirby (2002), traz definições à cerca da deficiência, incapacidade e desvantagem, descrito na obra “Tratado de Medicina e Reabilitação”, segundo este autor, estas categorias “são manifestações de problemas nos níveis dos tecidos e órgãos, da pessoa como um todo e da sociedade, respectivamente”.

De acordo com o próprio autor e de maneira direcionada, observamos que a deficiência, representa “qualquer perda ou anormalidade na estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica”. Já incapacidade, representa “qualquer restrição ou perda resultante de uma deficiência de habilidade para desenvolver uma atividade, da forma ou dentro dos

parâmetros considerados normais para um ser humano”. Enquanto desvantagem, significa “uma dificuldade imposta a um indivíduo, resultante de uma deficiência ou incapacidade, que limita ou impede o desempenho de um papel que é normal, dependendo de fatores culturais e sociais, idade e sexo para aquele indivíduo”. (KIRBY, 2002, p.57-8-60).

Sobre a fonoaudiologia Oliveira e Chun (2004), relatam perceberem uma visão fragmentada e deficitária desta abordagem científica, onde o enfoque do profissional clínico estaria calcado no déficit da pessoa.

Para Silva (2001), as ciências médicas direcionam seus trabalhos a partir de uma concepção de corpo, oriunda dos estudos biológicos. Segundo a própria autora, o corpo para a ciência biológica, numa linguagem que é própria, é considerado o “corpo-referência”, na qual ele é organizado com base numa perspectiva matemática, sua formulação quantitativa, predispõe a possíveis generalizações, sendo representado dessa maneira, um corpo que é ao mesmo tempo abstrato e anistórico.

Fazem parte do “corpo” da perspectiva biológica, índices estatísticos, medidas padronizadas, padrões de normalidades, regras anatômicas gerais e universais, dessa forma, ao mesmo tempo em que ocorre uma universalização de tais parâmetros, através da utilização desses referenciais como regra geral, observa-se uma caracterização contrária em relação às diversidades corporais e culturais existentes. De acordo com Silva (2001, p.40), “isso cria um evidente descompasso com a realidade e a compreensão da diversidade humana”.

Podemos perceber tais situações nos discurso de nossos participantes:

[...] [O que é normal pra você?] [Pausa longa] Talvez as pessoas que na grande maioria da forma que a grande maioria é, [pausa] especialmente em relação a cadeirante e andante, o que é considerado mais normal é a pessoa que é andante. (Participante D)

Eu acho que, tem pessoas que, além de anda tudo assim, de ser normal, [...]. (Participante G)

[...] [O que é ser uma pessoa normal pra você?] conforme a sociedade diz, emprega de ser uma pessoa normal, tendo as pernas boas [...]. (Participante I)

Trazemos à tona tais referências científicas, que compõem o campo de estudos das ciências biológicas, na qual se torna importante destacar a influência da anatomia, assim como da fisiologia, da cinesiologia, que junto a outras tantas, além de compor a base das ciências da saúde, se tornam fontes de conceitos, quer sejam através de suas abordagens e estudos, quer

sejam principalmente pela atuação de pessoas, que lidam com outras e que as têm como fundamento científico e de vida em muitos casos, neste sentido, tais considerações em torno dessas abordagens, nos levam a crer, que essas fontes seguramente direcionam sentidos ao que é considerado “normal” e ao contrário disso “anormal”.

De acordo com Dângelo e Fattini (2000, p.2):

“As descrições anatômicas obedecem, necessariamente, a um padrão que não inclui a possibilidade das variações. Este padrão corresponde ao que ocorre na maioria dos casos, ao que é mais freqüente: para o anatomista o padrão é o normal, numa conceituação, portanto, puramente estatística. Para o médico, normal tem outro sentido, não é o que se apresenta na maioria dos casos, mas sim o que é sadio, ou com saúde, hígido, não doente”.

Seguindo ainda neste contexto, o autor citado acima destaca que podem existir variações morfológicas, neste caso, tais observações são consideradas de variações anatômicas, que podem ser observadas tanto internamente nos sistemas do organismo quanto externamente. Porém, tais variações não trazem prejuízo funcional para o indivíduo. (DÂNGELO; FATTINI, 2000).

Entretanto quando às variações morfológicas, se apresentam de maneira a acarretar prejuízo funcional ao indivíduo, ou seja, “quando o desvio do padrão anatômico perturba a função, diz que se trata de uma anomalia, não de uma variação”. E se a anomalia se apresentar como deformação no corpo da pessoa, a ponto de alterar profundamente a construção deste corpo, “sendo em geral incompatível com a vida, denomina-se monstruosidade”. (DÂNGELO; FATTINI, 2000. p.2).

Mas, para DiDio (1974), anomalia é direcionado a algo irregular, ou fora do comum, podendo além disso, transmitir a idéia de deformidade ou malformação, esta que pode ser congênita ou adquirida. No caso da consideração de monstruosidade, o autor concorda com a descrição anterior, que se refere a este termo estar ligado a uma anomalia considerada grave, que por consequência disso se torna incompatível com a vida. Porém, o autor destaca que em outra época, monstruosidade foi considerado de maneira grotesca, feto ou recém nascido, grosseiramente mal formado.

A respeito da interação da ciência, em especial da medicina, DiDio (1974) cita, que com o advento da medicina, constituindo um progresso nesse campo, foi possível garantir a

sobrevivências de pessoas, que nasciam monstros, e com isso passando a se caracterizar como anomalias.

De acordo com tais descrições, consideramos a fala de nosso participantes:

[...] [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Normal, é na minha visão, é aquela pessoa normal ela te, não te defeito de nada, não te, apesar de quanto que é difícil de te uma pessoa normal hoje em dia [...]. (Participante G)

[...] porque eu tenho a consciência da minha defici da, digamos assim, patologia ou doença [...]. (Participante I)

Porém para Amaral (1994, p.251-2), existe ainda outra consideração sobre tais termos, e que se fazem interessantes para o entendimento sobre os conceitos remetidos às pessoas com deficiência, na qual a autora cita as palavras de Canguilhem (1990, p.101-8):

“Anomalia vem do grego anomalia que significa desigualdade, aspereza; omalos designa, em grego, o que é uniforme, regular, liso; de modo que anomalia é, etimologicamente, an-omalos, o que é desigual, rugoso, irregular, no sentido que se dá a essas palavras, ao falar de um terreno. Ora, frequentemente houve enganos a respeito da etimologia do termo anomalia derivando-o não de omalos, mas de nomos que significa lei, segundo a composição a-nomos. Ora, o nomos grego e o norma latino têm sentidos vizinhos, lei e regra tendem a se confundir. Assim, com todo o rigor semântico, anomalia designa um fato, é um termo descritivo, ao passo que anormal implica referência a um valor, é um termo apreciativo, normativo [...]”.

Buscando uma associação entre anomalia e monstrosidade, Amaral (1994), relata haver uma conexão entre os dois termos ou definições, por meio da palavra/conceito, o grotesco. Neste sentido, Sodré (1971, p.37-38 citado por AMARAL, 1994, p.252), considera que a pessoa que apresenta deformidade física, é caracterizada historicamente como um:

“desvio da organicidade “natural”, como monstro, Teratos. [...] O grotesco parece ser, até o momento, a categoria estética mais apropriada para apreensão desse ethos escatológico da cultura de massa regional. [...] Em resumo, o grotesco é o mundo distanciado, daí sua afinação com o estranho e o exótico”.

Ao pensar na monstrosidade, em síntese, podemos e devemos destacar, que existem três formas de realizar isso, segundo Kappler (1986 citado por AMARAL, 1994, p.256), podemos observar a concepção de monstrosidade, a partir do raciocínio: genético, teológico e o normativo.

Partindo do raciocínio genético, encontra-se nesse pensamento, as causas da condição de monstro. De acordo com Amaral (1994, p.256), “Aristóteles utilizou esse tipo de raciocínio e, quase dois mil anos depois, Ambroise Pare”.

A construção do monstro segundo o raciocínio teológico, se baseia na maneira que era desenvolvido o pensamento sobre isto na Idade Média, na qual, não existiria nada fora da perspectiva teológica da criação de Deus, dessa forma, o monstro era manifestação da desordem. Porém, Santo Agostinho define o monstro como um desvio da natureza de seu curso habitual. (AMARAL, 1994).

Sobre isto, a Idade Média enfrenta um paradoxo, na qual, ao mesmo tempo necessita explicar a desordem frente ao postulado que a obra de Deus, a natureza, é perfeita e por isso sem contradições ordenada. (AMARAL, 1994).

O raciocínio normativo, “refere-se a “modelos” dos quais os monstros são separados como reproduções imperfeitas”. Esta idéia foi amplamente difundida na própria Idade Média, foi aceita em partes por Santo Agostinho e se relacionava com as idéias de Aristóteles. (AMARAL, 1994, p.258).

Neste raciocínio, trazemos agora considerações sobre as definições de monstro num plano de sentidos, para isso destacamos as palavras de Kappler (1986, p.235,208 citado por AMARAL, 1994, p.259):

“Em sentido amplo, o monstro se define com relação à norma, sendo esta um postulado de sentido comum: o pensamento não atribui ao monstro, com facilidade, uma existência em si, enquanto que a concede espontaneamente à norma. Assim, pois, tudo depende do modo como se define essa forma. [...] De uma cultura para a outra, de uma época para a outra, e inclusive numa mesma época de um indivíduo para outro, a interpretação de uma forma está sujeita a variações: um cinófalo pode ser considerado tanto como um monstro selvagem e sanguinário como um São Cristóvão caritativo [...]”.

Mas de acordo com Amaral (1994, p.259), no século XV o monstro é colocado apenas de um lado, justamente em consonância com o diabólico, pois a partir do século XIV, a consideração de universo harmonioso é contraposta pela evidente desarmonia, como pestes, assassinatos em massa. Segundo a autora, neste período, “o corpo-universo, o corpo social, o corpo sagrado da Igreja, o corpo humano, se cobrem de pústulas [...]”.

Passamos a tecer considerações sobre conceitos relativos à nossa sociedade, de maneira que abordaremos a diversidade de corpos, a partir de significações culturais.

De acordo com essa perspectiva, citamos Daolio (2003, p.140), na qual segundo o autor, “o corpo humano é ao mesmo tempo e indissociavelmente natureza e cultura. Se, por um lado, existe um patrimônio biológico universal que faz com que todos os homens sejam membros da mesma espécie, por outro, há construções corporais culturais diferentes”. Nesse caso, se por um lado a biologia infere que os homens são semelhantes mesmo que apresentem diferenças, a antropologia e nesse caso por meio do discurso cultural, infere que os homens são diferentes apesar de apresentarem semelhanças.

Em vista das colocações realizadas relacionando-as com o meio científico, destacamos as palavras de Silva (2001), onde o que se pode observar na linguagem científica, que é reproduzida amplamente pela mídia ao mesmo tempo em que se torna incorporada pela cultura, é uma redução, do humano e da realidade.

Antes de entrarmos de forma direta na elucidação e no discurso sobre as diferenças, destacamos que nossos dançarinos, principalmente aqueles que apresentam deficiência física, foram bombardeados de situações que nos levam a crer, que os adjetivos: doentes, impossibilitados, “a perna ruim”, dentre outros, fizeram, e de certa forma, ainda fazem parte de seu vocabulário corporal e de seus sentidos.

Segundo Daolio (2003, p.69), “o que define o corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, não suas semelhanças biológicas universais”.

Para Silva (2001, p.94), “o respeito à diferença que sugere a discussão sobre a cultura tem sido indicado como fundamento ético e estético em contrapartida às concepções que tornaram-se hegemônicas na modernidade”. A partir disto Daolio (2003), refere que é justamente na expressão das diferenças, e reforçamos aqui, no respeito e na aceitação a elas, que os homens se tornam iguais.

De acordo com Sassaki (1997 citado por OLIVEIRA; CHUN, 2004, p.51), “as pessoas com deficiência são consideradas incapazes ou estão sempre em situação de desvantagem no desempenho de papéis sociais, porque a própria sociedade cria problemas para eles”.

Vale ressaltar, que ao trazermos as falas de nossos participantes, a respeito de suas percepções sobre o que é considerado “normal” e “deficiente”, destacamos que toda a categorização em relação ao que é normal, ou deficiente representa verdadeiramente uma via de

mão dupla, pois respectivamente ao atribuir normal relativo a algo, a falta ou a ausência disto, poderia ser considerado anormal/deficiente.

Observamos vários sentidos para a constituição do conceito do que seria uma pessoa normal. Trazemos falas que representam sentidos ancorados nos limites da dificuldade imposta pela deficiência e nas necessidades do auxílio do outro para realização de atividades:

[...] [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Uma pessoa que não tem limitação nenhuma no caso. tipo, deficiente ele tem sua limitação de usar uma cadeira de rodas, esse tipo de coisa, agora, a pessoa, a outra pessoa, já é normal eu digo assim, não tem limitação nenhuma, nenhuma barreira no caso, tipo que nem o do deficiente enfrenta. (Participante A)

[...] [O que seria então um deficiente para você?] Bom, como eu tava dizendo deficiência para mim, é..., eu acho que hoje, é..., pra mim eu considero uma pessoa deficiente, uma pessoa que não tem nenhum tipo de locomoção, não pode se locomover, vive numa cama né, que no caso acho que é, tetraplégico né, pessoa não tem locomoção nenhuma, só meche os olhos, isso pra mim sim é uma deficiência, aquele pessoa necessita de uma outra pessoa pra fazer tudo pra você [...]. (Participante E)

A concretude da deficiência física é algo visível, denota sentidos e significados, e conforme discorreremos o processo é histórico, porém as considerações, as limitações impostas a essas pessoas, é o que agrava toda a situação, pois não há alicerce sólido, nem popular, nem científico, para limitarmos o papel, o potencial, o movimento, de cada um. De acordo com isso, Amaral (1999a), destaca que em relação ao déficit, que é real e concreto, ele não deve ser ignorado, pelo contrário, é justamente a sua identificação, que possibilita a busca e a organização de procedimentos e estratégias, que visem não sua extinção, o que é impossível, mas sua inclusão de modo possível na sociedade.

Para Amaral (1999b, p.37), citando a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência, segundo o qual, “o termo pessoa com deficiência” aplica-se a qualquer pessoa que, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidade físicas ou mentais, esteja incapacitada de cumprir sem ajuda, total ou parcialmente, as exigências de uma vida individual e/ou social “normal”.

Para a autora, um dos problemas que envolvem as pessoas com deficiência, se firma no campo dos relacionamentos, quando as considerações que lhe são direcionadas, “empobrecem” este indivíduo com deficiência, que o rebaixa à falta e ao déficit. Essa geração de significado dimensionado na impossibilidade, na ausência e apenas nela, leva quase

inexoravelmente, a posicionamentos, que direcionarão os relacionamentos para um “estado de benevolência” e, em consequência, de benemerência.

Em relação à deficiência, Amaral (1994) relata, que do ponto de vista psicológico, várias são as possibilidades de negar o problema-desvio/diferença/deficiência. Dentre elas, encontra-se a rejeição com seu “cortejo”, abandono, super-proteção, negação.

De acordo com a autora, a negação pode se concretizar de três maneiras, pela atenuação, pela compensação, e simulação. Estas considerações podem ser usadas pela própria pessoa, por seus familiares e pela sociedade, ou seja, qualquer pessoa que uma vez entre em contato, com o desvio, com a diferença, entre em sofrimento psíquico. E isso ocorre, através de pensamentos, palavras e atos.

“A atenuação expressa-se por ações específicas, ilustradas por frases do tipo, “Poderia ser pior”, “Não é tão grave assim” etc. A compensação, [...] possui sua concretização verbal, e “mas” é a palavra-chave, “Corcunda mas tão inteligente” [...]. [...] A simulação é expressa pela idéia contida em afirmações do gênero, “É cega, mas é como se não fosse”. (AMARAL, 1994, p.263).

Neste sentido Amaral (1999a,p.22) destaca ainda:

“quando a lógica vigente nega “magnânima e caridosamente” a especificidade da falta, ignorando, assim, o necessário para minimizá-la, contorná-la ou o verbo que queiramos usar – é quando o discurso afirma que a “deficiência não existe”. ou que “somos todos deficientes [...]”.

Pensamos que de nada servem para a verdadeira busca das possibilidades sociais, e como a própria autora destaca, de viver a vida com “V” maiúsculo, pois a deficiência como já dissemos é algo concreto, e o que se deve repensar, é a maneira em como nos disponibilizamos a tratar e discutir, tal fato de maneira pessoal e social. (AMARAL, 1999a).

Trazemos as falas de nossos participantes a respeito disso:

[...] eu tenho uma limitação, só [enfática], mas eu sou normal como eles, eu posso fazer, todos os movimentos que eles fazem eu posso fazer, no caso, eu tenho uma pequena limitação, eu vejo dessa forma agora. (Participante A)

Sim, o, a , e, o , u, o deficiente pra mim, é que nem fala, o deficiente pra mim, ninguém é deficiente, todo mundo, todo mundo tem uma deficiência. Pra mim acho que, nada é normal. [O que seria uma pessoa normal pra você?] Acho que, pra mim, ninguém é normal, que nem eu falei, todo mundo tem uma deficiente, normal assim, um, não. (Participante C)

Antes de finalizarmos esta discussão, fazemos um gancho com a dança, na qual Ferreira (2000) destaca, que a deficiência se apresenta por ser um estado concreto, ela advém de uma significação que ao mesmo tempo em que foi determinada/imposta, foi historicamente se concretizando no imaginário e que por vezes se torna real, na qual o trabalho de dança ou de qualquer outro tipo de atividade esportiva ou social, não levará a pessoa com deficiência, a uma situação de ser menos deficiente em seu estado real. Porém Ferreira (2005) enfatiza, que para a pessoa que superou a limitação, imposta pela condição física, grifamos aqui, impostas também pelas condições sociais, o palco se torna um local que é possível se expressar. No palco ele é o dançarino.

[...] Como você vê a pessoa com deficiência que dança? Como um dançarino. Como qualquer um, como se fosse uma peça, como qualquer, cada um fosse uma peça, mesmo quando é um solo, é uma peça só. Cada um fosse uma peça ali, como um dançarino normal. [Neste caso o que é normal pra você?] [...] Agora no que eu to falando, é que realmente a pessoa, que esse normal, de como um dançarino normal, é tido como se fosse um dançarino, como se fosse não, é um dançarino como qualquer outro. dançarino, [...]. (Participante D)

Porém, para pessoa que foi possível, a partir de múltiplos fatores, vivenciar a vida com outros valores, e de certa maneira encontrou, na arte, no esporte, no trabalho e noutras infinitas situações sociais de relacionamentos, a possibilidade de ressignificar sua própria existência, o sentido de “normalidade” e de deficiência, podem ganhar novas significações que de acordo com Amaral (1999), a conceituação de deficiência deveria estar presente num universo muito mais abrangente, o da diversidade.

Nesse sentido, trazemos a fala de um de nossos participantes, na qual o sentido de “normalidade” transcende o que foi posto por nós até o presente momento, mas de forma simples e real, constitui uma cadeia de valores presentes na formação de qualquer ser humano, com deficiência ou não.

[...] [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Pra mim, é tá em paz consigo mesmo, e fazer da sua vida, tudo na sua vida com muito amor, não importa a dificuldade, e não importa a, o que os outros acham, importa o que você é, o que você faz, isso é normal. (Participante I)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo de nosso estudo, o qual buscou constatar a percepção dos dançarinos do Grupo RodaPés, frente às possíveis modificações nas atitudes de suas vidas, após iniciarem o trabalho de dança neste Grupo, tivemos a intenção de apresentar as considerações de nossos participantes, levando em conta que tais observações, são e devem ser consideradas de forma singular, fruto da experiência única e particular deste Grupo.

Sabíamos que transcrever apenas as entrevistas não serviria de base para nossas discussões, pois não nos garantiria uma reflexão mais aprofundada sobre a temática estudada. Porém, nos preocupamos em ler o não-escrito, o silêncio, os gestos apresentados durante as entrevistas, pois é certo, que tais representações, trazem à tona os sentimentos apresentados interiormente e que nos levam a estabelecer ligações entre a dança e a vida.

Nos preocupamos em estabelecer uma discussão em torno dos dados, de um modo que fosse possível deixar de lado nossos preconceitos, e a partir disso, desenvolver uma comunicação livre dos dados levantados por nossos participantes e discutido por nós com os autores que consideramos, para que assim, o leitor ávido por este trabalho e pela trama teórica que este realiza, pudesse através de sua leitura, traçar outras linhas, abordagens, destacar novas considerações, argumentar e propor novas discussões.

Para isso, foram feitos aprofundamentos teóricos em torno da temática da dança em sua relação estreita com a vida, desde sua constituição histórica até o presente momento. Tecemos considerações em torno do corpo, que é por onde se torna visível e possível a dança, num referencial histórico, cultural e vivencial, pois o ser que vive é um corpo e por isso é significado. Nessa perspectiva em relação à pessoa com deficiência, pontuamos o corpo e o que o leva a ser considerado “normal” ou “deficiente”. Trouxemos a cadeira de rodas, numa discussão ampla, mas específica sobre sua relação na dança e na vida. Nessa ótica, foi interessante perceber que a dança, quando proposta/realizada, em um outro referencial que não seja a exigência técnica, o esforço, o corpo “perfeito” e dessa forma possível apenas a alguns, mas quando aparece unida ao prazer, ao possível, a todos os corpos, ela pode resignificar e auxiliar o ser que a vivencia, na busca não apenas de sua identidade, mas de certo modo, de sua sociabilidade. Ampliando suas possibilidades de relacionamentos.

O caminho que percorremos possibilitou-nos não apenas trazer a tona às informações a respeito da dança na vida, realizadas pelos integrantes do Grupo RodaPés, mas pelos levantamentos, pudemos compreender os significados que os participantes da pesquisa e que fazem parte deste Grupo, remetem nessa intrincada relação da dança em suas vidas, pois todos relataram de que forma perceberam as mudanças em suas vidas, a partir do trabalho realizado junto ao Grupo RodaPés.

Nesse contexto, vivemos um momento em que as discussões sobre os direitos das minorias, e em nosso caso das pessoas com deficiência física, soam como um alerta para a sociedade, que por anos exclui, dificulta e designa significados inoperantes e nada construtivos à vida de pessoas, que se apresentam de maneira diferente, seja em suas características físicas, emocionais, cognitivas, psicológicas, ou mesmo social.

A partir dos dados apresentados, em específico neste trabalho e para este Grupo pesquisado, tornou-se possível reconhecer a dança como meio propício de transformação pessoal. Partindo de uma abordagem, na qual encontramos os elementos da dança presentes no dia-a-dia, foi possível perceber que a dança possibilita ao ser que a pratica, entrar em contato consigo e com o mundo a sua volta de modo singular e amplo, levando a uma revalorização e resignificação de sua própria existência humana. Dessa forma, a dança na vida de pessoas com deficiência física em especial, possibilitou uma mudança de paradigma da sociedade em relação a pessoa com deficiência e as questões que envolvem a deficiência, trazendo um novo olhar para essas pessoas, pois se elas podem ser artistas a partir de uma simples oportunidade de estarem no palco, podem muito bem, a partir de outras tantas oportunidades, ocuparem o espaço social com dignidade, nesse caso no palco da vida.

Gostaríamos de destacar a individualidade de nossos participantes, pois em algumas falas, torna-se evidente que a resposta dizia respeito mais às pessoas com deficiência física e com isso enfrentam todos os problemas, que a privação dos “movimentos”, corporais/sociais, lhe impuseram de maneira histórica. Enquanto que por outro lado, identificamos as considerações direcionadas principalmente para a questão da dança, onde alguns participantes que já haviam vivenciado a dança considerada “técnica”, e que de certa maneira, muitas das vezes pelo seu rigor, se torna impossível de ser realizada até a quem seria viável.

Esperamos que as discussões realizadas possam contribuir para outros estudos que priorizem diferentes abordagens sobre o tema aqui proposto. Ressaltamos a importância da

atuação crítica de qualquer profissional que vier a trabalhar com dança, deve ter durante o processo de mediação de valores e conceitos, em relação não só a dança, mas principalmente às pessoas, que por qualquer motivo buscarem nesse movimento, significados para suas vidas.

Buscamos ao longo desse pouco tempo de trabalho profissional, informações e formações, ao mesmo tempo em que tentamos de forma teórica e prática, direcionar nossos esforços profissionais e sociais, para o entendimento das questões que envolvem as pessoas com deficiência, e ao final numa tentativa, que para nós é única, possível e transformadora, unimos no palco num primeiro momento, pessoas com e sem deficiência física, para dançarmos, vivermos, auxiliarmos, trocarmos experiências, lutarmos por um espaço mais justo, pelo respeito à diversidade, pelo acesso à vida, pelo reconhecimento social, pelo direito justo ao trabalho, e quando tornou-se possível, já num segundo momento, trouxemos à sociedade para junto desse espaço construído no palco, para que a “surdez” e a “cegueira social” deixem a “cadeira de rodas” que nesse caso realmente é limitadora, e passem a caminhar em pés ou com “cadeiras” que possibilitam, em direção de novos valores, de novos paradigmas, simplesmente para se viver melhor.

Sabemos que a metodologia por nós empregadas nesse estudo, assim como qualquer outra abordagem científica, se mostra de maneira limitada, pois de acordo com Fernandes (2000, p.88), “a leitura que fazemos do mundo é sempre parcial, provisória, condicionada aos fatores históricos, sociais, culturais do espaço-tempo em que vivemos”.

Enfim, nos vemos com uma única e simples obrigação, a de acreditar que se não podemos fazer tudo para mudar a vida quando convém, devemos ao menos fazer tudo o que pudermos para tentar mudá-la quando isto é possível. Já não é mais aceitável ficarmos apenas olhando pelas frestas da vida, as coisas que são construídas em nossa sociedade, e quando isso é ruim, não entendermos que pelo não fazer e só olhar, estamos contribuindo para essa construção. Pois em vez de auxiliarmos efetivamente na construção de uma sociedade mais crítica, ficamos ali, só olhando pelos buracos, pelas frestas da vida. Às vezes ainda, olhamos mas como não queremos ver, só enxergamos as partes, justamente a maneira como significamos o que vemos, dessa forma, pelas frestas e buracos muitas das vezes vivemos a vida, e sem ao menos pensarmos que fazemos parte de tudo isso que está acontecendo.

A deficiência na vida da maioria das pessoas não é algo provável, que vá acontecer, mas é algo possível, que pode acontecer, e se isso vier a tornar-se real, na vida de

quem for que seja, esperamos estar contribuindo para um mundo melhor a partir deste simples trabalho, que busca em sua síntese, o respeito pela expressão das diferenças, seja no palco da dança, seja no palco da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. A. Alguns apontamentos para reflexão/ discussão sobre: diferença/ deficiência/ necessidades educacionais especiais. In: **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v.8, n.47, p. 17-41, nov/dez. 1999a.

_____, Participação na vida: direito fundamental. In: **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v.8, n.46, p. 35-40, set/out. 1999b.

_____, Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. ½, 245-268, jan/jun. 1994.

_____, **Do olimpo ao mundo dos mortais**. São Paulo: Edmetec, 1988. apud _____, Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. ½, 245-268, jan/jun. 1994.

BANDURA, A. **A social learning analysis**. New Jersey: Prentice – Hall, 1973 apud SBORQUIA, S. P.; PÉREZ GALLARDO, J. S. As danças na mídia e as danças na escola. In: **Revista brasileira de ciência do esporte**, Campinas, v. 23, n. 2. p. 105-118, janeiro. 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Rio de Janeiro: Edições 70, c1977.

BERNABÉ, R. Dança: Ampliando o foco além do palco. SESC. **Desafiando as Diferenças**. São Paulo: SESC, 2005.

_____, **Dança e deficiência: proposta de ensino**. 2001. 97f. Dissertação. Mestrado em Atividade física adaptação e saúde – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001

BERTHERAT, T. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si**. 4ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989 apud AMARAL, L. A. Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. ½, 245-268, jan/jun. 1994.

BRACCIALLI, L. M. P.; RAVASSI, R. M. Q. Dança; influencia no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral. In: **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v. 7, n. 38, p. 22-25, maio/jun. 1998.

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva critica. In: **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 5-18, setembro. 2002.

CAMINADA, E. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CANGUILHEN, G. O. **O normal e o patológico**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990 apud AMARAL, L. A. Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. ½, 245-268, jan/jun. 1994.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1975.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001 apud FERNANDES, R. C. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academias: corpo, saúde e envelhecimento**. 2004. 163f. Dissertação. Mestrado em Educação física – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2004.

CLARKE, M.; CRISP, C. **The history of dance**. New York: Crown Publishers, 1981 apud FERREIRA, E. L. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não verbal**. Brasília: SNE, 2002.

COLL, C.; TEBEROSKY, A. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 2004.

CORDEIRO, A.; HOMBURGER, C.; CAVALCANTE, C. **Método Laban: nível básico**. São Paulo: Laban art-publicações, 1989 apud BERNABÉ, R. **Dança e deficiência: proposta de ensino**. 2001. 97f. Dissertação. Mestrado em Atividade física adaptação e saúde – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001

DÂNGELO, J. G.; FATTINI, C. A. **Anatomia humana sistêmica e segmentar**. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

DANTAS, M. F. Movimento: matéria-prima e visibilidade da dança. In: **Movimento**, Rio Grande do Sul, ano 3, n. 6, p. 51-60, jan/jun. 1997.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. São Paulo: Papirus, 1995. apud OLIVEIRA, N. G; CHUN, R. Y. S. Dança e linguagem: favorecendo a inclusão de pessoas com necessidades especiais. In: **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n.76, p. 49-57, set/out. 2004.

_____, **Cultura: educação física e futebol**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

DIDIO, L. J. A. **Sinopse de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1974.

ELLMERICH, L. **História da dança**. 3.ed. São Paulo: Ricordi, 1964.

FERNANDES, C. Mexendo as cadeiras: em que o sistema Laban/ Bartenieff pode ser bom para tudo? In: FERREIRA, E. L. (Org). **Dança artística e esportiva para pessoa com deficiência: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal**. Juiz de Fora: CBDCR, 2005.

FERNANDES, R. C. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academias: corpo, saúde e envelhecimento**. 2004. 163f. Dissertação. Mestrado em Educação física – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2004.

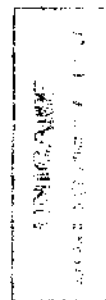
FERREIRA, E. L. **Corpo – movimento – deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. Juiz de Fora: CBDCR, 2005.

_____, **Corpo – movimento – deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. 2003. 243f. Tese. Doutorado em Atividade motora adaptada – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2003.

_____, A possibilidade na (in)possibilidade de movimentos atravessadas pela dança. In: **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**, Campinas, p. 105-110, 2002a.

_____, **Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não verbal**. Brasília: SNE, 2002b.

_____, Proposta metodológica para o desenvolvimento da dança em cadeira de rodas. In: **Conexões: educação física, esporte, lazer**, Campinas, n.6, p. 37-46, dezembro. 2001a.



_____, Dança em cadeira de rodas: uma proposta de desenvolvimento de dança para pessoas portadoras de deficiência física. In: **Anais do I simpósio de dança em cadeira de rodas**. Campinas, p. 119-143, novembro. 2001b.

_____, Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não-verbal. In: **Conexões: educação física, esporte, lazer**, Campinas, n.6, p. 115-116, dezembro. 2001c.

_____, O sentido do sentir: corpo dançante em cadeira de rodas. In: **Conexões**, Campinas, n.4, p. 74-80, junho. 2000.

FERREIRA, E.; FERREIRA, M. Dança em cadeira de rodas. COSTA, L. P (Org). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FERREIRA, M. B. R. Reflexões sobre dança em cadeira de rodas. In: **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**, Campinas, p. 75-88, 2002.

FERREIRA, M. B. R. Dança – performance em cadeira de rodas: atividade artística ou esportiva na pesquisa. In: **Conexões: educação física, esporte, lazer**, Campinas, n.6, p. 7-14, dez. 2001a.

FERREIRA, M. B. R. Pesquisa da dança em cadeira de rodas: um enfoque antropológico. In: **Anais do I simpósio de dança em cadeira de rodas**. Campinas, p. 54-67, nov. 2001b.

FIERRO, A. **Desenvolvimento da personalidade na adolescência**. Desenvolvimento, psicologia e educação: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995 apud PÉREZ GALLARDO, J. S. et. al. Educação física escolar: ensino médio. In: PÉREZ GALLARDO, J. S. (Org) **Educação física escolar: do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FIGUEIREDO, V. M. C.; TAVARES, M. C. G. C. F.; VENÂNCIO, S. Olhar para o corpo que dança: um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. In: **Movimento**, Rio Grande do Sul, ano V, n. 11, p. 65-73, jul/dez. 1999.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Brookman, 2004.

FREIRE, J. B. Antes de falar de educação motora. In: MARCO, A. **Pensando a educação motora**. Campinas: Papirus, 1995.

FUX, M. **Dança, experiência de vida**. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1983.

FUX, M. **Dançaterapia**. Tradução de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1988.

GALLO, S. (Org.) **Ética e cidadania: caminhos da filosofia**. Campinas: Papirus, 1997.

GANDIN, D. **Planejamento como pratica educativa**. 3ed. São Paulo: Loyola, 1986 apud PÉREZ GALLARDO, J. S.; OLIVEIRA, A. A. B.; ARAVENA, C. J. O. **Didática de educação física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Tradução de Antonio Guimarães e Glória Mariani. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GIL, J. **Movimento total: o corpo e a dança**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GODELIEVE, D. S. **Cadeias musculares e articulares**. 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995 apud BERNABÉ, R. **Dança e deficiência: proposta de ensino**. 2001. 97f. Dissertação. Mestrado em Atividade Física Adaptação e Saúde – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.

GRAHAM, M. **Blood memory: an autobiography**. London: MacMillan, 1991 apud FERREIRA, E. L. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não verbal**. Brasília: SNE, 2002.

JESUS, C. Dança em cadeira de rodas. In: **Anais do I simpósio de dança em cadeira de rodas**. Campinas, p. 117-118, nov. 2001.

KAPPLER, C. **Mostruos, demônios y maravillar a fine de la Edad Média**. Madri: Akal, 1986. apud AMARAL, L. A. Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. 1/2, 245-268, jan/jun. 1994.

KIRBY, R. L. Deficiência, incapacidade e desvantagem. In: DELISA, J. A; GANS, G. M. **Tratado de medicina de reabilitação: princípios e pratica**. 3ed. São Paulo: Manole, 2002.

KOWALSKI, E. M. Ritmo e dança. WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. 3.ed. Tradução de Fernando Augusto Lopes. São Paulo: Manole, 2004.

LABAN, R. **Principles underlying the univesality of Laban's movement notation**. London: Laban Center, 1955 apud FERREIRA, E. L. **Corpo movimento deficiência. As formas do discurso da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. Juiz de Fora: CBDRC, 2005.

_____, **Domínio do movimento**. 3.ed. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LARA, L. M. Dança: dimensão sagrada ou profana? In: **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 87-107, junho. 1999.

LARA, L. M.; OLIVEIRA, A. A. B. A expressão dos corpos pela dança: vivencia e reflexão em meio escolar. In: **Revista de educação física/ UEM**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 3-11, 1997.

MARQUES, I.A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001

_____, Dançando na escola. In: **Motriz – Revista de educação física**, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 20-28, junho. 1997.

MENDES, M. G. **A dança**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994 apud VENÂNCIO, S. ; COSTA, E. M. B. Pensar e sentir o corpo na dança consigo e com o outro. In: DANTAS, E. H. M. **Pensando o corpo e o movimento**. 2ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.

MIRANDA, R. **O movimento expressivo**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

NAJMANOVICH, D. Pensar/ viver a corporalidade para além do dualismo. In: GARCIA, R. L. (Org). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, N. G; CHUN, R. Y. S. Dança e linguagem: favorecendo a inclusão de pessoas com necessidades especiais. In: **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n.76, p. 49-57, set/out. 2004.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1988.

PERES, A. T.; RIBEIRO, D. M. D. B.; MARTINS JUNIOR, J. A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de educação física das escolas estaduais de Maringá. In: **Revista de educação física/ UEM**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 19-26, jan/jun. 2001.

PÉREZ GALLARDO, J. S. (Coord.) **Educação física: contribuições à formação profissional**. 3 ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2000.

_____, et. al. Educação física escolar: ensino médio. In: PÉREZ GALLARDO, J. S. (Org) **Educação física escolar: do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

PÉREZ GALLARDO, J. S.; OLIVEIRA, A. A. B.; ARAVENA, C. J. O. **Didática de educação física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.

PORTINARI, M. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RAMOS, L.C.É possível se dançar assim...In: Simpósio Internacional de dança em cadeira de rodas “arte, educação e reabilitação na dança em cadeira de rodas”, IV, 2005, Juiz de Fora. **Anais**. Juiz de fora, 21 a 27 de novembro, 2005.

ROBATTO, L. **Dança em processo, a linguagem do indivisível**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997 apud OLIVEIRA, N. G; CHUN, R. Y. S. Dança e linguagem: favorecendo a inclusão de

peessoas com necessidades especiais. In: **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n.76, p. 49-57, set/out. 2004.

SBORQUIA, S. P.; PÉREZ GALLARDO, J. S. As danças na mídia e as danças na escola. In: **Revista brasileira de ciência do esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, janeiro. 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. In: **Revista Brasileira de Ciências do esporte**, Campinas, v.23, n.1, p. 87-98, set. 2001.

SILVA, M. G. M. S.; SCHAWARTZ, G. A expressividade na dança: visão do profissional. In: **Motriz – Revista de educação física**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 168-177, dezembro. 1999.

SOARES, C. L; MADUREIRA, J. R. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um dialogo poetico do corpo. In: **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p.75-88, maio/ago. 2005.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco**. Petrópolis: Vozes, 1971 apud AMARAL, L. A. Corpo desviante/ olhar perplexo. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n. ½, p. 245-268, jan/jun. 1994.

SOUZA NETO, S.; INOUE, M. Corpo, corpos, corporeidade. In: SOUZA NETO, S. (Org). **Corpo para malhar ou para comunicar?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

TAVARES, M. C. G. C. F. A imagem corporal e a dança. In: **Conexões**, Campinas, n. 6, p. 15-24, dezembro. 2001.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Tradução de Ricardo Petersen...[et al]. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLOCKA, R. E. Dançar em cadeira de rodas: muito mais que “dançar com o que sobrou” – aspectos neurológicos do movimento executado por pessoas com lesão neuronal. In: **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**, Campinas, p. 26-32, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURTELLI, L. S.; TAVARES, M. C. G. C. F. A singularidade das imagens mentais no contexto da dança. In: **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**, Campinas, p. 48-60, 2002.

VARGAS, A. L. S. **A educação física e o corpo: a busca da identidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1989 apud OLIVEIRA, N. G; CHUN, R. Y. S. Dança e linguagem: favorecendo a inclusão de pessoas com necessidades especiais. In: **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n.76, p. 49-57, set/out. 2004.

VENÂNCIO, S. ; COSTA, E. M. B. Pensar e sentir o corpo na dança consigo e com o outro. In: DANTAS, E. H. M. **Pensando o corpo e o movimento**. 2ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

YILLA, A. Melhora do desempenho esportivo em cadeira de rodas. WINNICK, J.P. **Educação física e esportes adaptados**. 3.ed. Tradução de Fernando Augusto Lopes. São Paulo: Manole, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - DVD: Mudança.

Este material foi elaborado pelo Centro Universitário Hermínio Ometto – Uniararas, por meio da Fundação Hermínio Ometto com o tempo aproximado de duração de 10 minutos. As informações contidas nesse trabalho estão diretamente relacionadas ao seguinte estudo: MU/DANÇA: a percepção da dança na vida de dançarinos com e sem deficiência física, desenvolvido pelo aluno: Alexandre Antonio Félix, visando a conclusão do curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada, realizado junto ao Departamento de Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. O referido estudo foi orientado pelo Professor Dr. Edison Duarte, junto a este departamento.

As informações contidas nesse DVD, se direcionam para a divulgação em encontros científicos bem como poderão ser utilizados por institutos de ensino e pesquisa, em suas atividades acadêmicas, ficando a disposição de alunos, professores, pesquisadores e de toda a sociedade.

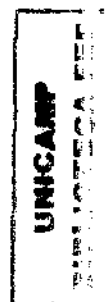
Todos os participantes concordaram previamente em ceder suas imagens para a elaboração deste DVD, quando menores, seus pais ou responsáveis, autorizaram a utilização de suas imagens.

As imagens contidas neste DVD, foram extraídas do Espetáculo: Nossas Histórias, realizado pelo Grupo artístico RodaPés no dia 17 de Dezembro de 2005, no Centro Cultural: Vereador Alfredo Guilherme Madeira Campos, na cidade de Conchal-S.P.

_____, ____ de _____ 2005

Participante do DVD

Pai ou Responsável



APÊNDICE 2 – Indicadores dos Discursos.

Participante A

- [...] A dança fez muito bem pra mim, eu sou feliz agora, eu era feliz, mas sou muito mais agora, porque a dança pra mim é tudo.
- [Em relação ao significado do Grupo RodaPés] Minha vida, minha paixão, [enfática].
- [...] Eu a partir do momento que eu recebi o convite pra participar do grupo, fiquei muito, muito feliz.
- Eu tinha preconceito com relação à deformidade que eu tenho.
- [Falando a respeito da dança] [...] eu enxergo assim, como uma forma especial.
- [...] Eu via que pra dançar, eu num, num daria conta, por eu ser deficiente, agora vejo diferente, que eu posso dançar. Por que [...] as outras pessoas não podem?
- Tudo de bom na minha vida, a dança pra mim é tudo.
- Mudou, porque pra mim a cadeira de rodas não tinha utilidade nenhuma [...], agora é movimento, expressão.
- [Falando da valorização social após o trabalho no Grupo RodaPés] Percebi, é... no caso da... com relação às pessoas, é... tratamento foi melhor no caso.
- Com relação à família antigamente, eu me sentia bastante desprezada [...], através do Grupo de dança eu pude mostrar pra eles que o deficiente não é incapaz.
- [...] Ai eu, a partir do Grupo, eu... vi, me vi de outra forma, que eu podia estar sentada numa cadeira de rodas, ser deficiente, mas ser capaz, de dançar de movimentar, de me expressar.
- [...] Agora não, agora eu vou, eu vou a vários lugares, vou a bares, barzinhos, discoteca coisa que, discoteca eu nunca fui.
- Através do Grupo a gente mostra a vida nossa de cada um de outra forma, fazendo com que a sociedade entenda que o deficiente não é um deficiente inútil, é capaz.
- [Sobre a sociedade] [...] Eles têm que ver a pessoa de uma outra forma, que eles tem suas limitações, [...] eles tem que ver que o deficiente é capaz.
- [...] [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Uma pessoa que não tem limitação.
- [...] eu tenho uma limitação, só [enfática], mas eu sou normal como eles.

Participante B

- [Falando da representação do Grupo] Tudo [pausa], é a minha vida né [enfática]
- [...] Só que pelo menos pra mim, é, a da, a dança é um, é um instrumento de expressar, de, viver sua vida mesmo.
- [...] Acho que por ta no Grupo assim, [...] e daí se começa a encarar tudo com mais responsabilidade.
- [...] Existe a dança mecânica, que é o que ensinam, essa dança ninguém ensina é o que você sente, é o que vem de dentro.
- [A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Acho que sim, [...], que tem um sentimento, que é o que, que, que o nosso grupo realiza mesmo.
- [...] Ah é, é tudo né, poxa eu abria mão de, de muita coisa, de dançar não porque, faz parte da minha vida sabe.
- [...] Antes é..., é você toca as mãos pras pessoas você sempre levava por outro lado, [...] agora não entendeu.

- O olhar para a cadeira de rodas] Mudou [enfática], porque antes, era só uma cadeira de rodas com uma pessoa que não conseguia andar, [hoje] [...] elas dançam.
- [A sociedade] Ah, começaram a ver de outra forma né [...], com o trabalho do RodaPés foi provando que era sério.
- [Visão sobre a pessoa com deficiência] [antes] [...] vê o que o deficiente não poderia fazer tal, [...] Grupo com a convivência nossa foi mostrando totalmente o contrário.
- [Mudança nos relacionamentos em casa] [...] Ai, muitas coisas, desde dentro de casa, [risos], eu converso com a minha irmã.

Participante C

- [Em relação a representação do Grupo] o Grupo sim, é..., a união.
- [...] A assim dança, mostrar o que eu posso fazer através da dança, se expressar.
- [...] A dança pode trazer alegria.
- [A dança pode auxiliar] [...] Na, no desenvolvimento assim no, nas atividades, no, na, pra se mexer, fazer algo mais com a cadeira.
- [...] Depois que eu comecei a dançar, ta mais, ta, eu consigo mexer mais, eu consigo abaixar, abaixar melhor, o corpo melhorou.
- [Revalorização da sociedade] Acho que assim, as pessoas, amigos, tão me vendo de outra forma.
- [...] Que tem força de vontade, e quer dançar, acho que pode dançar
- [A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim porque, [...] que nem eu, eu não pod, pod, é..., pensava que eu deficiente não podia dançar.
- [...] Porque, a cadeira pra mim como se fosse mo, meus pés, pra se movimenta.
- [...] Por exemplo assim que as professoras, é, viam eu de outra forma, agora os amigos assim, chama mais pa andar pa, pa escola, pa brincar mais, na física.
- [...] Ah, eu saio bastante com meus amigos, vou pra lugar que eu não ia.
- [...] Acho que, pra mim, ninguém é normal, que nem eu falei, todo mundo tem uma deficiente, normal assim, um, não.

Participante D

- [...] O carinho realmente de um com outro a união que tem no Grupo.
- [Dança] [...] A pessoa consegue expressar todo o sentimento dela por um gesto, um movimento.
- [...] Dependendo da dança ela consegue, [raspou a garganta], sensibiliza, a sociedade.
- É muito bom dançar, [pausa] e..., dançar trás ,uma alegria pra gente. [...], As atividades de dança elas realmente dão uma alegria , prazer, é uma sensação gostosa.
- [As atividades no Grupo] Cada vez que a gente se encontra a gente conhece um pouquinho mais da vida das pessoas.
- [...] O funk por exemplo, que é um outro tipo de dança, [...] De algumas maneiras mostra um pouco mais de malícia, ou de coisas ruins mesmo.
- [A respeito se a dança seria possível para qualquer pessoa] Sim, eu acho, porque eu danço [enfática].
- [Cadeira de rodas] Expressando também os movimentos que talvez ela gostaria de fazer com pernas, mas ela faz com a cadeira.
- [O olhar para a cadeira de rodas] Mudou [enfática], Antes era mais um, um fardo que a pessoa deficiente tinha que carregar, [hoje] [...] é o que possibilita eles dançarem, [...] Uma possibilidade

- [...] Na minha casa, eu tive um pouco mais de valorização, através deste trabalho.
- [...] Eu tinha um olhar mais para as pessoas deficientes como pessoas doente.
- [...] Eu me apresento para o público [risos].
- [...] Algumas pessoas também da, da cidade, [...] sempre que me vêem, me, parabenizam pelo trabalho.
- [...] O que é considerado mais normal é a pessoa que é andante
- [Dançarino com deficiência] Cada um fosse uma peça ali, como um dançarino normal.

Participante E

- [...] E..., eu consigo é..., também, fazer algo né, que eu pensava que não dava pra mim fazer.
- [Dança] [...] Faz com que nós possamos as mudar nossas atitudes e a maneira da nossa convivência.
- Acho que o principal papel é..., a tranquilidade que a dança nos traz, né, bem estar
- O Grupo, representa amizade, responsabilidade, é..., direitos e deveres.
- [Dança é possível a todos] Desde que tenha vontade, acho que sim.
- Eu nunca pensava que eu poderia fazer algum tipo de dança, jamais por que algo difícil e hoje tenho a certeza de que qualquer um pode dançar.
- Bem melhor, cem por cento melhor do que era antes, agora eu consigo ter uma outra percepção de mim mesmo.
- [...] Não considero mais ninguém que, né que utilize cadeira ou de qualquer outro tipo de aparelho como um coitado.
- Sim, é..., amigos né, se tornaram mais fiéis, familiares, é..., começaram a me tratar de uma forma diferente.
- [Em relação a família] A, começaram, a, assim como, na sociedade né, a encarar eu numa forma, [...] Não como era antigamente como coitado.
- Hã..., eu pensava que..., até então, é..., eu não tinha até um certo tipo de preconceito mas acabei percebendo que tinha um pouco.
- [...] Antes eu era uma pessoa assim muito nervosa tal, e hoje é..., eu penso né, como eu digo, dez vezes antes de tomar uma atitude errada.
- [Relacionamento social] A oportunidade de emprego né, que eu tive através do Grupo, e..., os locais que a gente participa né, faz as apresentações, os locais que a gente visita.
- [...] Pra mim eu considero uma pessoa deficiente. [...] [Pessoa] Não pode se locomover, vive numa cama né, que no caso acho que é, tetraplégico né, pessoa não tem locomoção nenhuma, só meche os olhos

Participante F

- [O Grupo] Trouxe mais respeito com os outros, antigamente eu tinha respeito, mas não tinha respeito.
- [...] Hoje, que estou no Grupo RodaPés aprendi, a, ter carinho com as pessoas deficientes.
- [...] A ação da dança é, atingir os nossos objetivos, mostrar para a sociedade que todos nós somos capazes.
- [Dança do Grupo] [...] É uma dança que a gente mostra o sentimento da gente para aquelas pessoas, a gente ta passando o sentimento pras pessoas.
- [...] Com o Grupo mesmo eu consegui relaxar mais.

- Representa bastante, representa porque, esse Grupo trouxe bastante, bastante alegria mesmo pra mim, trouxe, felicidades.
- [...] Outro tipo de dança, se não tem a união, que o Grupo RodaPés tem.
- A dança é uma coisa que, um, um, um algo, que você que, ou que se você que faz você consegue.
- Sim, porque, a dança não tem aquela que, ou danço melhor que você.
- [A relação com o corpo] Ta bem mais adequada, antigamente eu tinha, não gostava de contato com a pessoa, agora, o relacionamento é importante.
- [...] A cadeira de rodas não é muito importante, [não dever ser tão enfocada] importante é a vida, importante o, é..., o carinho, não importa a cadeira de rodas.
- [Sociedade] Começaram, cumprimenta, o muito bem pelo trabalho, gostei, nossa é de chorar mesmo aquele trabalho.
- [Familiares] Porque até meus irmão antigamente não gostariam que eu dança-se. [...] Assim próprio me, não davam apoio, agora estão dando.
- [...] Mudou bastante, essas pessoas trouxe bastante alegria, conviver melhor, é..., respeitar o próximo.
- [...] Eu acreditava que um deficiente não poderia atingir um objetivo como dançar.
- [Aumento dos relacionamentos sociais] Convivo, é principalmente na..., discoteca que eu não ia.

Participante G

- [Grupo] Hum, olha representa, representa muita coisa viu [...], muita amizade muitos amigos, eu sei que é amigo de verdade.
- [...] Pessoa quando começa a dançar eu acho que, solta as coisas.
- [...] Eu já to, corpo mai, mai melhor, por causa acho que do exercício lá que noi fai.
- [...] Ah, melhorou nos meus pensamentos tamem.
- [Pessoa normal] Talvez ela é perfeita por fora mas o coração num é.
- [O tratamento das outras pessoas em relação a si próprio] Mudaram acho que o jeito de olhar pa gente né, começou a muda.
- [O tratamento das outras pessoas em relação a si próprio] [...] As pessoas começam a da mai atenção pa gente né, dá mai valor, trata a gente de verdade como a gente é memo, sabe trata melhor, bem melhor memo.
- [O relacionamento dentro de casa] É olhou deferente né, porque muita coisa que pensavam que eu não podia fazer, eu posso.
- [As oportunidades de relacionamento] Bom de, viaja, que nem viaja sempre com o Grupo RodaPés, não, eu não viajava desse jeito.
- [...] Todo mundo tem que tratar a pessoa, como, não olhar pela deficiência dele, mas olhar como pessoa, pelo coração.
- Eu acho que, tem pessoas que, alem de anda tudo assim, de ser normal.
- Normal, é na minha visão, é aquela pessoa normal ela te, não te defeito de nada.

Participante H

- Ah o Grupo, RodaPés hoje, representa acho que, metade da minha vida.
- Acho que desde o principio da vida né, na, na barriga da mãe já dança.

- [...] A dança faz super bem porque, reflete bem o dia-a-dia te uma vida mais harmoniosa, flexível.
- [Com o Grupo] [...] Foi com eles que eu aprendi a ser mais humana, eu aprendi vários conceitos novos.
- [...] A dança que a gente faz né. [...] Se aprende a tratar, a olhar para as pessoas de outra forma.
- Bom, da nossa dança, [pausa], né, [pausa], ela, ela uma, ela é a concepção de toda uma vida humana né, a dança, ela transforma, ela sensibiliza, ela torna a vida das, dos seres humanos mais flexível, mais harmoniosa.
- [...] Uma dança que, valoriza o ser humano, é a dança que torna as pessoas mais felizes.
- [...] A outra dança, é a dança que..., [pausa], é a dança espetáculo que a gente fala, dança, técnica é a dança que, que se vê ai balé clássico.
- [...] Qualquer movimento é valido né, então qualquer pessoa acho que pode dançar, e bem ainda.
- [...] Antes as minhas aulas de dança assim não tinham, significado, não tinha, tinha assim é um significado aparente, só de performance.
- [...] pouco importa o alongamento pouco importa tudo isso, o que importa mais é você ta naquele momento, é sem se preocupar, sabe o que é mais importante ainda, se não se preocupar com técnica nenhuma.
- [...] Que uma cadeira de rodas, não impossibilita nada na vida do ser humano, é um simples meio de locomoção mesmo.
- [...] Minha irmã J. praticamente até a S. [outra irmã] ela, eles me vem de outra forma.
- [...] Antes, eu via uma pessoa com deficiência eu sentia assim um pouco de dó.
- [...] Respeita, eu to conseguindo aos poucos porque pra mim não era, não foi fácil, respeita os outros, o que os outros tem a passar pra mim, é, eu acho que foi uma, uma das mudanças.

Participante I

- [...] Porque no Grupo a gente aprende a união, a preocupação entre os membros.
- [...] A dança muda à pessoa, a dança não é só palco, a dança é uma escola da vida.
- É através do do movimento, passar, o que a gente sente no coração, passar o que a gente ta vivendo naquele momento, é mudança.
- [...] Com a dança eu percebi, que eu posso, conquistar muito do que eu já, já tenho. [...] Do lado de família, do lado de atitude.
- [...] A dança, é mudança de vida, é uma vida mais tranqüila, mais pé no chão, com a cabeça aberta pra realidade, e sem te pena consigo mesmo.
- [Dança] Ela abre novos horizontes, a gente acaba vendo, um mundo que gente nunca, eu nunca imaginei que ia vê.
- [...] É isso, a dança é uma escola de aprendizagem, de convivência e de grandes amizades.
- Qualquer pessoa pode dançar [ênfático] pode dançar, porque não importa a forma, [tosse] que é o estado físico dela, ou mental, ela dança.
- A dança, ela complementa a vida.
- [Grupo] Uma segunda família [ênfático]. Uma segunda família que complementou minha educação.
- [...] Metade de um braço, uma perna só, ou você anda de muleta, ou se você não tem nenhuma perna, não importa isso, o corpo é apenas uma casca.
- Antes eu não tinha tanto respeito como eu tenho hoje, eu, não me preocupava em praticar esportes, que nem hoje faço natação.

- Antes eu tinha pena da cadeira, e agora eu tenho orgulho, porque eu vejo com a cadeira é um, ela faz parte do meu corpo, ela me ajuda, a ir de um local a outro.
- [Valorização da sociedade] Mais respeito, mais respeito e admiração.
- [...] Encaram com mais respeito, com o P. [referindo a si próprio] pode, o P. é capaz, o P. vai lá e resolve, antes não.
- Mudou que eu comecei a ver que a minha deficiência não era, digamos assim a única.
- [Revalorização própria] Hoje eu vou lá e resolvo, independente do tamanho do problema e da situação também, eu vou lá e resolvo.
- [Iniciou outras atividades após o trabalho no Grupo RodaPés] Eu..., sou coordenador de uma pastoral de jovens, é..., em sentido de cidade.
- [...] Conforme a sociedade diz, emprega de ser uma pessoa normal, tendo as pernas boas.
- [...] Porque eu tenho a consciência da minha defici da, digamos assim, patologia ou doença.
- [Pessoa normal] Pra mim, é ta em paz consigo mesmo, e fazer da sua vida, tudo na sua vida com muito amor, não importa a dificuldade.

Participante J

- [Grupo] Então, é, são, melhores assim, são pessoas que, me entendem de verdade porque.
- [Dança] Ela faz o que, na, é assim, renascer sentimentos que você não consegue sentir assim normal.
- É passar, tentar passar, o que a gente vive assim, o que você é, o que você gosta, seus sentimentos, é tentar passar através da dança.
- [...] É tem clássicos, que tipo, se tem que saber, saber, tem que saber abrir uma perna, tem que saber, a mão direitinho, e..., é diferente porque a gente, qualquer um faz no seu limite.
- Ah, eu acho que sim, é..., dança, pelo menos a dança que a gente faz. [...] É sentimento mesmo.
- [Corpo] É..., antes eu pensava muito em beleza, pensava em ser tipo parecida com uma pessoa, é..., sabe ser bonita, não sei, só pensava nisso, antes tinha muita vaidade.
- Ah, eu pensava assim, [pausa], cadeira de rodas não pode fazer nada é..., se fica inválido alguma coisa, aí se vê o que as pessoas fazem.
- [Sociedade] Passa a ver a gente de outras formas, assim acho que um pouco, com mais valor, com mais sabedoria.
- É, mudou, como eu já falei né, passa a ver a gente de outra forma, acho que até mais interessante.
- [...] Eu classificava essas pessoas como, eu acho, eu pensava assim que, devia ser diferente sabe, dividido assim das outras pe, separado, tipo um lugar pra deficiente físico, um pra cego, sabe eu pensava dessa forma.

APÊNDICE 3 – Roteiro das Entrevistas.

Dados pessoais

- Idade:
- Formação:
- Característica Física:
- Atividade Profissional:

- 1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?
- 2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?
- 3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?
- 4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?
- 5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?
- 6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?
- 7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?
- 8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?
- 9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?
- 10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?
- 11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?
- 12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

APÊNDICE 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Eu, _____ RG _____,

participarei de forma voluntária da pesquisa de conclusão do curso de especialização em Atividade Motora Adaptada intitulada, “MU/DANÇA: a percepção da dança na vida de dançarinos com e sem deficiência física”, realizada pelo pesquisador Alexandre Antonio Felix.

Estou ciente de que a referida pesquisa tem o objetivo de constatar a percepção dos dançarinos do Grupo RodaPés frente as possíveis modificações nas atitudes de suas vidas após iniciarem o trabalho de dança. Este trabalho justifica-se no sentido de buscar compreender de que maneira a dança pode agir como mecanismo de revalorização da vida social de quem a pratica, na qual:

Ao participar desta pesquisa não estarei correndo risco de vida;

Terei a garantia de receber esclarecimentos, antes e durante a pesquisa;

Poderei recusar-me em participar ou optar a abandonar a pesquisa a qualquer momento sem penalização alguma e sem prejuízos ao meu cuidado;

Terei a garantia de sigilo que assegure a minha privacidade quanto aos dados confidenciais coletados na pesquisa;

Terei a garantia que os dados obtidos serão utilizados somente para obter o objetivo previsto na pesquisa;

Para o desenvolvimento desta pesquisa, será realizada uma entrevista com o participante, sendo que a mesma será gravada, desta maneira, durante sua realização será utilizado um gravador de fitas K7;

Os resultados da pesquisa poderão ser tornados públicos através de publicações em encontros científicos, periódicos científicos e ou livros, poderão ser utilizadas formas de apresentação que incluirão fotografias e/ou filmagens, respeitando-se a minha privacidade e os meus direitos;

Estou ciente e concordo em participar desta pesquisa, tenho ciência dos meus direitos e deveres, desta maneira autorizo a utilização dos dados para fins de pesquisa científica.

Telefones Para Contato

Professor Dr. Edison Duarte: (19) 3788-6616

Alexandre Antonio Félix: (19) 3866-2780

Comitê de Ética em Pesquisa: (19) 3788-8936

Em caso de dúvida, comentário ou reclamação entrar em contato com a equipe da pesquisa.

_____, _____ de _____ 2005

Participante da pesquisa

APÊNDICE 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores.

Eu, _____ RG _____ pai/responsável por _____, autorizo a participação de meu filho e/ou dependente de forma voluntária na pesquisa de conclusão do curso de especialização em Atividade Motora Adaptada intitulada, “MU/DANÇA: a percepção da dança na vida de dançarinos com e sem deficiência física”, realizada pelo pesquisador Alexandre Antonio Felix.

Estou ciente de que a referida pesquisa tem o objetivo de constatar a percepção dos dançarinos do Grupo RodaPés frente as possíveis modificações nas atitudes de suas vidas após iniciarem o trabalho de dança. Este trabalho justifica-se no sentido de buscar compreender de que maneira a dança pode agir como mecanismo de revalorização da vida social de quem a pratica, na qual:

Ao participar desta pesquisa não estarei correndo risco de vida;

Eu e meu filho e/ou dependente teremos a garantia de receber esclarecimentos, antes e durante a pesquisa;

Meu filho e/ou dependente poderá recusar-se em participar ou optar a abandonar a pesquisa a qualquer momento sem penalização alguma e sem prejuízos ao nosso cuidado;

Teremos a garantia de sigilo que assegure a nossa privacidade quanto aos dados confidenciais coletados na pesquisa;

Teremos a garantia que os dados obtidos serão utilizados somente para obter o objetivo previsto na pesquisa;

Para o desenvolvimento desta pesquisa, será realizada uma entrevista com o participante, sendo que a mesma será gravada, desta maneira, durante sua realização será utilizado um gravador de fitas K7;

Os resultados da pesquisa poderão ser tornados públicos através de publicações em encontros científicos, periódicos científicos e ou livros, poderão ser utilizadas formas de apresentação que incluirão fotografias e/ou filmagens, respeitando-se a privacidade e todos os direitos;

Estamos cientes e concordamos em participar desta pesquisa, temos ciência dos nossos direitos e deveres, desta maneira autorizamos a utilização dos dados para fins de pesquisa científica.

Telefones Para Contato

Professor Dr. Edison Duarte: (19) 3788-6616

Alexandre Antonio Félix: (19) 3866-2780

Comitê de Ética em Pesquisa: (19) 3788-8936

Em caso de dúvida, comentário ou reclamação entrar em contato com a equipe da pesquisa.

_____, _____ de _____ 2005

Participante da pesquisa

Pai ou Responsável

APÊNDICE 6 – Transcrição das Entrevistas.

Participante A.

Dados pessoais

- Idade: 25
- Formação: Cursando Nível Superior, Psicologia.
- Característica Física: sexo feminino, deficiente física, usuária de cadeira de rodas
- Atividade Profissional: Não trabalha.

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Percebi, é... no caso da... com relação às pessoas, é... tratamento foi melhor no caso, é... como própria sociedade no caso né em geral, e eu sentia muito preconceito antigamente, quando não dançava, ficava como que fala. é... limitada só uma coisa só, sentia o preconceito na, na escola, é..., qualquer lugar que eu precisa-se de alguém, agora não através do Grupo a gente mostra a vida nossa de cada um de outra forma, fazendo com que a sociedade entenda que o deficiente não é um deficiente inútil, é capaz de é..., atingir vários objetivos, inclusive, hã... é... Como fala?, É, [pausa] perante a sociedade ser visto de outra forma, no caso.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou [enfática]. Porque eu tinha preconceito de mim mesma por não mexer as pernas, porque, eu perguntava pra mim mesma. Por que eu que eu era assim?. Por que que eu nasci assim?. Por que minhas pernas não se mexem?. Qual era o motivo de eu ser deficiente, sendo que no, no no caso meus pais não tinha alguma coisa no caso que mostra-se que eu poderia ser deficiente?. Ai eu, a partir do grupo, eu... vi, me vi de outra forma, que eu podia estar sentada numa cadeira de rodas, ser deficiente, mas ser capaz, de dançar de movimentar, de me expressar, e de... é... Como que eu falo? Preconceito de outra forma, ver o preconceito de outra forma, porque eu tinha preconceito de mim mesma, agora eu não tenho mais, e mostro pras pessoas como que tem que ser daqui por diante.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Tudo de bom na minha vida, a dança pra mim é tudo, no caso, eu fazia tratamentos antigamente parei, através da dança eu posso fazer movimentos que eu nem imaginava que eu poderia estar fazendo de novo no caso. A dança fez muito bem pra mim, eu sou feliz agora, eu era feliz, mas sou muito mais agora, porque a dança pra mim é tudo.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Com relação à família antigamente, eu me sentia bastante desprezada no caso, porque eles me viam como deficiente assim, incapaz de fazer alguma coisa no caso. Através do Grupo de dança eu pude mostrar pra eles que o deficiente não é incapaz de nada, de fazer nada, ele é capaz, de ser alguém na vida, de mostrar, o que ele é realmente no caso.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Ah eu, antigamente, no clube eu não ia muito na piscina porque eu tinha vergonha, eu não ia muito mesmo, agora não, agora eu vou, eu vou a vários lugares, vou a bares, barzinhos, discoteca coisa que, discoteca eu nunca fui, a

partir do momento em que eu entrei no grupo de dança, comecei a ver a realidade, uma realidade diferente no caso, que eu podia fazer muitas coisas, que antes eu não fazia, agora eu faço.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Mudou bastante, eu tinha preconceito com relação à deformidade que eu tenho, no caso no..., na coluna no caso, eu tinha muito medo da reação das pessoas, no caso, quando visse né, a minha deformidade, roupas, eu tinha... assim, vergonha de usar alguns tipos de roupas, agora não, agora eu me vejo, vejo meu corpo de uma outra forma através da dança. *[Qual é a outra forma que você vê seu corpo?]* Vejo, ah, diferente no caso, é..., como que eu vou explica, é..., como eu posso explica, é... eu me via no caso uma deformidade, pra mim aquilo lá eu não aceitava, através do Grupo de dança, com fisioterapia, com atividades é... de alongamento, que a gente vai fazendo no grupo tal, amizade, com relação ao Grupo, me fez ver que o meu corpo é bonito, a minha deformidade não é nada perto, assim, da amizade do Grupo que eu tenho do meu lado das pessoas ao meu redor, que não vê a minha deformidade vê a pessoa que eu sou.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Mudou, porque pra mim a cadeira de rodas não tinha utilidade nenhuma, eu era um deficiente, não tinha condições pra mim de fazer nada, que a cadeira de rodas não era nada pra mim, agora não, agora é movimento, expressão, é tudo na minha vida a cadeira de rodas. *[Expressão do quê?]* Expressão, expressão, de reação do meu corpo, coisas que eu posso fazer com meu corpo, diante da cadeira de rodas, movimentos, coisas que eu nem imaginava que eu poderia fazer.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Minha vida, minha paixão, *[enfática]*. Eu adoro, adoro nossa, demais, eu a partir do momento que eu recebi o convite pra participar do Grupo, fiquei muito, muito feliz, e hoje eu agradeço a eles, por essa felicidade que eu sinto, porque o Grupo RodaPés pra mim é tudo.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

A dança pra mim enquanto tele, telespectadora, pra mim emocionava bastante, agora eu vejo, estando no palco qual é a reação das pessoas, de emoção, a expressão das pessoas, é..., uma felicidade, é uma felicidade tremenda no caso, mas pra algumas pessoas, é... dificuldade no caso. Porque muitas pessoas não enxergam a dança como eu enxergo assim, como uma forma especial, no caso, eles vêem de uma outra forma, é... dificuldades, *[Qual é a diferença da dança que você coloca?]* Eu digo assim, as pessoas que estão ao redor da dança, sabem qual é o sentimento que ela pode transmitir, as emoções, a expressão, agora quem está de fora no caso sociedade, aquela sociedade pequena no caso, não vê a dança dessa forma, uma forma que possa trazer felicidade pras pessoas, é..., o convívio na família, com os amigos, amizades, acima de tudo amizade, muitas pessoas vêem inimizades, é... dificuldades, é... que o deficiente tanto o deficiente como a pessoa normal no caso, não possa fazer o que, alguma coisa assim diferente entende, deficiente não possa fazer dança no caso, pra eles, pra algumas pessoas a dança, é difícil, pro deficiente, eles não tem capacidade de dançar. Agora eu vejo que tenho, i, i espero mostrar pras pessoas também, essa realidade. *[O que é ser uma pessoa normal pra você?]* Uma pessoa que não tem limitação nenhuma no caso, tipo, deficiente ele tem sua limitação de usar uma cadeira de rodas, esse tipo de coisa, agora, a pessoa, a outra pessoa, já é normal eu digo assim, não tem limitação nenhuma, nenhuma barreira no caso, tipo que nem o do deficiente enfrenta.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Eu acho, porque, é no caso pro deficiente, é..., eu vejo assim dessa forma porque você, pro deficiente já é difícil as coisas, eu via que pra dançar, eu num, num daria conta, por eu ser deficiente, agora vejo diferente, que eu posso dançar. Por que as outras pessoas que andam, que correm não podem dançar também? Eles são normal, como eu também sou, eu tenho uma limitação, só *[enfática]*, mas eu sou normal como eles, eu posso fazer, todos os movimentos que eles fazem eu posso fazer, no caso, eu tenho uma pequena limitação, eu vejo dessa forma agora.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não, eu acho que já disse tudo, porque, as pessoas tem que, a sociedade em geral tem que ver que o deficiente, ele não é um deficiente, é... No caso, como que eu posso falar? Eles têm que ver a pessoa de uma outra forma, que eles tem suas limitações, tem barreira, enfrentam bastante, muitos obstáculos, mas eles tem que ver que o deficiente é capaz, de fazer qualquer coisa, como eles também são.

Participante B.

Dados pessoais

- Idade: 18
- Formação: Cursando Nível Superior – 2º ano de Educação Física
- Característica Física: sexo feminino.
- Atividade Profissional: Secretaria do Ginásio de Esportes

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Já.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Sim. Quais é isso? Ah, começaram a ver de outra forma né, quando, que até então, dão, é a gente dançava mas era só o dançar entendeu, ninguém levava a sério, daí, acho que com o trabalho do RodaPés foi provando que era sério, foi provando uma mudança. [Pausa] Na minha vida.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou. bastante [enfática], antes é..., era muita coisa assim que eu pensava, que eu só pensava, que eu, sabe aí, pô, tem, tentava, vê o que o deficiente não poderia fazer tal, e, e no Grupo com a convivência nossa foi mostrando totalmente o contrário.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Ah, [pausa longa], e agora? [Pausa longa], Ah é, é tudo né, poxa eu abriria mão de, de muita coisa, de dançar não porque, faz parte da minha vida sabe, é uma coisa assim que completa.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

É foi mais ou menos o que eu falei, bastante entendeu, todo mundo começou a, a ver por outro lado assim, por, por *respeitar mesmo mais entendeu, considerar como trabalho não só como, ah não tem o que fazer eu vou lá pra dançar*, entendeu, é um trabalho, como se fosse um trabalho. [E em relação a suas atitudes no dia-a-dia fora do ambiente do Grupo?] É, acho que sim, acho que, acho que por tá no Grupo assim, essa responsabilidade, se tá lá porque se gosta do que faz entendeu, e daí se começa a encarar tudo com mais responsabilidade entendeu, se você assumiu o compromisso se vai até o fim.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Ah, bastante entendeu, [pausa]. Ai, muitas coisas, desde dentro de casa, [risos]. eu converso com a minha irmã [risos]. Eu não conversava, e..., ah, muita coisa mudou em mim, principalmente no relacionamento assim e ah, não tem como explicar.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Ai, e, o, o é que assim há... antes é..., é você toca as mãos pras pessoas você sempre levava por outro lado, pensava antes de tocar, pensava antes de falar qualquer coisa, num olhava pra qualquer coisa do corpo, agora não entendeu, é uma coisa assim, se leva pelo profissional e outra, é o corpo não é, né.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Mudou [enfática], porque antes, era só uma cadeira de rodas com uma pessoa que não conseguia andar, e... essas pessoas conseguem mais do que andar, elas dançam, elas num, a cada dia, sem precisar, elas provam pra todo mundo que elas são capazes, entendeu, e..., eu era uma pessoa que pensava, que podia ou não, não podia não.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Tudo [pausa], é a minha vida né [enfática].

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Pra muitas pessoas a dança pode ser mais uma atividade na vida, só que pelo menos pra mim, é, a da, a dança é um, é um instrumento de expressar, de, viver sua vida mesmo, [Expressar o quê?] Expressar seus sentimentos. [A dança é uma atividade única ou existe mais tipos de dança] Existe sim. Existe a dança mecânica, que é o que ensinam, essa dança ninguém ensina é o que você sente, é o que vem de dentro.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Acho que sim, porque, é..., não talvez essa dança mecânica que, que talvez que, que muitas pessoas querem, mas a dança que assim que, que tem um sentimento, que é o que, que, que o nosso Grupo realiza mesmo, é..., uma coisa assim, que não é ensinado, é uma coisa de sentimento, é o que você realmente sente, a dança é consequência, só isso.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não.

Participante C.

Dados pessoais

- Idade: 14
- Formação: Cursando Ensino Fundamental – 7ª Série
- Característica Física: Sexo masculino, deficiente físico, usuário de cadeira de rodas.
- Atividade Profissional: Não trabalha.



1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Sim, [Poderia dizer quais?] Por exemplo assim que as professoras, é, viam eu de outra forma, agora os amigos assim, chama mais pa andar pa, pa escola, pa brincar mais, na física. [Em casa você também percebeu isso?] Não.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Sim, o, a, e, o, u, o deficiente pra mim, é que nem fala, o deficiente pra mim, ninguém é deficiente, todo mundo, todo mundo tem uma deficiência. Pra mim acho que, nada é normal. [O que seria uma pessoa normal pra você?] Acho que, pra mim, ninguém é normal, que nem eu falei, todo mundo tem uma deficiente, normal assim, um, não.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Não entendi. [Qual é a influência? O que a dança faz na sua vida? Qual é a ação da dança na sua vida?] Não entendi ainda. [Qual é a influência da dança? O que a dança proporciona pra você?] A assim dança, mostrar o que eu posso fazer através da dança, se expressar, é... [Ela ajuda em alguma coisa?] Ajuda. [Em que?] Na, no desenvolvimento assim no, nas atividades, no, na, pra se mexer, fazer algo mais com a cadeira.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Não. [As atitudes diz respeito a todas as coisas que você faz, seu comportamento, suas relações. Você nota alguma diferença?] Não.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não. [Novas atividades?] Só na escola, só na física, junto com meus amigos, atividades. [Na cidade você frequenta alguma lugar que não frequentava? Você vai para algum lugar que não ia?] Ah, eu saio bastante com meus amigos, vou pra lugar que eu não ia. [Antes você não fazia?] Não.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

A bom acho que, o meu corpo, acho que, depois que eu comecei a dançar, ta mais, ta, eu consigo mexer mais, eu consigo abaixar, abaixar melhor, o corpo melhorou, o corpo melhorou muito. as atividades de fisio, melhorou bastante o corpo.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Não, porque minha cadeira, tem assim, co, costumei, co, co, cadeira de rodas como fo, desde pequeno, então tive que olhar a cadeira assim pra mim, porque, a cadeira pra mim como se fosse mo, meus pés, pra se movimentar.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Acho que tudo, porque o Grupo sim, é..., a união do grupo, que, quando tem assuntos se debatem no grupo, em Grupo, e, a união com os outros, eu gosto muito do Grupo. [Esta ajudando na sua vida?] Ta [Em quê?] Acho que assim, as pessoas, amigos, tão me vendo de outra forma, algumas pessoas que eu nem conhecia, vem me cumprimentar, e ta gostoso.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Não entendi [O que a dança pode fazer na vida das pessoas?] Acho que assim, as pessoas, que a dança pode trazer alegria, expressar, é, vê as coisas que ela gostaria de fazer, aí fazendo agora. [Expressar o quê?] Expressar os sentimentos, através da dança.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Sim porque, né, e, os deficientes, que nem , que nem eu, eu não pod, pod, é.... pensava que eu deficiente não podia dançar, depois que eu, chamaram eu para dançar, que eu to dançando, então acho que, qualquer um que é deficiente ou não é deficiente, que tem força de vontade, e quer dançar, acho que pode dançar.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não.

Participante D.

Dados pessoais:

- Idade: 26 anos
- Formação: Superior Completo – Fisioterapeuta.
- Característica Física: sexo feminino.
- Atividade Profissional: Fisioterapeuta

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Sim. Algumas vezes Dança Circular e Ginástica Harmônica.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Sim [enfática], [chacalhou a cabeça como sinal de positivo], [pausa longa] [Quais foram as diferença que você observou?] Acho que na minha casa, eu tive um pouco mais de valorização, através deste trabalho quando comecei a dançar, no Grupo de dança RodaPés. Valorização como profissional. [Mais alguma coisa?]. [Pausa longa] Algumas pessoas também da, da cidade de Conchal, é..., passaram a me cumprimentar, e... sempre que me vêem, me, parabenizam pelo trabalho.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Sim, [Pausa longa] É difícil colocar, é..., eu tinha um olhar mais para as pessoas deficientes como pessoas doente, mesmo que eu conhecia já pessoas deficientes e uma delas, uma pessoa deficiente trabalhava comigo, mais no Grupo de dança, a impressão que eu tenho, é que a deficiência tenha uma. [pausa longa] é como se, eu estivesse mais próxima da, não da palavra normal, mas é como se tivesse, [pausa] é... [pausa longa], é, que a gente não enxergasse tanto a deficiência, tentaria ver de uma forma mais normal. [O que é normal pra você?] [Pausa Longa] Talvez as pessoas que na grande maioria, da forma que a grande maioria é, [pausa] especialmente em relação a cadeirante e andante, o que é considerado mais normal é a pessoa que é andante.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

É muito bom dançar, [pausa] e..., dançar trás uma alegria pra gente. [Pausa] E na minha vida, como eu nunca tinha, feito esse tipo de atividade assim com Grupo que a gente se reúne, como uma certa frequência, de..., tem um dia certinho pra gente se encontra, e..., as atividades de dança elas realmente dão uma alegria, prazer, é uma sensação gostosa. [Pausa] E..., acho que é só.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Não [pausa longa]. Desculpa, eu não entendi a pergunta, pergunta de novo? [No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?] Não, acho que, não assim, nesse contexto não notei nenhuma mudança.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

[Pausa] Eu me apresento para o público [risos], até então uma coisa que eu não fazia antes [risos], talvez uma coisa que eu tivesse bastante vergonha, e agora eu não tenho.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Acho que não mudou muito, não. [Pausa] Acho que a relação é a mesma.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Mudou [enfática], é..., a cadeira de rodas para mim antes era mais um, um fardo que a pessoa deficiente tinha que carregar, e através do Grupo de dança RodaPés, eu fui perceber que a cadeira de rodas, é o que possibilita eles dançarem e..., e eu mesmo consigo agora usar a cadeira, faço até alguns, é..., empino a cadeira, então mudou muito pra mim, é um instrumento que eu achava que era uma coisa como se fosse uma coisa, uma coisa ruim, e a pessoa tava com aquele fardo a vida inteira aquilo era uma coisa que talvez a pessoa também odiasse a impressão que eu tinha é que a pessoa odiava a cadeira de rodas, e..., agora eu percebo que, que não, que a cadeira é um instrumento que está possibilitando essas pessoas estarem dançando, e não só isso, é a cadeira que transporta ela, não é um fardo, mas sim uma possibilidade. [A cadeira de rodas seria um meio de locomoção?] Mais ou menos. Como se fosse um meio de locomoção, pra quem realmente é deficiente, é um meio de locomoção, não só de locomoção, [raspou a garganta] *[Do que mais?] É se for ver, na dança tá expressando também os movimentos que talvez ela gostaria de fazer com pernas, mas ela faz com a cadeira.*

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Ah, eu gosto muito do Grupo, gosto muito das pessoas, tenho um carinho especial por todos, e..., o Grupo é, ah, é difícil colocar em palavras pra falar o que o ele representa, mas o sentimento que eu tenho lá é sentimentos bons, é..., que eu tenho por todo mundo, tento ajudar da maneira que posso o Grupo e aprendo com todos eles também, em cada encontro que a gente faz. *[É possível apontar quais são os valores desses encontros?]* Ah, acho que as conversas, né, as trocas, né, e..., cada vez que a gente se encontra a gente conhece um pouquinho mais da vida das pessoas, acho que mais o carinho e a conversa, esse que são os valores que eu vejo no Grupo, o carinho realmente de um com outro a união que tem no Grupo, né, acho que é só.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Pergunta difícil. [risos] [pausa] Ai difícil colocar em palavras, como eu já coloquei um monte de vezes. [risos] A dança ela traz uma alegria, um prazer assim, pra pessoa que tá dançando. Qual é o papel da dança? Talvez deixar, que algum sentimento que a gente não consegue por ele em palavras, como agora eu estou tentando colocar e não consigo, talvez a dança não precise disso, ela a pessoa consegue expressar todo o sentimento dela por um gesto, um movimento. *[Qual é o papel social da dança na vida das pessoas?]* *Depende da dança [enfática]. Dependendo da dança ela consegue, [raspou a garganta], sensibiliza, a sociedade, no caso do Grupo de dança RodaPés, eu vejo que o maior papel dele seja, da dança do Grupo RodaPés, é estar sensibilizando, tá..., [pausa] mostrando também para as pessoas, um outro tipo de sentimento, um outro tipo de possibilidade. [Você falou depende da dança. Então o que é dança pra você?]* Ah, é difícil eu conseguir colocar o que é dança, mas eu falo assim depende da dança porque existe, o funk por exemplo, que é um outro tipo de dança, que também é dança, né, e talvez o contexto do funk, [pausa] como, [pausa], não sei como colocar, de algumas maneiras mostra um pouco mais de malícia, ou de coisas ruins mesmo, né, e..., depende do sentimento que a pessoa quer colocar, eu acho que não tem diferença de dança realmente, eu acho que o que to querendo falar é, depende do sentimento daquela pessoa que esteja dançando, o que ela gostaria de estar mostrando com aquela dança. *[O que é a dança pra você]* [pausa] Falei que essa pergunta era difícil. [Pausa] O que é dança pra mim? [Pausa], Não sei talvez uma [pausa], uma forma de expressão, como uma pintura, artesanato.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Sim, eu acho, porque eu danço [enfática]. [Risos] Porque se eu consegui aprender a dançar, pelo menos alguns passinhos em tão pouco tempo, [pausa], e..., porque eu, as pessoas também, deficientes dançam, as pessoas idosas dançam, como eu já falei que eu acho que a dança é uma forma de expressão, então eu acho que qualquer pessoa possa dançar. *[Você falou que aprendeu alguns passos, a dança é passo?]* Não, é uma forma modo de dizer, porque quando eu falo passo não é um passo com pé, pode ser um gesto com braço, cabeça, com olhos, é..., quando eu falo

em passo no meu entendimento, passos são os gestos, os olhares, a expressão corporal, expressão facial, pra mim isso são os passos. [Você falou que acredita na possibilidade de qualquer pessoa dançar, porque você dança. Você acha que seria incapaz de dançar?] Não que seria incapaz, mas eu sou um pouco desengonçada, e..., pouco desastrada, e tenho dificuldade, em guardar algumas coisas, e eu consegui e pelo menos consigo dentro do Grupo, fazer parte ali daquela coreografia, e eu acho assim como eu consegui eu acho qualquer pessoa pode conseguir, como eu vejo o pessoal do Grupo de dança RodaPés que é deficiente consegue, eu vejo pessoas idosas consegue, outras pessoas que eu também já vi, com mais, mais dificuldade corporal conseguem, como a dança é uma forma de expressão, e qualquer movimento ali qualquer expressão, se a pessoa quiser ela pode transformar em dança, acho que qualquer um pode dançar. [Como você vê a pessoa com deficiência que dança?] Como um dançarino. Como qualquer um, *como se fosse uma peça, como qualquer, cada um fosse uma peça, mesmo quando é um solo, é uma peça só. Cada um fosse uma peça ali, como um dançarino normal.* [Neste caso o que é normal pra você?] [Risos] Agora muda um pouco. Você perguntou o que que era normal quando você estava falando de corpo, e eu falei normal porque a normalidade seria mais, que é o mais comum é pessoas andantes e que pessoas de cadeira de rodas não seria tão normal. Agora no que eu to falando, é que realmente a pessoa, que esse normal, de como um dançarino normal, é tido como se fosse um dançarino, como se fosse não, é um dançarino como qualquer outro, dançarino, [pausa] não sei como definir normal.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não.

Participante E.

Dados pessoais

- Idade: 23
- Formação: Cursando Ensino Superior – 1º ano Educação Física
- Característica Física: sexo masculino, deficiente físico, usuário de cadeira de rodas.
- Atividade Profissional: *Estagiário Projeto Segundo Tempo.*

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Sim, hã..., começaram a perceber que, a cadeira de rodas tanto pra mim quanto para os meus companheiros do Grupo, é..., não modificava em nada, a maneira de, de, de convivência na sociedade ou dentro de casa. [Além disso o que você começou a perceber na forma deles tratarem você?] [Pausa] A, começaram, a, assim como, na sociedade né, a encarar eu numa forma né, como se encaram todos os dias, não como era antigamente como coitado, ou nossa *ele usa cadeira de rodas, tadinho deixa eu ajudar, deixa eu fazer isso, que, ou coisa e tal, mudaram a enxergar eu de uma outra forma, né.*

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Sim [ênfático]. hã..., eu pensava que..., até então, é..., eu não tinha até um certo tipo de preconceito mas acabei percebendo que tinha um pouco, né, é..., pela convivência que eu tenho entre amigos, é..., eu tinha um certo receio, mas não demonstrava, o quanto, e acabei percebendo isso.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Ah, pra mim, é..., cada vez que a gente ta co, com o Grupo, não só a dança, mas sim o trabalho todo, é..., eu percebo que, a dança nos traz tranquilidade, nos traz sossego, e..., eu consigo é..., também, fazer algo né, que eu pensava que não dava pra mim fazer tá, então é me traz uma boa concepção de vida, e no dia-a-dia em que a gente passa com o Grupo.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Sim, é..., amigos né, se tornaram mais fiéis, familiares, é..., começaram a me tratar de uma forma diferente, mais é pra melhora minha.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Sim, é..., hoje eu tenho uma atitude né, bem melhor do que eu tinha antes, porque antes eu era uma pessoa assim *muito nervosa tal, e hoje é..., eu penso né, como eu digo, dez vezes antes de tomar uma atitude errada, então modificou isso* [Em relação ao convívio social mudou algo? Você vai a algum lugar que não ia antes?] Ah, hoje o que mudou foi é..., a oportunidade de emprego né, que eu tive através do Grupo, e..., os locais que a gente participa né, faz as apresentações, os locais que a gente visita, fora isso continua as mesmas coisas que eu já fazia né, os mesmo local que eu freqüentava já. [Você já freqüentava festas, discotecas?] não a discoteca é..., em si, mas eu já ia em festas, bem antes disso, antes de eu participar do Grupo, e saia pra outros locais também. [A partir do momento

que você começou a participar do Grupo, sua participação na sociedade tem aumentado?] Vem aumentando com certeza, bem mais do que antes.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Bem melhor, cem por cento melhor do que era antes, agora eu consigo ter uma outra percepção de mim mesmo, e..., eu não tenho mais receio de alguma coisa né, que eu tinha antes, sabe, agora mudou praticamente cem por cento. [Você tinha receio do que antes?] A qui nem antes, é..., pelo problema que eu tenho no, nos pés né. deles atrofiados. *eu não mostrava isso pra qualquer pessoa, a não ser que, uma pessoa profissional da área, que eu faço tratamento, ou alguém que eu tinha confiança, e agora não já não tem mais esse receio, né, [pausa], não tenho problema em dizer, o, o, problema que eu tenho tal, então isso mudou.*

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Sim, é..., porque, eu hoje não me considero mais um... deficiente físico né, e sim uma pessoa que utiliza cadeira de rodas para poder me locomover, e..., também não considero meus parceiros, a mesma coisa, deficientes físicos, apenas pessoas que precisam de, de algo para se locomover, não considero mais ninguém que, né que utilize cadeira ou de qualquer outro tipo de aparelho como um coitado. [O que seria então um deficiente para você?] Bom, como eu tava dizendo deficiência para mim, é..., eu acho que hoje, é..., pra mim eu considero uma pessoa deficiente. uma pessoa que não tem nenhum tipo de locomoção, não pode se locomover, vive numa cama né, que no caso acho que é, tetraplégico né, pessoa não tem locomoção nenhuma, só meche os olhos, isso pra mim sim é uma deficiência, *aquele pessoa necessita de uma outra pessoa pra fazer tudo pra você, e não acho que no caso nosso, se for ver bem a maioria não tem essa percepção que a gente tem hoje, que..., deficiência, é considerado na sociedade, mas pra mim é normal porque, algo que eu não poderia fazer antes eu pensava que eu não poderia fazer antes, hoje eu faço, então isso pra mim, não é mais uma deficiência, e sim é sucesso na vida.*

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

O Grupo, representa amizade, responsabilidade, é..., direitos e deveres. [Pausa] E também amizade né, que a gente tem, só.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Acho que o principal papel é..., a tranquilidade que a dança nos traz, né, bem estar, e..., também ajuda a gente a enxergar, é..., algo mais na vida, e..., faz com que nós possamos as mudar nossas atitudes e a maneira da nossa convivência.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Sim [enfático], desde que tenha vontade, acho que sim porque, eu nunca pensava que eu poderia fazer algum tipo de dança, *jámais por que algo difícil e hoje tenho a certeza de que qualquer um pode dançar desde de que consiga fazer qualquer tipo de movimento, na dança, realizar a dança.*

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não.

Participante F.

Dados pessoais

- Idade: 16 anos
- Formação: Cursando Segundo Grau 2º Colegial
- Característica Física: sexo masculino.
- Atividade Profissional: Desenvolve trabalhos artesanais no Centro Comunitário.

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Sim.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Sim mudou bastante, porque até meus irmão antigamente não gostariam que eu dançasse-se. Mudou bastante, porque mesmo eles assim próprio me, não davam apoio, agora estão dando mudou bastante e através do Grupo RodaPés eu consegui, atingir os objetivos dos meus irmãos e dos meus familiares também.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou [ênfático], mudou bastante no jeito de conviver com essas pessoas, porque antigamente é.... quando eu convivia com o M.[integrante deficiente físico do Grupo RodaPés], eu tinha, tipo, medo de encostar nele. agora não mudou bastante porque, através do, da dança, do, dessas pessoas, que ta comigo, mudou bastante, essas pessoas trouxe bastante alegria. conviver melhor, é.... respeitar o próximo, só.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Ah, agente percebe bastante coisa, até o, é, o jeito, o carinho, que o grupo tem, pessoas, é...., é o tipo do, relacionamento com, com essas, com atividades. os integrantes né, o jeito que, antigamente eu mesmo não gostava das atividades, acabei gostando. [Qual é a influência, a ação da dança em sua vida?] A ação da dança é. atingir os nossos objetivos. mostrar para a sociedade que todos nós somos capazes.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Mudou, é...., minha família também ta gostando, ta gostando bastante, o G. [referindo a si próprio] que dia que vocês vai dançar, vai, é, vai na fé que vocês consegue, sempre dá aqueles apoio forte. [Depois que você começou o trabalho no Grupo RodaPés, as pessoas começaram a lhe tratar de maneira diferente?] Começaram, cumprimenta, o muito bem pelo trabalho, gostei, nossa é de chorar mesmo aquele trabalho, é, sempre é.... algumas pessoas tem, é, aque. aquelas pessoas que não gostam né, gostaria de, de, [pausa], sei lá, num, nu, [pausa longa], [gesticulou que não sabia o que dizer mais].

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Sim [ênfático]. Completamente. Antigamente não tinha os movimentos, agora eu to tendo os movimentos mais leves, antigamente eu fazia os movimentos mais, mais fora, não dava, os movimentos, e com o Grupo mesmo eu consegui relaxar mais. [Você frequenta algum lugar que não frequentava antes?] Convivo, é principalmente na.... discoteca que eu não ia, que o M.[integrante com deficiência física do Grupo RodaPés], chamava, é.... que a galerinha chamava num convivia, lá também não é lugar adequado, convivo, na avenida também me chama pa ir eu vou, só.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Ta bem mais adequada, antigamente eu tinha, não gostava de contato com a pessoa, agora, o relacionamento é importante.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Mudou sim, porque, eu acreditava que um deficiente não poderia atingir um objetivo como dançar, não imaginava, e ai, é..., eu mesmo to conseguindo fazer uns passos, eu mesmo to atingindo meus objetivos, to gostando sim, de ter contato com o deficiente. [Em relação à cadeira de rodas especificamente, mudou algo?] É porque, a cadeira de rodas é..., a cadeira de rodas é como um, um obstáculo que ele tem que usar o dia-a-dia, uma coisa que ele necessita no dia-a-dia, a cadeira de rodas não é muito importante, importante é a vida, importante o, é..., o carinho, não importa a cadeira de rodas, não precisa daquela, precisá precisa daquela cadeira de rodas, só que não precisa, é..., [pausa longa] [gesticulou que não sabia o que dizer mais].

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Representa bastante, representa porque, esse grupo trouxe bastante, bastante alegria mesmo pra mim, trouxe, felicidades, trouxe mais respeito com os outros, antigamente eu tinha respeito, mas não tinha respeito, como, é..., como hoje, que estou no Grupo RodaPés aprendi, a, ter carinho com as pessoas deficientes, só isso mesmo.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

[Pausa Longa] Não entendi. [O que a dança pode fazer na vida das pessoas?] É a dança tem vários objetivos, varias, varias características, essa dança que nós estamos fazendo no Grupo ai, é uma dança que a gente mostra o sentimento da gente para aquelas pessoas, a gente ta passando o sentimento pras pessoas, i, é a dança que nós frequenta, que nós temos do dia-a-dia é uma dança que, a gente passa, é..., passa o carinho, passa o respeito, tira o preconceito daquelas pessoas, tira, o, a deficiência, tira todas as coisas que não devem ser incluídas, no, no, na sociedade. [Qual é a diferença da dança que você coloca?] A diferença é bastante mesmo porque, é..., eu já dancei bastante, já tive como, é..., um pouquinho já da noção, é bem diferente mesmo porque, é..., outro tipo de dança, se não tem a união, que o grupo RodaPés tem, só.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Sim, porque, a dança não tem aquela que, ou danço melhor que você, ou você sente, ou danço bem melhor que você, não existe a dança todos nós fazemos a dança, todos nós dá o sentimento para aquela dança, é..., eu não danço melhor do que você, que, o não tem como, a dança é uma coisa que, um, um, um algo, que você que, ou que se você que faz você consegue.

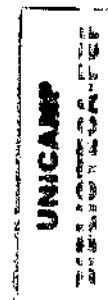
12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Não.

Participante G.

Dados pessoais

- Idade: 26
- Formação: Ensino Fundamental Incompleto cursou até a 6ª Série.
- Característica Física: sexo masculino, deficiente físico, usuário de cadeira de rodas.
- Atividade Profissional: Não Trabalha.



1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Nunca.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Melhorou muito, melhorou muito mesmo [enfático]. [O que melhorou?] Ah, que mudou? Como, como que eu vou te dizer? Mudaram acho que o jeito de olhar pa gente né, começou a muda. [Você percebeu isso de quem?] Ah, de muitos amigos que, outras pessoas que não conheciam a gente também né começou a conhecer. [E dentro de sua casa?] Aqui dentro mudou muito também. É olhou deferente né, porque muita coisa que pensavam que eu não podia fazer, eu posso hoje né, pra dança.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

[Pausa], Ah, mudou né. [O que mudou?] Ah, não consegui entender essa pergunta [Como você vê a pessoa com deficiência atualmente?] Eu acho que, por mim, ante de eu conhecer o Grupo RodaPés, eu nunca imaginei que tinha isso, que, de dança, pessoas como nôi assim anda de cadeira de rodas e pode dança. Eu pensava que não poderia acontecer isso comigo, hoje aconteceu, e to muito feliz, a partir depois que eu entrei no Grupo de dança RodaPés. [E como você vê agora a pessoa com deficiência, depois que você entrou no Grupo RodaPés? O que você acha agora da pessoa com deficiência?] Ah, eu acho que todo mundo tem que dar valor no deficiente, porque uma pessoa apesar da deficiência num, é uma pessoa como todo mundo, e todo mundo tem que tratar a pessoa, como, não olhar pela deficiência dele, mas olhar como pessoa, pelo coração.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Ah, eu percebo que, [pausa longa] melhorou bastante pra mim né, que, [pausa] ah, melhorou muito e.... essa eu não. [E como você percebe as atividades da dança em sua vida? O que você acha que a dança pode fazer, ou fez em sua vida?] Ah, melhorou nos meus pensamentos também que, [pausa] é melhorou muito também, eu já to, corpo mais, mais melhor, por causa acho que do exercício lá que nôi fai, e acho que melhorou bastante sim.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

A notei bastante viu, notei bastante. [E o que você notou?] [Pausa Longa] Ah, eu notei que as pessoas começam a da mais atenção pa gente né, dá mais valor, trata a gente de verdade como a gente é mesmo, sabe trata melhor, bem melhor mesmo.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não. [Você freqüenta algum lugar que não freqüentava antes? Vai a algum lugar que não ia antes?] Bom de, viaja, que nem viaja sempre com o Grupo RodaPés, não, eu não viajava desse jeito, ia no máximo só por perto aqui mesmo na casa dos meus parentes, mais viaja assim, que nem viaja pa dança, todo mundo aplaudino a gente ali, nossa isso aí.

felicidade memo pra gente. [Aqui na cidade você via a algum lugar que não ia antes? Você sai na mesma frequência que saia antes?] Não, saio na mesma frequência.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Bem melhor, é melhor eu, acho que aprendi a te mais confiança, na, no que eu posso fazer, que de primeiro eu não tinha confiança, e hoje apesar, de que nem eu entrei pro Grupo RodaPés, eu tive mais confiança eu tenho mais confiança, eu sei que eu posso fazer muito mais do que eu podia antes, posso fazer muito mais hoje.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Se ele mudou? Ah, eu acho que não mudou né porque, eu sempre tive nas, apesar de por de quatorze anos eu tive que usar cadeira né, apesar do, do costume, eu não sei se mudou alguma coisa, acho que não. [Hoje o que você acha da cadeira de rodas é a mesma coisa que você achava antes?] É.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Hum, olha representa, representa muita coisa viu, representa que nossa depois que eu entrei lá, o Grupo me deu maior força, peguei muita amizade muitos amigos, eu sei que é amigo de verdade memo, acho que vai tá do meu lado sempre que eu precisa, e eu vou agradecer por o Grupo ter me convidado pra mim entrar lá, nesse Grupo, e acho que eu vou ficar lá até quando, Deus permitir né, acho que é isso.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Ah, eu acho que, apesar, a pessoa quando começa a dançar eu acho que, solta as coisas que tem de ruim fica tudo de bom pra gente, toca o coração da gente né, acho que, significa só coisa boa né, coisa boa que significa.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Eu acho que, tem pessoas que, além de andar tudo assim, de ser normal, uma pessoa normal acho que tem muitas pessoas que não é capaz de fazer o que nós faz, uma pessoa de cadeira de rodas que tá fazendo agora no Grupo RodaPés, que dança, e tem muita gente que talvez por ela ser normal, num, num consegue ou, ou num tenta também né, num sei... [Por que você acha que não é qualquer um que pode dançar?] Porque é num tá vontade né, pessoa tem que tá vontade, quando ela que uma coisa ela tem que tá vontade de, de lutar por essa coisa e, se ela tá vontade ela consegue. Porque que nem eu, eu nunca pensei que eu ia conseguir né, porque eu nunca imaginei que eu ia entrar no Grupo, que jeito ia fazer sucesso que nem nós tá fazendo, eu nunca pensei que nós ia, que eu ia, participa disso, recebe tanto aplauso. o coração fica milhão por hora, quase sai pela boca, eu nunca pensei isso. [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Normal, é na minha visão, é aquela pessoa normal ela tá, não tá defeito de nada, não tá, apesar de quanto que é difícil de ter uma pessoa normal hoje em dia, acho que não tem, ela pode ser perfeita mas num tem, num tem essa de ser normal porque talvez ela é perfeita por fora mas o coração num é.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

É..., gostaria de agradecer o Grupo pela oportunidade que o Grupo deu, iii, só esse agradecimento por tudo que o Grupo já fez por mim, só isso.

Participante H.

Dados pessoais

- Idade: 26
- Formação: Superior Completo - Educadora Física
- Característica Física: sexo feminino.
- Atividade Profissional: Secretaria de Esportes.

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Já.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Repete a pergunta. [A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?] Bastante mudança. [Poderia dizer quais?]. Ah, como por exemplo, eu acho que..., os pais, principalmente os pais, começa, começaram a entender melhor o profissional de cada área, por exemplo, é..., eu, como, e, educadora, educadora física, que nem, *houve bastante comparação com o profissional da escola, entendeu, que nem uma vez foi a mãe do M. [integrante do Grupo RodaPés]* mesmo que falou, aí eu não sabia que o professor de educação física também poderia trabalhar com dança tal tal, e da parte profissional teve mudança com os pais, na..., por acreditar mais, acho no, no profissional, foi ca mãe do M. [integrante do Grupo RodaPés] ainda.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou bastante também [enfática], é... [olhou para baixo], antes, eu via uma pessoa com deficiência eu sentia assim um pouco de dó, da pessoa sempre senti dó assim, era assim um dó, mas eu achava assim no fundo que um dia eu podia fazer alguma coisa que ajudasse essas pessoas, né, daí começou o trabalho, com, com o pessoal e, e, acho que assim, acho que a primeira impressão mesmo que eu tinha dos deficientes era eu tinha nu, num me aproximava, que acho que eu tinha dó mesmo, um pouco de dó mesmo, usar a cadeira de rodas.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

Dia-a-dia? Eu acho assim, que a dança faz super bem porque, reflete bem o dia-a-dia te uma vida mais harmoniosa, flexível, eu, eu, eu go, eu sim, eu sou mais feliz quando tem os encontros de domingo sim, eu acho que eu passo uma semana muito mais flexível mais feliz, harmoniosa, entendendo mais as pessoas, porque é o momento ali, é..., a dança que a gente faz né, é o momento que, aí tem um contato maior com o ser humano, um contato gostoso, aí se aprende a tratar, a olhar para as pessoas de outra forma.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Na minha família eu num, eu não notei muita mudança porque, acho que eles já estão meio acostumados assim, porque sempre dancei, sempre, sempre, tive fazendo esse tipo de trabalho, em relação à família assim minha mãe e meu pai, eu não senti muita mudança, eles gostam como sempre gostaram de todos os trabalhos e sinto assim neles, agora da minha irmã J. praticamente até a S. [outra irmã] ela, eles me vem de outra forma, até pouco dias atrás no espetáculo a J. [irmã da entrevistada] mesmo falou que deu pra entender o significado do trabalho né, que a, que é a valorização do ser humano mesmo, e as pessoas do dia-a-dia e, em Conchal não, [enfática]. [E profissionalmente?] Profissionalmente, profissionalmente eu noto poucas mudanças. A poucas mudanças porque, profissionalmente eu

noto poucas mudanças, poucas mudanças, porque acho que infelizmente acho que nosso trabalho, num, sensibiliza mas as pessoas num, não, não valorizam, ele sensibiliza sim mas não valorizam.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

[Pausa longa] Realizo sim. Eu acho que nos encontros mesmo, antes as minhas aulas de dança assim não tinham, significado, não tinha, tinha assim é um significado aparente, só de performance, essas coisas, agora não, agora o significado mudou né, eu acho que primeiro de tudo tá o..., o Grupo a valorização, uns com os outros, e... eu acho que é isso que eu tô realizando mais agora, respeito, eu tô conseguindo aos poucos porque pra mim não era, não foi fácil, *respeita os outros, o que os outros tem a passar pra mim, é, eu acho que foi uma, uma das mudanças.*

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

[Pausa] Essa é uma pergunta bem legal. É..., antes do RodaPés, relação com meu corpo era a preocupação, de tá sempre em dia com o corpo pra fazer uma boa apresentação, pra sim, um, sabe tá o melhor alongamento, a, [pausa], era, era, a melhor performance mesmo, tinha que tá, antes do RodaPés. É, depois do RodaPés, eu vi que isso não tem na, nem um pouco de importância, como a gente sempre fala pouco importa o alongamento pouco importa tudo isso, o que importa mais é você tá naquele momento, é sem se preocupar, sabe o que é mais importante ainda, se não se preocupar com técnica nenhuma, se não se preocupar que depois que terminar o espetáculo, vão falar pra você assim, *ai tava, faltou alongamento nisso, faltou perna naquilo, faltou isso, isso é o que menos importa agora, mais importante mesmo é o grupo, é o contato, é a harmonia, é... a dança que a gente faz, de acordo com o que a gente tem vontade mesmo.*

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Mudou, antes eu via a cadeira de rodas, assim, [pausa], eu via aquelas pessoas em cima daquelas cadeiras de rodas que nem eu falei, tinha dó mesmo de ver [risos] assim que eu podia andar e as outras pessoas não podiam andar [risos], eu me sentia mal assim, de vê que algumas pessoas não podem andar e eu posso andar, isso me deixava muito mal, é uma relação que é, eu não sei dizer se eu tinha dó de mim de ser assim ou tinha dó da pessoa, isso, isso me deixava mal mesmo de ver, olhar a pessoa numa cadeira de rodas. Hoje, eu consigo ver a cadeira de rodas bem de outra forma, eu vejo que, que é, é, é um, acessório mesmo né, pra eles da dança, que u..., que uma cadeira de rodas, não impossibilita nada na vida do ser humano, é um simples meio de locomoção mesmo, hoje eu vejo, não tenho dó, não tenho nada, pelo contrário.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Ah o Grupo, RodaPés hoje, representa acho que, metade da minha vida, metade da minha vida, eu falo assim com, com bastante emoção [lágrimas nos olhos]. Eu tô falando, que foi com eles que, que nem eu escrevi no meu trabalho, foi com eles que eu aprendi a ser mais humana, eu aprendi vários conceitos novos, e eu acho que sim, não sei se a gente, a gente causou transformação na vida deles, na minha eles causaram bastante muita transformação, eu acho que eu não sei o que seria de mim sem o RodaPés, hoje, não sei se traria, trab, taria se taria trabalhando com dança, e..., um, eles me ajudaram muito na minha vida, e..., eles que nem eu falei, eles são metade da minha vida o grupo hoje, são metade da minha vida, são, se não forem a, o, a essência total da minha vida, porque eu num, num, não conseguiria ficar mais sem o RodaPés, não mesmo.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

[Pausa] Bom, da nossa dança, [pausa], né, [pausa], ela, ela uma, ela é a concepção de toda uma vida humana né, a dança, ela transforma, ela sensibiliza, ela torna a vida das, dos seres humanos mais flexível, mais harmoniosa, e..., a pessoa que dança ela fica bem perto dos sonhos, fica bem perto do, de, [pausa] sabe desejos mais íntimos assim, a pessoa que dança consegue chegar, sabe nesse, nesse desejo, e isso, ele reflete, reflete muito no dia-a-dia, na sociedade, porque a gente consome, a gente começa a acreditar mais na gente né, porque no momento que você se descobre, você acredita em você, então acho que a dança ela é uma descoberta, há..., do do corpo humano, do sentido mesmo, do corpo né, e a partir do momento em que você sabe pra que que é, que você tem certeza do seu sentido, ela

vai refletir mesmo na sociedade, eu acho. [Qual é a diferença da dança que você coloca?] A nossa então, a outra, a nossa dança é tudo o que eu falei até agora, é uma dança humana. A outra dança, é a dança que.... [pausa], é a dança espetáculo que a gente fala, dança, técnica é a dança que, que se vê aí balé clássico, outros tipos de dança, moderna, é uma dança assim que, que tudo é imposto, as pessoas são condicionadas a fazer o que, que uma outra pessoa impõe, e.... e aí, a pessoa não tem a liberdade de expressar o que ela sente de verdade, ela expressa o que uma outra pessoa tá pedindo, e essa, e esse, é um tipo de dança, uma dança técnica, uma dança mecânica, com movimentos padronizados, e isso é imposto, então a pessoa não tem uma liberdade de, sentimento uma liberdade de emoção, até de emoção ela não tem, porque emoção, a, a emoção que ela tem que fazer naquela, nessa, nessa outra dança é imposto por uma outra pessoa, ó você vai ficar sério, ó é sério naquela dança, vai ficar assim, ela não tem liberdade de emoção, sentimento, e isso prejudica a pessoa, como eu falei como a nossa dança reflete uma, um lado por uma vida mais harmoniosa, essa outra reflete de outra forma, a pessoa que, ela é, o tempo todo condicionada a fazer alguma coisa, na sociedade ela vai ser assim também, o tempo todo tá condicionada.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Qualquer pessoa é capaz de dançar, porque, [pausa], acho que desde o princípio da vida né, na, na barriga da mãe já dança né, é um é um movimento, um movimento que, no, no útero já é um movimento dançante que a gente fala né, a pessoa, a pessoa já tem um ritmo dentro da barriga da mãe, sem saber, sem saber o que, o que é, mais já tem ali um ritmo estabelecido, e...., um, qualquer pessoa hoje pode dançar, hoje eu tenho essa consciência que qualquer pessoa a partir do, a partir da sua, da experiência que ela tem, de dança, a partir do que ela traz, se ela conseguir jogar isso pra fora isso torna-se um movimento, qualquer maneira de expressão, qualquer movimento é válido né, então qualquer pessoa acho que pode dançar, e bem ainda.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

Eu gostaria de dizer sim, é...., o que, o que eu sempre falo, que as pessoas devem conhecer os dois tipos de dança, tem que conhecer, porque eu conheci, e hoje eu posso dizer com certeza, que, [pausa] uma dança que, valoriza o ser humano, é a dança que torna as pessoas mais felizes, é uma dança que não tem, é...., [pausa longa] é uma dança. aí num sei, acabou, pronto.

Participante I.

Dados pessoais

- Idade: 33
- Formação: 2º Grau Completo
- Característica Física: sexo masculino, deficiente físico, usuário de cadeira de rodas.
- Atividade Profissional: Empresário na área de Informática.

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Eu, comecei a perceber, a empolgação junto comigo sabe, consegui realizar um paço, ah, a independência se tornou um pouco maior também. [Você percebeu alguma diferença na maneira que os outros lhe tratam?] Mais respeito, mais respeito e admiração.

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou que eu comecei a ver que a minha deficiência não era, digamos assim a única, não é, no meu mundo, eu via ela como no meu mundo, daí eu comecei a ver outras deficiências piores ou digamos assim, mais, como eu posso dizer, é..., delicadas, deficiências mais delicadas, e..., num consegue, pessoas que precisam usar frauda, passar sonda, eu não necessito nada disso, então começou abrir um pouco mais a minha cabeça, vendo essas outras pessoas assim.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

[Pausa] As atividades da dança na minha vida? Eu percebo que, hoje, eu tenho, eu, barreiras, e eu quero superar essas barreiras, entende, eu quero, ah..., com a dança eu percebi, que eu posso, conquistar muito do que eu já, já tenho, muita coisa, tanto do lado de família, do lado de atitude, como pessoa, relacionamento com as outras pessoas eu posso também ia melhorando, e..., crescer, sempre crescer, eu não, não é porque eu estou numa cadeira de rodas que eu sou, um..., como a própria palavra fala deficiente, eu só sou uma pessoa especial, eu preciso de, de..., um pouco mais de..., eu tenho mais dificuldade, pra conseguir algo, só que agora eu sei que eu consigo, mesmo com as minhas dificuldades, eu vou lá e consigo.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

Poderia especificar um pouco mais essa pergunta? [Como é que as pessoas encaram hoje suas atitudes?] Elas, encaram com mais respeito, com o P. [referindo a si próprio] pode, o P. é capaz, o P. vai lá e resolve, antes não, antes ah, não que, elas achavam isso, eu deixava achar isso, e hoje já não deixo, hoje eu vou lá e resolvo, independente do tamanho do problema e da situação também, eu vou lá e resolvo, porque eu consigo resolver, de uma forma ou de outra eu consigo.

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

[Pausa longa] Realizo. Ah..., hoje, eu..., sou coordenador de uma pastoral de jovens, é..., em sentido de cidade, e..., é difícil trabalhar com outras pessoas com as outras pessoas, que tem digamos assim, outros conceitos, é..., a gente eu sempre tento colocar que a maior o maior objetivo nosso é trazer os jovens de volta pra igreja, e..., antes do grupo eu

tenho certeza, eu não conseguiria desenvolver este trabalho, porque no Grupo a gente aprende a união, a preocupação entre os membros, o grupo não é eu, não é, beltrano ou ciclano, e sim é o todo, cada um faz parte do corpo do Grupo.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Antes eu não tinha tanto respeito como eu tenho hoje, eu, não me preocupava em praticar esportes, que nem hoje faço natação, se eu faltou muito uma semana, o corpo já sente a falta do esporte da natação, o próprio tratamento de fisioterapia, é..., semanal, eu, hoje eu vejo a necessidade de ta com meu corpo ativo, porque eu tenho a consciência da minha defici da, digamos assim, patologia ou doença, se eu ficar deitado, a semana toda, eu vou perder movimento, e..., se eu praticar esporte, fisioterapia, a própria dança, que quera parece que não mas, há..., a dança requer muito do corpo, e o corpo tem que tar obediente, tanto que nos ensaios que é de domingo, né, das duas as quatro, antes do próprio grupo eu gostava de, enche a cara mesmo de sábado, bebia mesmo, e agora não, porque, por causa da consciência da do meu corpo e outra, o corpo não obedece, você tando de ressaca, bode no domingo, essas coisas, e já faz um bom tempo que eu não, encho a cara, uma cerveja o outra a gente, todo mundo toma mas, do contrário faz um bom tempo que eu não encho a cara.

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

Antes eu tinha pena da cadeira, e agora eu tenho orgulho, porque eu vejo com a cadeira é um, ela faz parte do meu corpo, ela me ajuda, a ir de um local a outro, e graças a ela eu conheci a dança, porque eu acredito que se eu fosse uma pessoa, conforme a sociedade diz, emprega de ser uma pessoa normal, tendo as pernas boas, provavelmente eu não taria num grupo de dança, e hoje eu vejo que a cadeira, é um, faz parte do meu corpo, e eu tenho muito respeito e orgulho por ela. [O que é ser uma pessoa normal pra você?] Pra mim, é ta em paz consigo mesmo, e fazer da sua vida, tudo na sua vida com muito amor, não importa a dificuldade, e não importa a, o que os outros acham, importa o que você é, o que você faz, isso é normal. [Em relação ao corpo, o que é normal pra você?] Em relação ao corpo? Em relação ao corpo, [pausa longa] é você conseguir fazer, um gesto, um movimento numa dança, não importa se você tem, o..., metade de um braço, uma perna só, ou você anda de muleta, ou se você não tem nenhuma perna, não importa isso, o corpo é apenas uma casca, o que importa é o que ta dentro, o corpo é uma casca.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Uma segunda família [ênfático]. Uma segunda família que complementou minha educação, da minha, da minha família mesmo, do meu pai da minha mãe, lá eu aprendi o que é, respeitar um irmão, irmão que não é de sangue, mas se você encontra ele com dificuldade na rua, você se preocupa, se preocupa se ele ta doente ou não, ele complementa a vida, o Grupo de dança é minha segunda família, tanto que, [risos] a gente, em quinze dias, numa semana de férias, no dia de natal, reunirão todo mundo aqui em casa, era cinco horas da tarde eu tive que, sair da uma volta, passar na frente da, da onde que a gente ensaia, porque tava faltando um pedaço, de mim, eu tive que passar lá pra complementar, eu sabia que eu não ia encontrar ninguém lá, mas eu tive que passar lá.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

Pausa, a dança, ela complementa a vida, ela abre novos horizontes, a gente acaba vendo, um mundo que gente nunca, eu nunca imaginei que ia vê, conhecer outras pessoas, a dança ela, eu nunca na vida achei que um dia eu ia dançar, nunca, tem vez que eu paro e me pergunto. O que eu faço? Se eu tiver que fazer uma escolha, da minha área profissional, da minha área junto com a dança, eu tenho certeza da minha escolha é a dança [ênfático]. Parece que ta na veia. [E qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?] [Pausa] É através do do movimento, passar, o que a gente sente no coração, passar o que a gente ta vivendo naquele momento, é mudança, a dança, é mudança de vida, é uma vida mais tranqüila, mais pé no chão, com a cabeça aberta pra realidade, e sem te pena consigo mesmo, porque tem hora que a realidade assusta, e a dança não deixa você recuar tremer.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

[Pausa longa] Essa pergunta é um pouco, pra mim é uma pergunta de dois lados, uma faca de dois lados digamos assim. Qualquer pessoa pode dançar [ênfático] pode dançar, porque não importa a forma, [tosse] que é o estado físico

dela, ou mental, ela dança, eu já vi, em..., programas, pessoas com deficiências, com..., paralisia cerebral, que não consegue fazer um movimento, que a hora que ta encima do palco numa cadeira de rodas, ouvindo a musica, ouvindo o companheiro da dança, vendo o companheiro da dança, ela consegue movimentar eu vi isso, num programa, e respondo também, tem pessoas que também não conseguem dançar, por causa da deficiência que tem em relação ao mundo, como essa pessoa vê o mundo, ela é tão fechada, tão seca, que ela mesma tem a maior deficiência, o coração ta seco, então ela não consegue dançar.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

[Pausa Longa] Pra quem acha que a dança, é, [pausa], [tosse], um meio de, [pausa], de se aparecer de subir no palco, e se mostrar, é totalmente errado, a dança muda a pessoa, a dança não é só palco, a dança é uma escola da vida, porque na dança se a gente erra, com o erro a gente inventa um passo, e na vida, a gente não, dependendo a situação, se a gente errar, é muito difícil arrumar, é isso, a dança é uma escola de aprendizagem, de convivência e de grandes amizades.

Participante J.

Dados pessoais

- Idade: 15
- Formação: Cursando Ensino Fundamental – 8ª Série
- Característica Física: sexo feminino.
- Atividade Profissional: Não Trabalha.

1 – Você já havia realizado atividades de dança antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Sim.

2 – A partir do momento que começou a dançar no Grupo RodaPés, você observou alguma diferença na forma em que as pessoas, (professores, pais, familiares, amigos entre outros) lhe tratam?

Eu percebi [enfática], é..., a sei lá, passa a ver a gente de outras formas, assim acho que um pouco, com mais valor, com mais sabedoria sabe de conhecer essa pessoas como deficiente físico assim, é diferente aí faz perguntas, um monte de coisa é..., foi diferente sim [enfática].

3 – Após entrar para o Grupo RodaPés, alguma coisa mudou em você na forma de perceber a pessoa com deficiência?

Mudou [enfática]. Mudou porque, eu classificava essas pessoas como, eu acho, eu pensava assim que, devia ser diferente sabe, dividido assim das outras pe, separado, tipo um lugar pra deficiente físico, um pra cego, sabe eu pensava dessa forma, que cada um devia ficar na sua sabe, sem se misturar, aí depois que eu entrei pro grupo, percebi que isso aí era bobagem, todo mundo pode viver junto.

4 – Como você percebe as atividades da dança em sua vida?

[Pausa Longa] Eu não sei como falar [risos]. Ah, sei lá assim, quando eu tô dançando, vem, várias coisas na cabeça é..., eu começo senti algumas coisas, às vezes da vontade de chorar, fica pensando em alguma pessoa, é..., ela faz o que, na, é assim, renascer sentimentos que você não consegue sentir assim normal, é como se eu conseguisse ser eu mesma só dançando, entendeu.

5 – No que diz respeito à preocupação com suas atitudes, você nota alguma mudança na forma de seus familiares ou pessoas próximas lhe tratarem depois que você começou a participar do Grupo RodaPés?

É, mudou, como eu já falei né, passa a ver a gente de outra forma, acho que até mais interessante. aí, ah, sei lá [risos].

6 – Você realiza hoje algo que não realizava antes de entrar para o Grupo RodaPés?

Não. acho que não. Não mudou nada.

7 – Como era antes e como está agora após sua participação no Grupo RodaPés, a sua relação com o seu corpo?

Ah, essa é boa! É..., antes eu pensava muito em beleza, pensava em ser tipo parecida com uma pessoa, é..., sabe ser bonita, não sei, só pensava nisso, antes tinha muita vaidade, aí, convivendo com as pessoas do Grupo assim, com a história sei lá, aí se vê que, você ser uma pessoa interessante é bem melhor que se preocupar com a beleza. aí eu passei a mudar, não ligo mais pra cabelo, pra unha, pra sabe, essas coisas [risos].

8 – Seu olhar para a cadeira de rodas mudou após a dança junto ao Grupo RodaPés? Por quê?

É mudou [enfática]. Ah, eu pensava assim, [pausa], cadeira de rodas não pode fazer nada é.... se fica inválido alguma coisa, aí se vê o que as pessoas fazem, se conversa com as pessoas, tem hora que eu até esqueço que são cadeirantes. [risos], é..., sabe é diferente, até as pessoas que me falam que. Como que eu consigo sentar numa cadeira? Meus amigos. Como que eu consigo sentar numa cadeira de rodas? Se não tenho tontura? Se eu não passo mal? Eu falo não, não tem nada a ver pra mim é um a cadeira normal, simplesmente anda, pra mim é normal.

9 – O que o Grupo RodaPés representa para você?

Então, é, são, melhores assim, são pessoas que, me entendem de verdade porque, eu não me dou muito bem com a minha família. São pessoas que me entendem, que me respeitam, que eu sinto que gostam de mim, né, é..., é um relacionamento diferente do que com meus amigos, parentes, assim, é diferente do grupo, porque é diferente as pessoas, é uma coisa que não dá pra explicar.

10 – Para você qual é o principal papel da dança na vida das pessoas?

É passar, tentar passar, o que a gente vive assim, o que você é, o que você gosta, seus sentimentos, é tentar passar através da dança, o sentimento, o que você é mesmo, o que você sente, o que que se tá sentindo na hora, que você existe.

11 – Você acha que qualquer pessoa é capaz de dançar? Por quê?

Ah, eu acho que sim, é..., dança, pelo menos a dança que a gente faz, é..., não é você saber erguer a perna não, não é uma coisa, não é técnica [enfática]. É sentimento mesmo, você levantar o braço, fazer alguma coisa, tem. Tá fazendo por quê? Com sentimento que o seu coração tá podendo, e não porque você tem que fazer, que é mecânico, eu acho que é uma coisa, que você faz por livre e espontânea vontade, então qualquer pessoa pode fazer. [Qual é a diferença da dança que você coloca] É tem clássicos, que tipo, se tem que saber, saber, tem que saber abrir uma perna, tem que saber, a mão direitinho, e..., é diferente porque a gente, qualquer um faz no seu limite, na nossa dança assim, na nossa né, qualquer um faz no seu limite, então é diferente.

12 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o que discutimos aqui?

[Pausa Longa]. Não.